

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**VIDAS EM TORNO DE UM RIO: NARRATIVAS SOBRE DESERTOS E  
SABERES**

**PRISCILA FERNANDA RECH**

**Florianópolis**

**2008**

**PRISCILA FERNANDA RECH**

**VIDAS EM TORNO DE UM RIO: NARRATIVAS SOBRE DESERTOS E  
SABERES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Ciências  
Biológicas da Universidade Federal de  
Santa Catarina como requisito parcial à  
obtenção do grau de Bacharel em  
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso  
Guimarães

**Florianópolis**

**2008**

**PRISCILA FERNANDA RECH**

**VIDAS EM TORNO DE UM RIO: NARRATIVAS SOBRE DESERTOS E  
SABERES**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor Alcir Luiz Dafré

Coordenador do Curso de Ciências Biológicas

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Membro Titular: Prof. Valdo Barcelos

Membro Titular: Profa. Sonia Bück

Membro Suplente: Biólogo Eduardo Hermes Silva

Florianópolis, 02 de dezembro de 2008.

*Aos meus amados pais, Nelson e Noeli, que  
me guiaram por lindos e promissores  
caminhos e enveredaram comigo em busca da  
realização de meus sonhos.*



## **AGRADECIMENTOS**

Acredito que, todo empreendimento humano é bem melhor realizado em coletivo, com muitas mãos trabalhando e mentes pensando. O meu Trabalho de Conclusão de Curso é um exemplo disso; ele é resultado da ajuda e parceria de muitas pessoas e gostaria de agradecer, aqui, a cada uma delas.

Não é por ser de praxe que agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador. É porque, de fato, ele foi muito importante ao longo do processo de construção da minha pesquisa. Foi nele em quem me apoiei, deposei confiança e de quem recebi suporte teórico para desenvolver bem meu Trabalho final. Obrigada, Leandro!

Não posso esquecer-me das consultoras. As professoras Shaula Sampaio e Sonia Bück que dedicaram um pouco de seus preciosos tempos na avaliação do meu Projeto de TCC, tudo para que o Trabalho final fosse o melhor possível. Preciso prestar meu agradecimento, ainda, à Gizelle Corso, por ter feito as correções. Ademais, é indispensável agradecer aos colegas de TECENDO: Fran, Fer, Aline, Juju, Silver, Tiago, Julia, Maíra, Janice, Júlia, Anna, André e aos outros visitantes. O convívio com vocês neste um ano foi muito importante; eu cresci muito. Valeu pelas dicas, pelas trocas de experiência e pelas risadas.

Meu imenso reconhecimento e estima pelas pessoas que forneceram seus relatos, suas histórias de vida e que compõem este Trabalho. Sou muito grata aos moradores do Taquá: homens, mulheres, jovens, idosos, que sempre me receberam de braços abertos e confiaram em mim todas as vezes que abriam a porta de suas casas à minha visita.

Meu obrigado, também, às instituições que me ajudaram com mapas, fotos, históricos e outras informações. Cito: a Prefeitura Municipal de Barra Bonita, a Prefeitura Municipal de Palma Sola, o Escritório Municipal da EPAGRI/Descanso, o Escritório Regional da EPAGRI, EPAGRI/CIRAM, a Polícia Ambiental, a Paróquia de Descanso e a UNOESC/SMO.

Tia Neca, Tio Antoninho, Tio Galdino, pai, mãe e mano, a quem, também, devo agradecer por terem me acompanhado às visitas de campo. Muito obrigada, sem vocês, eu não teria conseguido.

Aproveito este espaço para agradecer, ainda, àqueles que não estão diretamente vinculados ao TCC, porém, de igual maneira, merecem todo meu reconhecimento. São pessoas que, pelo simples fato de em um dado momento terem contribuído com uma palavra de incentivo, um puxão de orelha, um sorriso escancarado e um abraço caloroso, são dignos de serem chamados amigos e, por isso, agradeço-os:

Mari-Miuki, Tita, Nina, Manu, Fran, Gabi. Vocês foram a minha família na Biologia. Não me esquecerei de vocês jamais. Adoro-as.

Aos amigos dos tempos de São Miguel: Gabis, Marias, Dani, Daias, Cínthia, Lilian, Ligia, Patis, Ana, Edis, Grazi, Pri, Thays, Letis. Pessoas de quem me recordo com carinho e cujas boas lembranças são inapagáveis.

A todos os meus professores, a quem muito devo. Vocês abriram-me portas, lindos caminhos. Meu imenso reconhecimento, principalmente, a Professora Eneida que me motivou a gostar da Licenciatura e a enxergar-me, pela primeira vez, como uma educadora.

Ao meu amado, Ary Alexandre, minha gratidão especial. Pela paciência durante a “imersão” no TCC, pelos bons conselhos de sempre, pelo respeito, por tanto amor. Amo você!

À minha maravilhosa família, meu agradecimento em forma de respeito e admiração. Sobretudo, aos meus pais, pela dedicação e amor sem limites. A mana Leti, pelas risadas e ao mano Luiz, pela companhia de 22 anos. Amo-os além-vida.

Ademais, agradeço às grandes *nature mentors*, que me impulsionaram a seguir por este caminho, incutindo em mim o sonho de ser Bióloga. Minha estima pela professora Soldi, que me ensinou o gosto pela Biologia e meu agradecimento eterno a doce vó Maria, por me ensinar a gostar da vida, em todas suas formas e detalhes.

Por fim, agradeço a todas as forças que regem esse mundo magnífico e que também me conduzem e, até hoje, fizeram tudo conspirar a meu favor. Oxalá, continue sempre assim, em um caminho belo, sem fim.

“Por não amarmos a terra nem as coisas da terra, mas apenas as aproveitarmos (...) perdemos o toque da vida. (...) Perdemos o sentido da ternura, essa sensibilidade, essa reação às coisas belas e será apenas com o reavivar dessa sensibilidade que conseguiremos compreender o que é a verdadeira relação

Jiddu Krishnamurti

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1- O MEU CAMINHAR.....	14
CAPÍTULO 2 - O LUGAR.....	20
2.1 Pensando o lugar.....	20
2.2 Caracterizando o lugar.....	21
CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	31
3.1 Educação Ambiental e Estudos Culturais: múltiplos caminhos.....	31
3.2 As visitas.....	33
CAPÍTULO 4 – NARRATIVAS DE DESERTOS REPLETOS DE VIDAS, DE VERDES, DE HISTÓRIAS... ..	40
4.1 O deserto que cresce.....	40
4.2 Desertificação de quê?.....	41
4.3 Um Deserto de gente... ..	43
4.4 (...) De Peixe... ..	48
4.5 (...) De água.....	53
4.6 (...) De relações humanas... ..	59
4.7 O oásis... A vivacidade! .....	62
CAPÍTULO 5- SEREI EU DESTE LUGAR? UM DESENCONTRO COMIGO MESMA... ..	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
APÊNDICE I – Diário de Campo .....	70
ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	144
ANEXO II – Histórico da cidade de Descanso .....	146
ANEXO III- Mapas diversos.....	147

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01- As belas curvas do Rio das Antas.....	20
Ilustração 02 – Localização da cidade de Descanso/SC.....	22
Ilustração 03 – Mapa aproximado da cidade de Descanso/SC.....	23
Ilustração 04 - Os pioneiros .....	27
Ilustração 05- Caminho percorrido até o Rio.....	31
Ilustração 06- No início da comunidade... ..	43
Ilustração 07 – Quando ainda havia infância... ..	46
Ilustração 08- Outrora um Rio cheio de peixes... ..	48
Ilustração 09 – A cheia do Antas .....	53
Ilustração 10 – A aproximação ou o desencontro entre o Rio e a pesquisadora? .....	66
Ilustração 11- A comunidade... ..	74
Ilustração 12- O surgimento do Rio... ..	76
Ilustração 13: A sujeira do Rio .....	78
Ilustração 14 - O morro e a flora da Bacia do Uruguai .....	79
Ilustração 15 - A casa dos Turim: o verde abraçando a casa .....	80
Ilustração 16 – A PCH no Rio das Antas .....	81
Ilustração 17 – A enchente... ..	84
Ilustração 18 - O “aparelho de medir pressão” e os “medicamentos” .....	86
Ilustrações 19 e 20 - Utensílios encontrados na roça e preservados pela moradora.....	87
Ilustrações 21 e 22 - A companhia dos animais.....	88
Ilustração 23 - A festa das galinhas.....	88
Ilustração 24 - O apagar das luzes.....	89
Ilustração 25 - Turismo de aventura no Rio das Antas .....	91
Ilustração 26 - O Rio Lajeado Grande, um dos formadores do Antas.....	93
Ilustração 27 - O gado enfeitando o campo.....	94
Ilustração 28 - Pomares de frutas.....	94
Ilustração 29 - O sol das nove.....	95
Ilustrações 30 e 31 - O Rio Neco na desembocadura do Antas.....	104
Ilustrações 32, 33 - Das poucas casas de alvenaria, praticamente todas estão abandonadas.....	105
Ilustração 34 – A escola em férias permanentes.....	105

<b>Ilustração 35 - Verde brilhante.....</b>	<b>115</b>
<b>Ilustração 36 - A casa escondida pelo mato.....</b>	<b>116</b>
<b>Ilustração 37 - O Neco servindo de fonte para o gado.....</b>	<b>116</b>
<b>Ilustração 38 – O serpear das águas... ..</b>	<b>117</b>
<b>Ilustração 39 - Branquinho e pretinho.....</b>	<b>118</b>
<b>Ilustração 40 – Fogão de lenha... E uma rede na varanda... ..</b>	<b>119</b>
<b>Ilustração 41 - Chás e saberes na Horta .....</b>	<b>119</b>
<b>Ilustração 42 – A casa abandonada entre o capim.....</b>	<b>121</b>
<b>Ilustração 43 - Os alunos do Taquá em apresentação cívica.....</b>	<b>128</b>
<b>Ilustração 44 – A parabólica... ..</b>	<b>132</b>
<b>Ilustração 45 - O jovem do Taquá .....</b>	<b>134</b>
<b>Ilustração 46 - O chapéu-de-palha.....</b>	<b>137</b>

## APRESENTAÇÃO

Qual é, afinal, a verdadeira relação? Como reavivar a sensibilidade? Por que perdemos o sentido da ternura, o toque da vida? Será que é por não amarmos as coisas da Terra? Será?

Todas essas interrogações que foram retiradas da epígrafe que escolhi para abrir meu Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas percorreram a minha mente por um longo tempo, desde a primeira vez em que lancei meu olhar sobre as palavras de Jiddu Krishnamurti<sup>1</sup> quando no período em que produzimos<sup>2</sup> o Projeto de Conclusão de Curso.

Neste projeto que deu início a este texto maior, utilizei a mesma frase como inscrição porque acreditava que o Projeto e, depois, o TCC viesse a compreender essa relação entre o ribeirão, morador da comunidade do Taquá (localizado no Extremo-Oeste de Santa Catarina) e o Rio das Antas e, também, conjecturei que a pesquisa pudesse responder aos outros questionamentos levantados acima. Porém, ao longo do Projeto, fui percebendo que não seria fácil arranjar todas essas respostas, mesmo que, no fundo, no fundo, ainda acreditasse que poderia, sim. O professor Leandro que o diga.

Foi quando a empreitada do TCC começou e fez-me refletir melhor sobre as inscrições feitas por Jiddu e a compreender que, possivelmente, não conseguiria responder a todas essas complexas perguntas que tomavam conta de mim. Então, contentei-me em tentar desvendar, o que é mais fatível, apenas uma daquelas questões:

Como é a relação do ribeirão com o Rio das Antas e como esses moradores narram essa relação ao longo do tempo – passado, presente e futuro? Essa é a grande questão desta pesquisa, que começo a apresentar-lhes.

---

<sup>1</sup> Filósofo indiano, nascido em 1895, escreveu vários livros, proferiu várias palestras que davam destaque, sobretudo, à questão da educação.

<sup>2</sup> Coloco a palavra no plural, pois, como mencionei nos agradecimentos, essas teceduras não foram produzidas apenas pelas minhas mãos e pelo meu pensar. É resultado da colaboração de muitas pessoas, principalmente do meu orientador.



No entanto, antes de encetar a tratar da própria pesquisa, vou compartilhar com vocês um pouco sobre a minha caminhada; sobre os tempos em que me encontrava brincando de ser gente grande até passar a me enxergar como uma Bióloga, ou seja, quando eu já me via gente grande, impregnada de inúmeras responsabilidades. Esse é o primeiro capítulo deste Trabalho.

Logo depois de narrar o meu caminhar, vem o segundo capítulo onde vou dividir com vocês a história da comunidade e outros dados importantes sobre os moradores, o Rio e a própria região Extremo-Oeste de Santa Catarina.

O terceiro capítulo trata dos conceitos utilizados, bem como as leituras realizadas, as questões da pesquisa - as metodologias.

No quarto capítulo concentram-se as análises sobre os depoimentos dos moradores do Taquá e que fornecem pistas para entender um pouco aquele lugar.

O último capítulo é uma sugestão do meu orientador. Nele irei contar, brevemente, sobre os encontros e desencontros que aconteceram comigo ao longo do processo investigativo e que fizeram com que eu abandonasse a idéia, a qual mantive ao longo de quase todo o caminhar da pesquisa, de que fazia parte daquele lugar.

Para completar os capítulos e fazer com que eles tenham mais sentido, dispus em anexo todo o Diário de Campo, que relata as saídas, as conversas, meus pensamentos, anseios, devaneios. São quase 70 páginas de muita, muita história.

Vamos lá. Espero que as histórias contadas nesse Trabalho possibilitem a todos “molharem seus pés e, ao mesmo tempo, sensibilizar a alma”<sup>3</sup>, como aconteceu comigo nesta experiência de quase um ano. Boa leitura!

---

<sup>3</sup> Inspiração no texto: *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania* de Marcos Sorrentino.

## CAPÍTULO 1 - O MEU CAMINHAR

O passado é uma presença contraditória, algo que nunca termina de se fechar e, ao mesmo tempo, é irrepetível”. Beatriz SARLO<sup>4</sup> (apud SAMPAIO, 2005, p. 16)

A tarefa de contar um pouco a minha história, ou seja, de auto-narrar a minha vida, os fatos passados até o momento, foi uma das primeiras sugestões do orientador para o Projeto de Pesquisa e, que agora, permanece no TCC. Foi uma atividade que nunca havia feito e que, por sinal, foi bastante instigante. Sugiro a todos que gastem um pouco de seus tempos remontando o passado, que nos parece, à primeira vista, sem segredos, mas revela surpresas, detalhes antes não conhecidos. Vale a pena.

Preciso dizer que, antes de tudo, as histórias que conto a meu respeito a vocês não podem ser consideradas como sendo o roteiro real, o completo da minha vida. Revelo aqui alguns fatos, situações, momentos que julgo importantes na minha caminhada, mas que não estão na íntegra, em vista de que não caberiam todos aqui. Não haveria linhas suficientes para contar-lhes tudo. Ademais, o que está disposto nesta seção não foi escolhido ocasionalmente por mim. Foi assim feito, porque atribuí algum sentido a cada uma dessas situações. Quem sabe, elas não sejam, de fato, tão relevantes e, quiçá, daqui algum tempo, passado dias, meses, anos, eu atribua outro valor a essas mesmas situações e, dali em diante, elas nem sejam mais abordadas como importantes na minha vida.

É importante ressaltar, também, que a maneira como nos narramos, como nos compreendemos como indivíduo é influenciada e, a todo momento, interpelada por forças maiores, ou seja, não somos um puro de nós mesmos, como podemos compreender com a passagem:

(...) quando fabricamos narrativamente a nossa identidade não é de qualquer maneira que podemos fazê-lo; não se trata, portanto, de uma operação individual, autônoma, senão que mediada pelas

---

<sup>4</sup> SARLO, Beatriz. La máquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1998.

relações culturais das quais participamos e que estabelecem determinados repertórios discursivos (SAMPAIO, 2005, p. 15).

Com efeito, nossa identidade não é definitiva e, valendo-me das palavras da mesma autora, ela “não é algo estanque”. Assim sendo, o que vou narrar é uma parte da minha história, é minha forma de enxergar aquilo que penso estar sendo atualmente e, posso dizer, esta é uma identificação provisória<sup>5</sup>. Ela vai, ininterruptamente, ser montada, desmontada, escrita, reescrita e contada por mim ao longo do meu caminhar.

Essa caminhada que começa parecida com a de muitas pessoas... E, quem sabe, vocês se identifiquem com a minha história e encontrem um pouco de vocês mesmos nessa trama. Então, vamos lá.

Eu, como a maioria das crianças, também vivi minha infância brincando de ser cabeleireira, sonhando em um dia ser bailarina, médica, bancária, entre tantos outros ofícios que minha imaginação permitia. Nunca, entretanto, havia pensado em ser uma bióloga. Na verdade, provavelmente, nem sabia que existia um ofício que tratava da vida, de toda forma de vida e que hoje tanto me encanta.

Lembro-me de que, na infância e no início da minha juventude, conforme os anos passavam, minha curiosidade e meu fascínio pelo mundo vivo aumentavam cada vez mais. E como o lugar onde eu morava era muito rico em diferentes formas de vida, ele proporcionou-me estar sempre em contato com coloridas e cheirosas flores, pomares de apetitosas e inúmeras frutas, diferentes insetos, encantadores bem-te-vis; enfim, talvez tenha sido tudo isso que me instigou o desejo de seguir uma formação em Biologia.

Essa vontade cresceu ainda mais por causa da minha avó materna. A “vó” Maria era uma verdadeira *nature mentor*<sup>6</sup>, aquela que, mesmo sem conhecimento técnico de Biologia, entendia a vida. Talvez por conta do seu cotidiano de cuidados com as plantas,

---

<sup>5</sup> A idéia de que as identidades não são fixas, mas mutáveis é decorrente das leituras iniciais que fiz sobre o campo dos Estudos Culturais.

<sup>6</sup> Termo da língua inglesa que se traduz para o português como “guia de natureza”.

com os animais e mesmo com as pessoas, das quais cuidava e a quem transmitia uma postura de respeito ao seu próximo.

O tempo passou e a criança, que tinha como *hobby* observar mamangavas no jardim de casa, cresceu. Foi nessa fase que conheci a Soldi, minha professora de Ciências na oitava série e que, então, assumiu o papel de minha “guia da natureza”. Digo que ela foi minha guia porque, com ela, passei a ver esta disciplina com os olhos mais arregalados, a ponto de gastar horas a pesquisar sobre o DNA, cadeias alimentares, doenças, entre tantas outras coisas que me interessavam. Além disso, como o assunto do vestibular começava a circular naquele mesmo momento, logo relatei o gosto das aulas de Ciências à profissão de Bióloga. Pensei: é isso que vou fazer. E foi mesmo essa a opção em todos os vestibulares que prestei.

Hoje, reflito: o que pode ter-me estimulado mais a eleger esse caminho? Não sei. Tenho minhas dúvidas. Acredito que não posso atribuir essa minha decisão somente à aproximação com a professora Soldi. Quem sabe, os fatos anteriormente citados, a vivência com a minha avó e o próprio lugar onde me criei podem ter influenciado, bem mais, a optar pela Biologia. Ou, talvez, não tenha sido por causa de nenhuma dessas situações! Mas será que consigo mesmo e definitivamente responder isso agora?

Relatarei, agora, o período que antecedeu meu ingresso na Universidade. Confesso que, durante esse tempo, pensei que não conseguiria realizar o sonho que estava vivo em mim há anos - estudar Biologia, afinal, a concorrência por uma vaga era grande. Porém, eu não parecia estar tão distante do sonho assim. Eu já me imaginava dentro de um laboratório, manipulando instrumentos... Eu me via na sala de aula... Tudo era muito próximo de mim... Essas imagens eram muito concretas na minha mente até que, com muito estudo, saíram do meu imaginário. Passei no vestibular.

Ao chegar à UFSC, a idéia de trabalhar em algum laboratório permaneceu por algum tempo em meus planos. Muitos dos meus colegas também queriam trilhar o mesmo caminho, quiçá, pelas recorrentes descobertas no campo da Genética e pela notoriedade de seus projetos, como o Genoma Humano<sup>7</sup>, o Proteoma<sup>8</sup>, tão divulgados

---

<sup>7</sup> Projeto Internacional iniciado em 1990 com a finalidade de mapear o código genético humano e que culminou em 2003 no sequenciamento de 99 % do genoma humano.

<sup>8</sup> Trata da catalogação do completo grupo de proteínas (proteoma) expresso nas células.

naqueles últimos anos. Contudo, ainda no primeiro semestre do Curso, desisti da idéia de viver debruçada sobre um microscópio e enfiada em uma sala cheia de equipamentos. Não me identifiquei mais com a idéia de ser laboratorista. Acho que não tinha desenvoltura suficiente para isto.

Foi no primeiro ano de faculdade que surgiu a novidade da implantação de uma Empresa Júnior<sup>9</sup> dentro do Curso de Ciências Biológicas da UFSC. E, com a pretensão de tentar encontrar-me dentro do curso e, principalmente, de definir a minha área de atuação na Biologia foi que comecei a participar da Simbiosis<sup>10</sup>. Em dois anos, no tempo em que fui Diretora de Recursos Humanos, estruturamos a Empresa e desenvolvemos alguns trabalhos de consultoria ambiental, além de promover cursos. Foi uma boa experiência, aprendi muito, fiz muitas amizades, mas aquele trabalho ainda não fazia muito sentido para mim. Ser empresária nunca esteve no meu imaginário, então, desisti da Simbiosis.

Que crise! Que desânimo! Passei alguns meses indo às aulas com muitas interrogações: estou no caminho certo? Não será melhor voltar para a minha casa? Quem sabe mudar de curso?

A resposta foi não. Tinha certeza de que queria seguir no curso de Biologia, porém, precisava encontrar, em meio a tantas áreas que esta engloba, uma que tivesse mais significado para mim e me realizasse de verdade. Por sorte, logo o desembaraço na minha cabeça sumiu!

Obra do acaso ou não, em minhas corriqueiras pesquisas na internet, procurando conhecer mais a respeito das áreas de atuação do biólogo, conheci a área que se

---

<sup>9</sup> Empresa Júnior é uma associação civil, sem fins lucrativos, constituída por alunos de graduação de estabelecimentos de ensino superior que presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral nas suas áreas de atuação sob a supervisão de professores e profissionais especializados. (Disponível em <[http://www.cin.ufpe.br/~citi/PortalFinal/portal/interna\\_empresajunior.htm](http://www.cin.ufpe.br/~citi/PortalFinal/portal/interna_empresajunior.htm)> acesso em: 27 de março de 2008).

<sup>10</sup> A Simbiosis Empresa Junior de Ciências Biológicas é uma iniciativa de alunos do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina que tem por finalidade disponibilizar à sociedade o conhecimento acadêmico, através de soluções inovadoras na área das Ciências Biológicas, estimulando o empreendedorismo e complementando a formação profissional. (Disponível em <<http://www.simbiosis.ufsc.br>> acesso em 27 de março de 2008).

preocupa com a saúde ambiental<sup>11</sup>. Estudando mais sobre essa área da ciência, percebi que ela permite vincular a saúde com a parte ecológica, dois assuntos de que gosto muito. Interessei-me bastante por ela. Todavia, até o momento, não consegui seguir por essa área, já que, por ser muito recente, são poucos os biólogos que nela atuam.

Paralelamente à minha aproximação da saúde ambiental, surgiu em mim outro interesse. Foi durante a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus<sup>12</sup>, atual Organização Escolar I e II, que passei a enxergar a licenciatura como uma possibilidade de futura atuação. Antes de cursar essa disciplina, achei que ela fosse como outra qualquer e que não iria fazer muita diferença para minha formação! Que engano! Os debates em aula, os seminários, os textos lidos e a própria professora muito me motivaram.

A partir daí, passei a vislumbrar a profissão de professor de outra maneira. Uma maneira contrária àquele olhar, do qual eu compartilhava, através dos olhos da minha mãe, que lecionou por anos, e que revelavam enfado e desilusão com a política de educação brasileira. Esse novo ângulo passou a fazer o mais completo sentido! Passei a ver-me também como uma educadora! Aquela que tem em suas mãos e em seu trabalho a chance de mudança e, ainda, a esperança de um mundo mais justo, socialmente falando, e de um ambiente agradável para todas as espécies.

Já a Educação Ambiental apareceu logo depois. Sempre tema de debates entre os colegas do Curso, porém ela nunca havia despertado muito a minha atenção. Foi quando, em um desses encontros de Biólogos, deparei-me com um livro<sup>13</sup> com capa incitante que tratava deste assunto. Então, acabei comprando-o, lendo-o, e, por isso, aproximando-me da Educação Ambiental. Não somente me aproximei como consegui

---

<sup>11</sup> Ocupa-se da relação entre as comunidades humanas e o ambiente onde essas comunidades vivem. Também pode definir-se como o conjunto de aspectos da saúde humana que são determinados por fatores físicos, químicos, biológicos, culturais e sociais do ambiente.

<sup>12</sup> Disciplina de licenciatura do Curso de Ciências Biológicas da UFSC, que trabalha com conceitos de estrutura e organização do ensino fundamental e médio, como com as ações do profissional da educação e a questão da justiça social na educação.

<sup>13</sup> *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PHILIPPI JR., Arlindo. Barueri/SP: Manole, 2005.

vislumbrar que ela poderia se entrelaçar com a saúde ecossistêmica<sup>14</sup>, que tanto me entusiasmava naquela época, e ainda, com os ensinamentos da Licenciatura.

Fiquei espantada por existir essa compatibilidade e contente porque deste modo poderia desenvolver estas duas idéias dentro de uma só. Assim, com a interiorização da EA<sup>15</sup> no meu caminho, descobri um novo roteiro que se encaixaria no meu ideal de trabalho e a adotei como norteadora do meu Projeto de Conclusão de Curso e que, agora, tem seqüência no Trabalho de Conclusão de Curso.

---

<sup>14</sup> Outra maneira de tratar da saúde ambiental.

<sup>15</sup> Abreviação de Educação Ambiental.

## CAPÍTULO 2 - O LUGAR



Ilustração 01 - As belas curvas do Rio das Antas

### 2.1 Pensando o lugar

Desde o momento em que comecei a conjecturar esta pesquisa, há mais de um ano, o lugar para a intervenção educacional já tinha sido definido. Teria que ser, sem pestanejar, onde tudo começou: o Extremo-Oeste de Santa Catarina, mais precisamente, a cidade de São Miguel do Oeste, onde nasci, cresci e vivi a maior parte da minha vida e



que, hoje, remete-me às mais gostosas lembranças. Como bem representa Mariano Neto (2003), fazendo coro a Yu-fu Tuan (1980, p.107) <sup>16</sup> ao dizer que “mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar”.

Decidi-me por este lugar<sup>17</sup>, por vários motivos, não apenas por ele ser o meu “lar”, mas, principalmente, porque a região a qual me refiro ainda é esquecida, de certa maneira, pelo poder público e até um pouco pela própria sociedade catarinense, talvez, por sua distância<sup>18</sup> do centro de decisões do nosso Estado.

Além disso, atribuo a escolha do Extremo-Oeste ao fato de quase inexistirem estudos que tratem do meio ambiente regional: os rios, a fauna, a flora, a vida do morador do interior e, menos ainda, da Educação Ambiental. Por isso tudo, acredito na importância deste Trabalho e, mais ainda, porque por meio dele poderão ser elaboradas estratégias, planos de manejo ambiental, incluindo outras atividades de educação ambiental, que podem trazer melhorias aos moradores e ao próprio ecossistema.

## 2.2 Caracterizando o lugar...

Como já mencionei, a pesquisa foi desenvolvida no Extremo-Oeste do Estado de Santa Catarina. Em um primeiro momento, eu havia pensado em estender o Trabalho para várias comunidades, de cidades diferentes, além de São Miguel do Oeste e que tivessem em comum o contato com o Rio das Antas. Como o rio percorre várias cidades até encontrar o Rio Uruguai<sup>19</sup>, isso seria quase impossível, levando em conta, ainda, o curto espaço de tempo que se tem para desenvolver o TCC. Tive que contentar-me,

---

<sup>16</sup> TUAN, Yu-fu. **TOPOFILIA - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

<sup>17</sup> Aqui me refiro como lar o Extremo-Oeste e não a comunidade de Taquá.

<sup>18</sup> Aproximadamente 730 km de Florianópolis, a capital do Estado.

<sup>19</sup> “Rio das Conchas”.

então, com uma comunidade apenas, a comunidade de Lajeado Taquá, localizada na cidade de Descanso/SC.

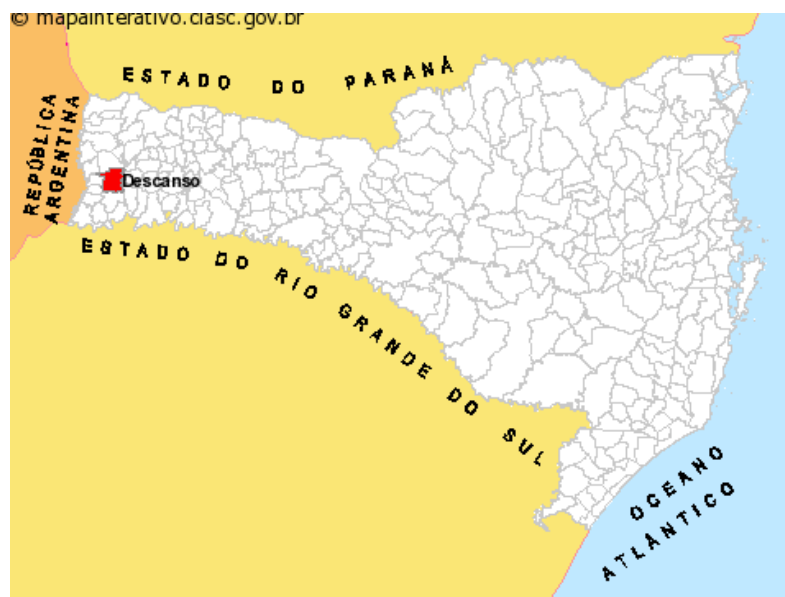


Ilustração 02 – Localização da cidade de Descanso/SC

Explico que optei por outra cidade, que não São Miguel, porque em Descanso havia a possibilidade de conseguir auxílio para o meu deslocamento até as comunidades, o que é, para mim, um quesito bastante importante em se tratando da dificuldade de andar no interior dos municípios, principalmente, por ser a estrada de chão, como chamam a estrada que não tem pavimentação. Além disso, como eu já havia realizado o Projeto de TCC nesta cidade, resolvi manter-me nela.

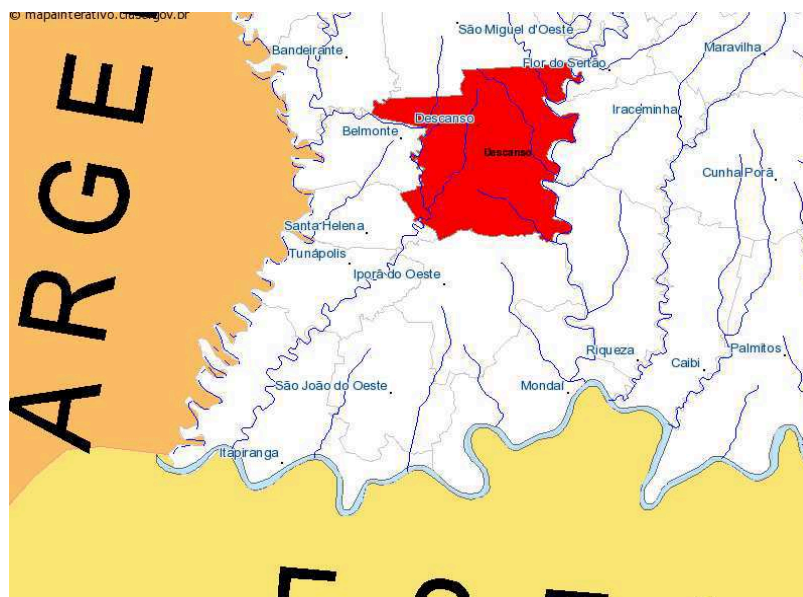


Ilustração 03 – Mapa aproximado da cidade de Descanso/SC

Mas, antes de falar sobre a comunidade, farei um breve relato sobre a microrregião, já que, certamente, muitos de vocês pouco ouviram falar dela. Vale a pena contar algo sobre ela, até porque os fatos são comuns ao Taquá, o que vem a ajudar a entender melhor a comunidade e seus moradores.

A região do Extremo-Oeste tem como divisas a Argentina (parte ocidental), ao norte o Paraná e ao sul o Rio Grande do Sul. E, de acordo com leituras realizadas em fontes bibliográficas que versam sobre a história da região, que, por sinal, são muito escassas, o processo de colonização desta parte do Estado é consideravelmente recente, compreendendo por volta de nove décadas. Antes de chegarem os primeiros colonizadores, a parte abrangida desde o limite com a Argentina (Extremo-Oeste) até o Oeste, propriamente dito, era praticamente inabitada, como se percebe pelo trecho:

(...) grande parte do estado catarinense, principalmente o Oeste e o Extremo-Oeste, permaneciam quase que totalmente desabitados, a não ser pela presença de algumas famílias de caboclos que, em total isolamento, viviam a seu modo, sem contato com o mundo que hoje atribuímos como civilizado e, supostamente, eram um povo feliz (SPENASSATTO, 2008, p.21).

Além dos caboclos, a presença de povos primitivos e índios também foi confirmada, podendo-se atribuir suas presenças pelo fato de haver grande abundância de

animais de porte médio (capivaras, antas, porcos-do-mato), sem falar na floresta subtropical do Vale Uruguai, com suas araucárias, que forneciam alimento suficiente, como o pinhão (CEOM, 1989, p. 37).

Vestígios concretos denunciam essas presenças, como: cerâmicas, pedras trabalhadas, conchas de moluscos, restos de carvão, além de cemitérios bem preservados em toda a região. Segundo a datação do carvão, é possível deduzir que a região e, mais precisamente, as localidades próximas ao Rio Uruguai, estão entre as primeiras colonizações pré-históricas do Brasil (KOELLN, 1980, p. 12).

Todavia, o homem “branco”, colonos e colonizadores, imigrantes vindos do Rio Grande do Sul, de origem alemã e italiana, em sua maioria, só chegaram à região<sup>20</sup> logo após ela ter servido de cenário para a Guerra do Contestado<sup>21</sup>, por isso, ela era conhecida, também, por Contestado. Essas pessoas vinham estimuladas pela propaganda de terras férteis, de custo mais barato e cheias de riquezas naturais e foram-se instalando próximos ao Rio Uruguai e seus afluentes, como o Rio das Antas que recebeu esse nome ao fato da abundância de antas que havia naquela ocasião, o que hoje não se verifica mais.

Desde aquela época, a atividade rural era preponderante, sem falar no comércio da madeira, atualmente bem menos comum em função das leis ambientais. As cidades que se desenvolveram, a maioria delas, têm nas atividades agropecuárias e extrativistas sua maior fonte econômica. Essas atividades são também narradas e entendidas como sendo as maiores responsáveis pelo quadro de destruição do meio ambiente e da saúde coletiva que ora se verifica na região.

Essa destruição é a “seqüela” da falta de consciência ambiental ao longo dos tempos, principalmente nos primeiros anos de colonização, na qual a noção de preservação, definitivamente, não existia. O fato é que, naquela ocasião, era impensável

---

<sup>20</sup> Compreendida entre o Rio das Antas e o Rio Peperi-Guaçu (divisa com a Argentina) começou, em 1922, a ter suas terras vendidas pelas colonizadoras.

<sup>21</sup> Disputa travada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina pela posse do Extremo-Oeste e que acabou se tornando, também, uma luta entre os caboclos contra o Exército Nacional, e que culminou com a morte de aproximadamente 20mil pessoas e o reconhecimento da região como pertencendo a este Estado.

que a terra fértil poderia, um dia, empobrecer, as águas minarem, bem como, os animais tão comuns àquela época, desaparecerem, como se verifica no trecho:

A preocupação com a preservação da fauna não havia. O animal era visto como um alvo a ser acertado. O prazer do caçador consistia em ver a caça morta, mesmo que fosse fêmea ou filhote. As árvores deveriam ser derrubadas e queimadas para não atrapalhar o cultivo da terra (WERLANG, 1999, p. 35).

Os moradores do Taquá revelam o “abuso” com o Rio em anos passados:

Na época... foi muito abuso... muito abuso com o Rio. A gente nem devia falar, mas... teve gente que... abuso demais com redes, até com esses dinamite, com esse cacorete que dizem, que usam pra matar os peixe, pra pega...

(Diário de Campo, dia 12.09.08, p.123).

Talvez, seja esse panorama de degradação ambiental durante os anos que, ainda hoje, tem levado muitas pessoas a sair do campo. Este fato, a saída de seus moradores, foi bastante visível ao longo do curso dessa pesquisa e que foi mencionado pelos moradores.

Conforme estudos do IBGE<sup>22</sup>, o êxodo rural nessa parte do Estado aumentou no decurso dos últimos anos. O forçamento à automação e mecanização da agropecuária, somado ao esgotamento do solo, da água, aos fatores climáticos que ora provocam muita chuva, ora estiagens rigorosas e, também o surgimento de barragens de usinas hidroelétricas podem estar contribuindo para o colapso dos meios de subsistência dessa população. Essa crise tem forçado o homem do campo a se desfazer dessa maneira de viver, fazendo-o migrar para os ambientes urbanos, em busca de novos horizontes e melhores condições de vida.

Outro fato bem comum no dia-a-dia regional, que não era tão presente outrora, é a poluição dos corpos d'água por efluentes domésticos e, especialmente, por dejetos oriundos da pecuária. Esse cenário afeta, sobretudo, os moradores da zona rural que dependem diretamente da água do rio, porque não contam com o abastecimento hídrico

---

<sup>22</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2007.

da CASAN<sup>23</sup>. Em função da poluição, o Rio das Antas, afluente de destaque do Rio Uruguai, objeto dessa pesquisa e principal rio do Extremo-Oeste já é o segundo rio mais degradado do nosso Estado.

É importante destacar que algumas das informações<sup>24</sup> apontadas neste texto que dizem respeito, especificamente, à comunidade de Taquá foram obtidas de variadas formas, principalmente, por meio de fontes verbais. Isso se deve à inexistência de informações, dados detalhados em registro escrito sobre o local da pesquisa. Todavia, é de se frisar que esse fato não torna as informações menos importantes ou menos verossímeis do que as demais obtidas através de consulta em livros, por exemplo. Até porque, a presente pesquisa valoriza fortemente a narrativa e as histórias orais.

Apresento-lhes um pouco a comunidade, fonte desta pesquisa. Tenho a dizer que, apesar de pacata, ela é encantadora. Vocês vão saber o porquê no decorrer das próximas páginas.

O Lajeado Taquá, conhecido também pelos moradores como Neco, é o rio<sup>25</sup> que atravessa, de ponta a ponta, o lugarejo e deságua no Rio das Antas, que rodeia a comunidade. Por isso, a comunidade recebe o nome de Lajeado Taquá.

Essa comunidade, que fica no interior da cidade de Descanso, foi fundada há aproximadamente 45 anos e possui, atualmente, cento e vinte famílias (informação verbal)<sup>26</sup>. Ela foi colonizada principalmente por italianos, mas, também, teve a contribuição de alemães e poloneses que se instalaram no local com a finalidade de explorar a mata nativa e comercializá-la (informação verbal)<sup>27</sup>.

---

<sup>23</sup> Companhia Catarinense de Águas e Saneamento.

<sup>24</sup> Foram coletados através de pesquisa em acervo de instituições regionais, como a EPAGRI Regional, Municipal e Estadual e, também, por meio de conversas orais com alguns dirigentes locais.

<sup>25</sup> Considerado de pequeno porte.

<sup>26</sup> Informação fornecida pela técnica do projeto Microbacias/ EPAGRI - Descanso.

<sup>27</sup> Dado fornecido pelos moradores.



Ilustração 04 - Os pioneiros (foto fornecida pelos moradores)

É importante ressaltar que, por um bom tempo, essas comunidades do entorno do Rio ficaram “isoladas” das zonas urbanas. Isso aconteceu quando as famílias ainda mantinham hábitos muito similares aos praticados por seus antepassados, hábitos esses quase não mais cultivados pelos moradores de hoje. A produção de queijo e vinho, por exemplo, uma tradição italiana, já não é uma prática tão costumeira entre os habitantes da localidade, que agora preferem comprá-los no mercado da cidade.

De acordo com alguns moradores, o número de habitantes do Taquá vem diminuindo. Conforme alguns relatos, o vilarejo continha antigamente quase o dobro do número atual, como afirma um dos camponeses:

**Inácio** - E a comunidade. A mudança da comunidade. É que nós tava em 70 e pouco morador. Hoje temo em 20, 28.

**Inês** - Quando nós viemo tinha 9 e 10.

**Inácio** - E quando nós chiguemo também era poucas família. Daí aumentô.

(Extraído do Diário de Campo de 24.07.08, p.83).

Verifica-se, nessas comunidades, um grande êxodo rural, que não é restrito apenas ao local, mas está presente em quase toda a região Oeste e Extremo-Oeste, como

já mencionado. Em algumas cidades, chega-se a ter até mesmo um crescimento populacional negativo<sup>28</sup>.

Ao conversar com uma família (mãe e filho), na tentativa de entender um pouco mais sobre esse processo, pergunto por que as pessoas já não querem mais ficar na comunidade. O jovem me responde:

**Orácio** - É melhor na cidade.

**Eu** - Por que é melhor na cidade? A senhora também acha que é melhor na cidade?

**Iracema** - Não. Eu não acho melhor na cidade. Porque hoje o colono tem as vaca de leite, pra quem não tem estudo, tipo nós, pra ir pra cidade é pior. Pra ganha o salário que tá ganhando lá na cidade, se não tem estudo, não tem nada, tu não consegue.

(Diário de Campo, 01.08.08, p.98).

Em outro trecho, que retirei do Projeto de TCC e resolvi incluí-lo aqui, o morador apresenta uma outra visão a respeito do motivo da aridez<sup>29</sup> na comunidade:

**Inácio** - O motivo é “vários”. Um talvez se endivida, acaba vendendo a terra pra pagar a dívida, né, e sai pra “trabalhá” de empregado. Outro desanima com o preço de produtos. Outro desanima um pouco com a estrada, dá 42 km ida e volta. Pode marcar. Também os políticos nos esquecem aqui. Fica tudo abandonado.

(Diário de Campo, 02.05.08, p. 142).

Em função do abandono do campo, principalmente por jovens que saem em busca de estudo e trabalho na cidade, observa-se nessas comunidades um predomínio de homens e mulheres acima dos cinquenta anos. É interessante comentar que, durante as visitas de campo, encontrei somente três jovens na comunidade, sendo que um deles não vivia no Taquá.

Com relação ao sustento das famílias, a maioria delas vive da agricultura. Cultivam vários tipos de vegetais, tanto para subsistência familiar como para fins de

---

<sup>28</sup> IBGE 2007.

<sup>29</sup> Utilizo a idéia de aridez empregada por UNGER, 2001.



agricultura comercial. Também praticam a atividade pecuária, de forma extensiva ou intensiva, com a criação de suínos e aves e a bovinocultura leiteira, a qual predomina atualmente.

É desse uso tradicional da terra que surgem uma série de questões ambientais como, por exemplo, o desmatamento, a poluição do solo e dos rios por defensivos agrícolas e dejetos de animais, entre outras coisas.

Falando mais a respeito do Rio das Antas, ele é considerado um afluente de médio porte e forma a Região Hidrográfica um (RH1) <sup>30</sup> do estado de Santa Catarina. Suas nascentes se localizam na cidade de Palma Sola e suas águas percorrem 60 quilômetros, sentido norte-sul, até desaguar no Rio Uruguai<sup>31</sup>. Nesse percurso até a foz, que fica próxima ao município de Mondaí/SC, o Antas atravessa várias cidades da região Extremo-Oeste, entre elas o município de Descanso, onde se localiza as comunidades-alvo dessa pesquisa. Alguns desses dados estão melhor apresentados nos Anexos.

Nessa comunidade, a figura do rio é vislumbrada por ângulos diversos, como observei nas primeiras narrações colhidas de alguns moradores da comunidade de Lajeado Taquá para a etapa de Projeto de TCC. Sobre essas visões, falarei em capítulos adiante.

Conhecendo esse panorama de degradação dos componentes regionais: a água, a fauna, flora e a própria “fuga” do agricultor (narrada como um problema) e, ainda, com algumas inquietações particulares, comecei a indagar: como será que os sujeitos que vivem em torno desse importante rio têm estabelecido relações com o mesmo? Será que há possibilidades diversas de se ver e de se narrar o Rio das Antas? Através dessas perguntas que me fui fazendo percebi que minha pesquisa poderia tentar levantar algumas narrativas que circulam sobre o rio. Nesta direção, decidi, finalmente, que com

---

<sup>30</sup> Ilustração em Anexo.

<sup>31</sup> Nasce no estado de Santa Catarina, na região da Serra Geral e percorre quase 400 municípios do RS e SC, além de outros países como a Argentina e o Uruguai, onde está sua foz: o Rio da Prata. O Uruguai recebe vários tributários que juntos formam a Bacia Hidrográfica do Rio Uruguai, a qual consiste em 2% do território brasileiro. A extensão total do rio é da ordem de 1.600 km, drenando uma área equivalente a 307.000 km<sup>2</sup>

esta pesquisa iria tentar vislumbrar os modos pelos quais os habitantes do entorno enxergam esse Rio.

Meu intuito seria ressaltar, destacar, fortalecer as visões sustentáveis que estão em jogo na região, mais especificamente, em uma comunidade próxima ao Rio, no caso, Lajeado Taquá, tentando reascender<sup>32</sup> memórias que podem ajudar a restabelecer os laços afetivos dos sujeitos com a terra, com a água e com suas próprias histórias.

Segundo Del Rio<sup>33</sup> menciona, as visões que cada um de nós carrega são entremeadas de valores sociais, culturais e históricos e

não podem ser nunca objetivas, mas compõe-se de um conjunto de realidades subjetivas, significativas, sistema de valores e interpretações que dependem de uma série de fatores, sejam sociais ou inerentes ao próprio indivíduo (DEL RIO apud PEDRINI, 2005, p. 36).

As visões de mundo compõem-se por um mosaico das experiências conscientes e inconscientes de cada indivíduo, ressaltam alguns objetos e lugares dentre tantos outros, remetendo a um sistema de valores e interpretações próprias. Objetivo, assim, uma avaliação de quais sejam essas visões que permeiam o Rio das Antas, como se estruturam, como se relacionam e como interagem com o contexto local. Essas visões e seu contexto serão retomados nos próximos capítulos, assim como a metodologia usada para “levantar” essas visões.

---

<sup>32</sup> Ou reacender, poderia ser a palavra usada, ou seja, “tornar a acender”, “estimular”, “desenvolver”.

<sup>33</sup> DEL RIO, V., OLIVEIRA, L. de. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos. 1996.

## CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS METODOLÓGICOS



Ilustração 05- Caminho percorrido até o Rio

### 3.1 Educação Ambiental e Estudos Culturais: múltiplos caminhos

Nesta seção, como o título já evidencia, tratarei de apresentar-lhes os procedimentos metodológicos empregados na minha pesquisa. Antes de tudo, minha primeira ressalva é quanto ao uso da escrita narrativa. Diferente de muitas pesquisas que acontecem dentro da grande área das Ciências Biológicas (e em outras também) e que seguem um roteiro rígido, bem definido, inclusive em termos de escrita, neste Trabalho, optei por enveredar por caminhos diferentes. Trilhas flexíveis e sem toda aquela preocupação com a escrita objetiva, neutra, bem calculada e em terceira pessoa. Deixo

claro, no entanto, que não tenho nada contra os outros formatos de pesquisa (e escritas) vigentes.

No meu Trabalho, então, vocês encontrarão, como já se pode perceber, uma escrita toda em primeira pessoa gramatical. Confesso que não foi fácil caminhar por essas trilhas, em vista do formato científico/técnico que adotamos na Universidade e, em particular, no Curso de Biologia. Tive que lançar mão, então, da escrita em terceira pessoa e treinar – e muito – no “caderno de caligrafia”. Mas valeu a pena o esforço. Acredito que esse formato do TCC aproxima o leitor da pesquisa, posto que a leitura acaba se dando de maneira mais natural e fluente. Pelo menos, essa foi a minha intenção. Tomara que o consiga.

Não posso esquecer-me de explicitar, ainda, que a Educação Ambiental em jogo nesta pesquisa é aquela que dá vez à reflexão e dá menos voz a ações pontuais, corretivas e que ora se verifica demasiadamente corriqueiras. A EA<sup>34</sup> em que me ancoro é a educação defendida por vários autores como (BARCELOS, 2008; REIGOTA, 2002; SAMPAIO, 2005). Estes autores (com os quais dialoguei nesta pesquisa) em geral, seguem perspectivas pós-modernas e antropofágicas<sup>35</sup>. Como essas perspectivas se alinham aos Estudos Culturais, tentarei unir essas noções à Educação Ambiental.

Os Estudos Culturais, segundo Sampaio (2005, p. 73), “navegam pelos interstícios dos campos disciplinares”, o que significa que pesquisas ancoradas nestas perspectivas, valem-se de ferramentas, teorias, metodologias provenientes de diversos campos do saber. Por isso mesmo, não posso arriscar-me a tentar categorizar a minha pesquisa segundo esta ou aquela “ciência” somente<sup>36</sup>. Mas, posso dizer, sim, que minha pesquisa é multidisciplinar, multifacetada, com contribuições vindas do campo da Educação, Ciências Biológicas, Sociais e Humanas. Acredito que essa multivocalidade

---

<sup>34</sup> Abreviatura de Educação Ambiental.

<sup>35</sup> A Antropofagia cultural foi desenvolvida por Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago, pós Semana de Arte Moderna de 1922. Segundo Barcelos (2008, p.109) “a Antropofagia pode ser vista como um processo de criação e invenção numa relação intercultural de devoração *do* e *com* o outro” (grifo meu). Ademais, pelos olhares de Reigota (2002, p. 45) esse pensamento contribuiu com a ecologia global, através do “entendimento da diversidade cultural, da apropriação e da recriação de conhecimentos e comportamentos de diferentes culturas, originando uma cultura própria, inovadora, criativa e de síntese.

<sup>36</sup> Além disso, geralmente, as metodologias usadas são pouco explicitadas.

engrandece a pesquisa em Educação Ambiental. Outro fato que caracteriza os Estudos Culturais, além dos múltiplos caminhos metodológicos, são as variadas interpretações, análises, conclusões que se pode ter de um determinado fato ou questão.

Ainda falando da aproximação entre a Educação Ambiental e os Estudos Culturais, revelo que, de início, não compreendia a coerência entre eles. Hoje, depois de muitas leituras, essa relação ficou mais clara e as evidências mais fortes de que tudo (ou praticamente tudo) está ligado a fatores sócio-histórico-culturais. Inclusive as questões ecológicas, atualmente tão comentadas. Fiquei a refletir, então, que, quiçá a minha dificuldade em entender as questões ambientais (e a própria EA) como sendo resultado do sistema cultural das sociedades estivesse relacionada à representação marcadamente biologicista que temos dessas questões. Revelações feitas, passo a contar sobre as visitas e o processo de entrevista.

### **3.2. As visitas**

As visitas ao Taquá aconteceram nos meses de julho, agosto e setembro deste ano de 2008, em três dias diferentes, sendo que a última visita não estava prevista no calendário do TCC, mas, por haver necessidade de fazer mais duas entrevistas, voltei ao Extremo-Oeste.

O total de famílias visitadas nessas três “saídas de campo” foi sete, sendo que não houve critério para a escolha das mesmas. O nome das famílias foi indicação de uma segunda pessoa que conhecia a comunidade e que me acompanhou em duas das saídas. Além disso, nenhuma das famílias foi avisada de antemão sobre a minha visita. Ou seja, eu sempre chegava de inesperado, quando os moradores estavam realizando suas atividades do dia-a-dia: na roça, tratando os animais, ou preparando o almoço e até aconteceu de eu encontrar os moradores em consulta<sup>37</sup>. Apesar de tirá-los do serviço,

---

<sup>37</sup> Refiro-me às consultas do Bio Saúde. O Bio Saúde é um método de saúde popular desenvolvido por um médico da Nicarágua e trazido pelo Padre Renato Roque Barth ao Brasil e que se espalhou pelos vários estados do país. Em Santa Catarina, os atendimentos estão concentrados nas cidades do Extremo-Oeste. Segundo eles, as doenças nada mais são que uma consequência dos velhos hábitos, muito estressantes e

eles garantiam-me que eu não atrapalhava e que a visita era bem-vinda. Senti, em todas as vezes, que esta acolhida era verdadeira mesmo.

Quanto aos personagens sociais, foram entrevistados homens e mulheres e não existiu preferência pelo gênero para realizar a entrevista. Quem estivesse disposto a participar, eu incluía na pesquisa. Quanto à idade deles, em um primeiro momento, eu havia decidido que só entrevistaria pessoas que tivessem condição de maioridade. Mas, no calor da hora, deparei-me com os poucos jovens que vivem na comunidade e acabei incluindo-os. O que foi uma boa decisão. Somando-se todos, então, foram sete homens, sendo dois jovens (entre 17 e 20 anos) e nove mulheres, sendo apenas uma moça.

Nas transcrições feitas sobre as conversas e outras menções aos moradores, optei por não utilizar seus nomes e sobrenomes verdadeiros por entender que seria melhor preservá-los, já que entendo as narrativas que escrevi a partir dos depoimentos deles não como, simplesmente, individuais, mas concebidas e negociadas na história, na cultura. Assim, batizei-os com nomes fictícios, a fim de não os constranger e primar por seu anonimato. Se reparem, os sobrenomes deles lembram termos italianos ou que foram “italianizados”; uma opção minha posto que a maioria das pessoas é de origem ítalo-brasileira.

É relevante destacar ainda, que considerando os Estudos Culturais, tal campo não coloca a amostragem como uma questão importante, já que toma as narrativas como tecidas na cultura e, assim, circulante pelas falas de diferentes sujeitos. Ademais, nunca se teve em vista entrevistar o máximo de pessoas da comunidade, o que é geralmente comum em outras pesquisas. Valemo-nos da idéia de que as narrações, depoimentos, significados dados ao Rio, entre outras visões, apesar de serem atribuídos por uma pessoa específica, uma família específica, são recorrentes e podem ser considerados como representantes ou variantes de discursos que já existem e que estão circulando em várias instâncias culturais (SAMPAIO, 2005, p. 23).

---

que procedem contra a vida e contra a natureza (Disponível em: <<http://www.biosaude.org>>. Acesso em: 23 de setembro de 2008).

Complementado esta argumentação, o texto Memórias de um Rio: Caminhos para a Educação Ambiental contribui com a idéia de que:

o fato social se expressa no individual, por isso, a observação em pesquisa pode ser feita pelos fatos individuais, mesmo que jamais se possa apreender o que de efetivamente social existe em cada manifestação individual (MANCUSO; VALÊNCIO, 2004, p.158).

Apesar desse número, posso dizer, ainda, que foram entrevistas profícuas e importantes, que ajudam a entender um pouco sobre a vida dos moradores do entorno do Rio das Antas.

E, considerando-se que a pretensão da pesquisa é, através de depoimentos orais (narrativas), conhecer como os moradores do entorno do Rio das Antas o constroem discursivamente, narrando histórias do passado, relatos do presente e anseios para o futuro, busquei chegar a essas informações seguindo três perguntas, que compuseram uma espécie de “roteiro” da pesquisa. São elas:

*Qual é a importância do Rio no seu dia-a-dia?*

*Como era a vida antigamente na comunidade? A relação com o Rio mudou?*

*Que futuro você deseja para o Rio?*

Essas três perguntas ajudaram-me, então, a nortear a coleta dos depoimentos orais.

Esses depoimentos colhidos por meio de entrevistas/conversas ajudam a compreender determinadas (rela)ações dos indivíduos “investigados” com o rio. E, como completa Bruner (1997), as razões dessas ações são “motivadas por crenças, desejos, teorias e valores”. Do mesmo modo, a experiência do uso da entrevista proporciona ainda “aprender a ouvir melhor, aprender a reconhecer histórias pelo que elas são – versões da realidade que têm ressonância (ou não) na comunidade” (HART, 2007 p. 19). Isto, de fato, aconteceu comigo.

Analisando mais um pouco o recurso da narrativa, Garay<sup>38</sup> (2002, p. 2 apud Silveira 2007, p. 135) argumenta que ela<sup>39</sup> é diferente de uma autobiografia ou mesmo de uma memória, posto que a entrevista é o resultado da construção de duas pessoas: o entrevistador e o entrevistado, que estão situados em dois ambientes, o cultural e o social.

Vale dizer que as entrevistas realizadas, apesar de serem direcionadas para um caminho, não equivalem àquelas que acontecem nos programas de televisão, por exemplo. Entrevistas estas, que seguem um *script* rígido e que permitem ensaios, montagens e, ainda, costumam esconder os imprevistos e deslizes do entrevistador (no meu caso, não foram poucos!).

As entrevistas ou conversas, como prefiro dizer, seguiram uma postura informal, o que proporciona certa naturalidade e permite que o pesquisador e o entrevistado divaguem abertamente. Segundo Selltiz et al.<sup>40</sup>(apud Pelicioni; Phillipi Jr., 2005, p.591) a entrevista

como técnica de “coleta de dados” é bastante adequada para conseguir informações sobre o que as pessoas sabem, crêem, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem, ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes [...]. Muitos autores consideram a entrevista como técnica por excelência na investigação social (aspas minhas).

Ademais, outro ponto relevante da entrevista em tom de conversa é o fato de o entrevistado conseguir se expressar melhor, revelando detalhes que seriam perdidos com perguntas diretas, como infere Minayo<sup>41</sup> (apud Pedrini, 2005, pg. 72):

(...) ocorre a libertação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análise do vivido. Nele

---

<sup>38</sup> GARAY, Graciela de. **La entrevista de historia oral: monólogo o conversación?** Revista electrónica de investigación educativa. v.1, n.1, 1999.

<sup>39</sup> A narrativa conversacional.

<sup>40</sup> SELLTIZ, C; TAHODA, M; DEUTSCH, M. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

<sup>41</sup> MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.



podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

Todavia, acredito que confidenciar segredos e histórias sigilosas é um fato que não acontece em todas as entrevistas. Não é tão natural assim. Acredito, sim, ser mais fácil esses pensamentos “reprimidos” serem divididos quando existe uma relação de confiança entre ambas as partes. Posso dizer que tive a oportunidade de experienciar isto na minha vivência de campo, como poderá ser visto no Diário.

Apesar de minha pesquisa não seguir o formato de uma entrevista jornalística, confesso que segui certo *script* durante as conversas. Estou-me referindo a alguns cuidados, posturas, ações e passos que tomei desde o momento da minha chegada nas casas das famílias até, propriamente, o momento da entrevista.

O *script* começava sempre com as minhas frases: “Olá, tudo bem?”; “Posso entrar?”; “Tem cachorro?” e, na sequência, a minha apresentação e a explicação da visita. Depois de acomodada, geralmente sentada com os moradores nas varandas, eu pedia a autorização deles para que pudesse incluí-los na pesquisa. Para formalizar o “sim” do morador, eu utilizava um documento<sup>42</sup> no qual eles tinham acesso a dados referentes à pesquisa e a pesquisadora. Este documento também era assinado por eles. Uma parte da folha ficava para eles e o restante me era devolvido.

Depois disso, iniciava, de fato, a entrevista que seria usada como fonte de “dados”. Deixava, então, que eles falassem tudo o que tinham vontade, apesar de, por vezes, ir direcionando para o que eu queria buscar. Mas, quase o tempo todo, só os escutava. Interessante que, ao ouvir, como nos fala Dias (2007, p.173):

não conhecemos só uma história, mas conhecemos os contextos sociais, históricos e culturais em que esta aconteceu; quer dizer, há uma interseção entre a sua história pessoal e a história da sociedade que a contextualiza.

Durante as conversas, levei em conta alguns detalhes que poderiam fazer a diferença no processo investigativo e influenciar também os resultados do Trabalho. O primeiro cuidado que tive foi de não mostrar uma postura de superioridade frente à

---

<sup>42</sup> Vide ANEXOS.

situação e os entrevistados. Tentei, também, evitar certos comentários no momento dos depoimentos dos personagens. Claro que deslizes acontecem e, algumas vezes, esquece-se de guardar silêncio. Mas, como já argumentei, a entrevista não foi, em nenhum momento, ensaiada.

Para gravação das entrevistas utilizei um mini-gravador (MP4). O medo de que a gravação não desse certo era tão grande que cheguei a usar, algumas vezes, dois aparelhos. Não sei se os moradores se assustaram ou se me acharam meio maluca. Espero que nenhuma coisa, nem outra. Acredito, pelo que eles demonstraram, não tê-los constrangido.

Depois disso, assim que chegava a minha casa e tinha um tempinho, transcrevia as narrativas para o Diário de Campo. Isso foi feito até como modo de evitar a perda de dados. Confesso que foi um trabalho penoso transcrever tudo para o Diário, todavia, o riso provocado pelas histórias dos moradores parecia encurtar o tempo de escuta e digitação.

Ademais, procurei anotar alguns detalhes como o ambiente da conversa, a expressão, reações dos indivíduos e, ainda, dispus no caderno de campo alguns sentimentos, pensamentos que tomavam conta de mim durante o processo investigativo.

Ainda, como um modo de ilustrar o ambiente das narrativas, realizei uma cobertura de fotos da comunidade, assim como de seus personagens sociais. É importante comentar que o uso da fotografia, hoje em dia, é bastante comum nos trabalhos de Educação Ambiental, inclusive nos desenvolvidos pelo TECENDO<sup>43</sup>, tanto que eu também me rendi a ela. Vale dizer que ela serve não somente como um recurso ilustrativo, mas também como uma narrativa imagética, ou seja, ela também conta algo vivido/ que acontece e, assim, complementa a narrativa escrita.

Em uma passagem de Luís Henrique Sacchi dos Santos (2005, p.12) o autor fala dos usos desses “recursos” como fortalecedores das narrativas contadas.

A escrita e a descrição buscam, então, recuperar, (re) constituir o lá vivido, tal como os (as) habitantes daquele lugar o viviam. Os

---

<sup>43</sup> Grupo de Educação Ambiental e Estudos Culturais da UFSC, ao qual faço parte.

objetos trazidos, as fotos, as anotações do diário de campo/ de viagem funcionam, nesta (re) constituição, como matéria para compor/ilustrar a história que se conta – eles dão autenticidade à narrativa do (a) contador (a).

## **CAPÍTULO 4 – NARRATIVAS DE DESERTOS, REPLETOS DE VIDAS, DE VERDES, DE HISTÓRIAS...**

### **4.1. O deserto que cresce...**

O deserto cresce; ai de quem abriga desertos!<sup>44</sup>

Nietzsche

No capítulo que ora se inicia, tratarei de fazer algumas análises nas/das narrativas produzidas durante as visitas de campo. Nestas análises vou tentar esmiuçar alguns elementos que emergiram das narrativas que construí, a partir dos depoimentos que coletei, e que dão pistas para se compreender um pouco a relação dos moradores do Taquá com o Rio das Antas. Relembrando que esse era o objetivo central da pesquisa, mas que à medida que ela foi acontecendo, surgiram outros questionamentos que se aliaram e complementaram tal intencionalidade, e que merecem espaço para serem (re)contados aqui.

Uma importante questão que pude ver através dos depoimentos dos moradores foi que parecia estar em jogo processos que vou chamar como sendo de desertificação. Essa palavra, ressaltado, não foi usada por eles para descrever o cenário em que estão incluídos. Todavia, é o termo que achei mais apropriado para me referir a alguns “acontecimentos” particulares daquela localidade, como: a diminuição dos peixes do rio, a pouca qualidade da água que cada vez mais escassamente corre pelo seu leito, a paulatina redução da população da comunidade e o distanciamento na sua vida cotidiana das relações estabelecidas com um rio tão próximo de suas casas. A idéia da desertificação que utilizo, considero importante dizer, é inspirada na leitura que fiz dos argumentos traçados por Unger (2001).

---

<sup>44</sup> Não pude deixar de usar a frase de Nietzsche presente na obra de Unger (2001, p. 45) para abrir esse capítulo. A frase não poderia ser mais atual. Ela se encaixa muito bem no cenário de Taquá.

Antes de começar, propriamente, a falar mais detidamente sobre isso que estou nomeando como processo de desertificação, quero fazer uma pausa para explicitar alguns pontos da investigação que colaborarão para que você, leitor, possa acompanhar melhor meus argumentos. O primeiro deles é quanto à utilização dos depoimentos orais dos moradores retirados do Diário de Campo. Apesar dessas falas não terem sido proferidas por mim, elas passaram a ser de minha autoria no momento em que passo a utilizá-las e a recontá-las aqui.

Ademais, é preciso explicitar que os fatos que conto a respeito dos moradores foram os que elegi, em detrimento de outros (claro), embasado em meu sistema de valores, e que considereei como relevantes de serem re(contados) neste Trabalho. Como Santos (2005, p. 14) bem ilustra:

a história que contei a partir daquilo que, com meus olhos de aprendiz-pesquisador, passei a olhar como importante e constituí como relevante para o trabalho – embora muitas vezes me perguntasse se aquilo que estava (d) escrevendo era o que, “de fato”, acontecia.

Some-se a isso a possibilidade de que essas análises das histórias que contarei possam ter várias outras leituras, diferentes das interpretações que fiz aqui. Isso porque a forma como lemos e enxergamos os depoimentos levantados estão densamente influenciadas por nossas representações culturais. Podemos também concordar com Moraes (2007, p. 107) quando este afirma que “nenhuma análise pode abranger o fenômeno investigado em sua totalidade”.

#### **4.2. “Desertificação” de quê?**

Uma questão que argumento ter sobressaído nas conversas que estabeleci com os moradores do Taquá, como já comentei brevemente acima, foi que estava em jogo naquela localidade, articuladamente, alguns processos de desertificação. Mas não no sentido literal da palavra. Não é que o Taquá esteja se transformando em areia, ou como sugere a idéia que possa vir às nossas mentes: que ele esteja virando o deserto do Egito

ou, talvez, do Atacama<sup>45</sup> – dos desertos, o mais próximo de nós. Não seria exatamente isso.

O que também constituí através dos meus olhos foram várias passagens que se assemelham com a configuração de um deserto: a morte social do rio, dos peixes, o afastamento entre as pessoas e, sobremaneira, um deserto de gente. O Taquá é uma comunidade que vem paulatinamente perdendo seus habitantes para a cidade, isto quando não são famílias inteiras que se deslocam de uma só vez. É uma realidade triste, a meu ver. Todavia, quiçá, para os moradores, não seja algo tão ruim assim. Quem sabe, eles gostem e prefiram essa vida mais pacata, mais “desértica”.

Ver inúmeras propriedades abandonadas; casas inabitadas, algumas até bem construídas, grandes, e a escola trancada, sem sequer um aluno ou professor, fizeram-me parar para pensar. Por que essas pessoas estão indo embora? Quem são elas? Para onde vão? Em busca de quê? Desde quando isso acontece?

É claro que essas perguntas não são fáceis de serem respondidas. Mas tentarei investigar um pouco cada uma delas, valendo-me das palavras e das histórias ditas pelos moradores.

Unger, em *Da Foz à Nascente: o recado do Rio*, livro que me inspirou a pensar e analisar melhor o que meus olhos e ouvidos captaram sobre o Taquá, pode ajudar a compreender como se dão esses processos de desertificação. A autora nos fala que, atualmente, muitas são as populações que têm sido alvo dessa dinâmica de desenvolvimento – “desertificador e desenraizador” (op. cit. p.16). Arrisco dizer, ainda, que são poucas as que conseguem “escapar” desse modelo de desenvolvimento. Ela “ameaça” todos nós, mas, maiormente, àqueles que vivem nas margens: podemos pensar nos beiradeiros, atingidos direta/indiretamente pelos empreendimentos hidrelétricos, por exemplo. São muitas as populações marginalizadas, porém, não nos cabe aqui relacionar cada uma delas.

Passo, neste instante, a tratar sobre esses elementos que compus como sendo processos de desertificação em jogo em Lajeado Taquá. Relembro, ainda, que minha

---

<sup>45</sup> Localizado no norte do Chile. É considerado o deserto mais árido do mundo.

abordagem quanto aos processos em jogo naquela comunidade não tem a pretensão, nunca, de esgotar o tema em questão.

#### 4.3. Um deserto de gente...



Ilustração 06- No início da comunidade... (Foto fornecida pelos moradores)

Talvez a Pequena Central Hidrelétrica (PCH) <sup>46</sup> construída no Rio das Antas tenha contribuído de alguma forma para esses processos de desertificação<sup>47</sup>. Todavia, pelo que parece, esse cenário de “aridez” <sup>48</sup> se verifica antes do surgimento da barragem da usina. Decorrente de quê? Talvez essa não seja a palavra correta, mas vou conjecturar algumas hipóteses, com base nos relatos dos habitantes do Taquá e no que meus olhos conseguiram apreender.

De acordo com os moradores, a maioria deles vive lá desde a fundação da comunidade, há aproximadamente 45 anos. Quando interrogados sobre algo que tenha mudado na comunidade daquele tempo para cá, as respostas são sempre bem parecidas:

---

<sup>46</sup> Instalada em 2004 no Rio das Antas a montante da comunidade.

<sup>47</sup> A PCH não foi, em nenhum momento, relacionada, pelos habitantes, ao evento do êxodo rural.

<sup>48</sup> Termo também utilizado por Unger (2001).

**Iracema** - E quanto à comunidade. Menas gente que tinha uma vez.

**Eu** - E por que tá diminuindo?

**Orácio** - É melhor na cidade.

**Eu** - Por que é melhor na cidade? A senhora também acha que é melhor na cidade?

**Iracema** - Não. Eu não acho melhor na cidade. Porque hoje o colono tem as vaca de leite, pra quem não tem estudo, tipo nós, pra ir pra cidade é pior. Pra ganha o salário que tá ganhando lá na cidade, se não tem estudo, não tem nada, tu não consegue.

(Trecho do Diário do dia 01.08.08, p.98).

Outro exemplo, retirado do Diário de Campo do mesmo dia, p.107:

**Eu** - E daquele tempo o que mudou? Como era antes a comunidade?

**Gaspar** – Diminuiu, diminui.

**Geralda** - As pessoa foram embora quase tudo. Tem bem pouco morador. A juventude quase não tem.

**Gaspar** - Tinha 70 e poca família aquele tempo e no começo. E agora temo até 30.

**Geralda** - Se eu precisasse de pedi pra uma moça, tu vem me ajuda uns dia, não se acha. Tem duas guria nova de uns catorze ano.

**Gaspar** - Os jovem que tinha uma vez no Grupo de Jovem aqui tem três ou quatro, parece.

Em outra família, a mesma questão sobre a saída (para mim soa mais como uma fuga mesmo!) do homem do campo é levantada pelos residentes:

**Rosa** - Essa é uma coisa que a gente discute muito nas reunião, porque tudo mundo sai de casa, né. Tudo vão pra cidade grande. E nas casa fica só. Tu vai passa aqui no Taquá, quantos jovens tu acha aqui?

**Eu** - E por que será que eles pensam assim? E querem ir embora?

**José** - É assim ó. Que nem o pai conseguiu se colocar aqui. O pai não conseguiu dar terra pra todos os filho. Deu um pouco pra



mim ficar aí. Aí agora eu. Vou fazer como se não consigo viver eu? Vou dá terra pra quem? Vou dá o quê? Vou dá um canto pra eles sofrê também? Então lá eles vão. Se viram. Se viram melhor que eu. Não fazem muito futuro. Mas vivem melhor do que eu. Não esquentam a cabeça com nada.

**Rosa** - E mesmo se tivesse ganho não queriam. Que nem a minha filha que veio, ela tem um pedaço ali no matão, mas querem vendê prá comprá na cidade.

**Maria** - Mas só por quê? Ela saiu da roça foi trabalhá lá e lá numa boa, nunca mais ela vai carpi. E só.

(Trecho do Diário do dia 12.09.08, p.134).

Em outra visita, os depoentes falam mais sobre esse abandono da comunidade de Taquá. Segundo eles, a cada dia tem menos gente na comunidade:

**Inácio** - Cada dia menos.

**Priscila** - Vocês percebem, qual o motivo de o pessoal não querer mais ficar aqui?

**Inácio** - O motivo é vários. Um talvez se endivida, acaba vendendo a terra pra pagar a dívida, né, e sai pra trabalhá de empregado. Outro desanima com preço de produtos. Outro desanima um pouco com a estrada, dá 42 km ida e volta. Pode marcar. Também os político esquece de nós aqui. Fica tudo abandonado

**Inácio** - São 42 anos que temo contato com o rio das Antas. É um Rio que “nós sentimo” abandonar. Não abandonar. “Vamo” morar pra Descanso, mais a gente vai ver o rio de vez em quando.

**Priscila** - E os filhos seus, não quiseram continuar aqui?

**Inácio** - Não. O Nenê mora na chácara em Descanso. Ele veio de São Paulo: Pai, vai plantando grama, que eu não vou mais tirar leite. Vou plantar milho. Vou ajudar o pai, vamos cercar tudo, e você vem morar pra cá. E vai dar certo.

(Trecho retirado do Diário do dia 02.05.2008, p.140).



Ilustração 07 – Quando ainda havia infância... (Foto fornecida pelos moradores)

Pelo que pude perceber nas falas dos moradores, quem povoa o deserto são os mais velhos, os pioneiros. São os jovens que estão indo embora para as zonas urbanas, principalmente para cidades maiores como São Paulo, Curitiba e a região Centro-Oeste do Brasil. Eles deixam o Taquá por vários motivos diferentes. Foi falado por muitos dos entrevistados a dificuldade de se manterem no campo, trabalhando como pequenos agricultores, exemplificado por este trecho:

**José** - Mas tu que vê. Ele tem quatro alqueire que conseguiu pelo banco da Terra, tudo terra de máquina. Mas não tem um palanque em cima. Agora você imagina. Vai lá constrói uma casa, um galpão de fumo, te constrói uma estrevaria, compra umas vacas, coloca energia. Se a terra vale 100 mil você gasta 120 mil pra se coloca em cima. E daí você não tem esse dinheiro prá fazer isso. Você vai financiar, você vai fica o resto da vida pendurado nos banco. E daí ele vai ter que trabalhar. Lá na cidade, ele sabe que vai ter que cumprir o relógio, mas não se incomoda com ninguém. Lá ele tem moto, tem tudo. Não vale a pena. Eu concordo com ele até.

(Trecho extraído do Diário do dia 12.09.08, p. 135).

Como se verificou na declaração de seu José e segundo o que muitos moradores desabafaram comigo, hoje em dia, para sobreviver da agricultura, não basta mais ter a

terra para plantar. Para poder concorrer com os grandes fazendeiros, a agricultura e a pecuária familiar necessitam ter uma estrutura mínima, o que requer um grande investimento em dinheiro e assistência técnica contínua. Apesar de se ouvir falar muito nos auxílios governamentais aos pequenos agricultores, isso ainda não tem conseguido segurar o homem no campo. Pelo menos não em Lajeado Taquá.

Como seu Inácio falou, alguns agricultores acabam se endividando, ou com as cooperativas da qual fazem parte ou, geralmente, com o banco que lhes deu o empréstimo financeiro. Por isso, alguns acabam indo morar na cidade e viram empregados.

Outra questão levantada é o fato da comunidade estar muito afastada da cidade e dos serviços oferecidos por ela. Talvez esses 42 km entre o Taquá e Descanso (ida e volta), como seu Turim comentou, possam também pesar na decisão das pessoas de abandonarem suas casas e suas propriedades rurais.

Quando são os mais velhos que saem das comunidades, geralmente é por outros propósitos, como aconteceu com a família Turim, que decidiu ir morar na cidade para ficar mais próxima dos filhos. Todavia, pelo que notei, esta decisão partiu mais dos filhos do que deles próprios. Tanto seu Inácio como dona Inês confessaram que é difícil sair do Taquá. Também pudera. Um lugar lindo como aquele e, pelo que percebi, a intensidade das relações afetivas que tecem com aquele ambiente não permitiu que tivessem saído de lá anteriormente. Pelo que eles contam, há anos eles já têm a casa pronta na cidade e sempre que chegavam perto de fazer a mudança, eles delongam o plano. É, mas na última vez que fui visitá-los, eles já não estavam mais. Infelizmente, mais uma família se foi. E o deserto continua aumentando...

Apesar de muitos desses relatos mostrarem a zona rural, em especial, o Taquá, como um lugar onde não está fácil viver e a cidade como um lugar onde se pode prosperar, mesmo que, segundo algumas opiniões, lá “não se faz muito futuro”<sup>49</sup>, não posso deixar de registrar a fala da Dona Iracema. Ela foi a única pessoa que disse com convicção que é melhor o campo que a cidade. Enquanto seu filho não soube me explicar por que é melhor viver na cidade, ela foi categórica. Disse que, sem estudo, não

---

<sup>49</sup> Palavras de seu José.

se é nada na cidade e pelo menos ali, no Taquá, eles que não têm estudo conseguem viver bem.

#### 4.4. (...) De Peixe...



Ilustração 08- Outrora um Rio cheio de peixes...

Outra questão muito abordada pelos agricultores foi a diminuição do pescado. Segundo eles, tanto o Rio Neco como o Rio das Antas vêm se transformando em um “deserto de peixe”<sup>50</sup>. Friso que, apesar dos habitantes do Taquá não dependerem totalmente da pesca, já que tem na agropecuária sua maior fonte de renda e, também, de alimentação, a falta de peixe traz, sim, problemas à comunidade, sem falar ao meio ambiente.

Um dos aspectos negativos, a meu ver (talvez não para aquelas pessoas), está no distanciamento entre o morador e o Rio. Em função da dificuldade de se encontrar peixe, o morador, às vezes até mesmo aquele que mora bem ao lado do rio, não o

---

<sup>50</sup> Termo dado por mim e não pelos moradores.

“visita”<sup>51</sup> mais. Assim, ele acaba deixando de praticar atividades que eram corriqueiras tempos atrás: os banhos de rio e a própria pesca, por exemplo. Utilizo alguns excertos retirados do Diário de Campo para ilustrar este cenário:

**Nelsiane** - Quase não se vê os peixe que tinha antes.

(Diário do dia 01.08.08, p. 100).

**Gaspar** - Não é como antigamente mais. Antigamente tinha peixe ali a monte e hoje não tem mais nada.

(Diário do dia 01.08.08, p.106).

**Gilmar** - (...) É claro que aqui não existe mais peixe no nosso Lajeado<sup>52</sup>, não tem mais peixe.

(Diário do dia 01.08.08, p. 112).

Outro morador, ao ser questionado sobre como era o rio antigamente, responde entusiasmado e com certo “ar” de saudade, referindo-se àqueles tempos de prosperidade:

**José** - Tinha peixe. Pra tê uma idéia, tinha aqueles grandão aqui no Neco.

(Trecho do Diário do dia 01.08.08, p. 102).

**Eu** - E que tipo de peixes que vocês encontravam aqui? Que tinha aqui?

**José** - Aqui na época, na verdade, era o... Lambari e a Traíra. Hoje existe mais. Mas na época. Lambari e Traíra. Concentrava aí.

**José** - Hoje alguma vez se vai. Mas é difícil. Aquela vez nós ia prá pescar... prá... pescar se ia duas, três vezes por semana porque dava peixe. Hoje não... hoje não... não vale nem a pena ir. Se não é de rede, não pega nada.

**Eu** - E vocês pensam... Porque pode ter acontecido isso? Vocês pensam?

---

<sup>51</sup> Não sei se é a melhor palavra. Penso que o rio não precisa somente ser visitado, já que, para mim, a idéia da visita soa como algo distante, não corriqueiro.

<sup>52</sup> Lajeado é o Rio Neco.

**José** - Na época... foi muito abuso... muito abuso com o rio. A gente nem devia falar, mas... teve gente que... abuso demais com redes, até com esses dinamite, com esse cacorete (será que é isso mesmo?) que dizem que usam pra matar os peixe, pra pegá..

**José completa** - Alguns diziam cacorete, detona com o peixe, morre e vem pra cima.

**José** - Eu não vi. Mas, ouvi gente falar que apodreceu muito peixe no rio.

**José** - Então... na verdade... foi abusado. O pessoal... tinha gente que não. Que nem nós que ia pescar de linha, A gente não... pescava lá o suficiente ou até um pouco mais por... Mas tinha gente que levava peixe de abuso, né.

**José** - Não. Nessa parte não. A base de não i mais no rio saiu... que nem nós tava falando, no divertimento da juventude, mudou. E o primeiro passo é a pescaria que não tem peixe. Tu vai lá, não pesca. Fica lá meio dia e tu vai embora.

**Rosa** - Não tem peixe. O pessoal começou a desanimar.

**José** - Alguém às vezes vai lá com a redinha pra pegá uns cascudo pra comê, mas é muito pôco.

(Trecho do Diário do dia 12.09.08, p. 123).

Com o depoimento de seu José se pode ter uma idéia mais clara de que, com a diminuição dos peixes, os moradores acabam acessando menos o Rio. E o olhar desse morador, posso dizer, é um olhar também ecológico (comentarei mais sobre isso), atribuiu o desaparecimento dos peixes à própria atitude dos moradores no passado, de pescar sem nenhum limite, inclusive utilizando dinamite. Este relato é muito interessante e surpreendente. Pelo que parece, os moradores têm conhecimento da responsabilidade pelos fenômenos de degradação daquela comunidade. Falarei um pouco mais sobre isso adiante.

Em visita a outra família, encontrei, com surpresa, uma moça e, mesmo não sendo ela do Taquá, e sim de outra comunidade próxima, resolvi incluí-la na nossa conversa. Ela, ao ser questionada sobre o rio, relaciona a morte dos peixes com outro fato:

**Gabriela** - O rio seca bastante, quando eles fecha a água lá. Teve um ano que morreu peixe a monte. Por causa que fecharam lá.

(Trecho do Diário do dia 01.08.08, p. 108).

Este relato da Gabriela, referindo-se ao fechamento das comportas da PCH como possível causador da morte dos peixes, fez-me lembrar da passagem de Mancuso e Valêncio (2004, p.175) que declara que “o rio que sempre foi provedor de peixes é hoje provedor de energia elétrica...”.

De fato, o uso dos rios para produção de energia elétrica é comum no nosso país. No Extremo-Oeste, em função de ser um planalto, característica essa favorável à instalação de usinas, tem-se multiplicado as usinas hidrelétricas de pequeno porte. Todavia, o quanto a PCH em questão interfere na morte dos peixes do Rio das Antas, disto eu não tenho informação. Mas, com um mínimo de conhecimento “acumulado” ao longo de quatro anos e meio de Universidade, posso arriscar dizer que o barramento de um rio altera indelevelmente a ecologia daquele habitat e pode, sim, com essas modificações, levar à morte de peixes e outros seres aquáticos.

É interessante perceber que seu José teve um olhar diverso quanto ao surgimento da barragem do rio e à expectativa do surgimento de duas novas PCH's no Antas. Quando perguntei se a barragem poderia ter “feito alguma coisa” no rio, ele me respondeu:

**José** - Eu acredito que com essas barrage aí, de repente, pode até... Em termo de peixe pode até melhorar um pouco. Mas a tendência é sempre melhorar aonde que existe a barragem pra cima. Pra baixo é difícil, né.

(Trecho do Diário do dia 12.09.08, p. 129).

Como se observa, para ele, a barragem pode até levar a um aumento de peixes, já na visão de Gabriela, a barragem é o determinante para a sua mortandade.

Certamente, por detrás desse cenário narrativo de desaparecimento dos peixes existem outros fatos e fatores. Talvez a poluição das águas seja um deles. No entanto,

nenhum dos moradores fez essa relação com a morte dos peixes, por isso, não versarei aprofundadamente sobre a poluição dos mananciais.

Como imaginava, não é só a desertificação de peixes que se verifica em Taquá, mas a de outros animais. Apesar de eu já acreditar *a priori* que isso ocorria, a menção ao desaparecimento de outros elementos da fauna regional (as próprias antas que eram abundantes outrora, servindo de nome de batismo para o rio; o porco-do-mato; o tatu; pássaros entre outras espécies mais) surgiu em poucas conversas. Na família Grandim, resolvi insistir na pergunta sobre se havia “bichos” ali. Seu José, como sempre, responde ligeiramente:

**José -** Tudo. Tudo. Isso vinham, vinham pra gente caçar. Não precisava ir atrás. Que nem porco-do-mato hoje não existe mais. E existiam tropas. Quanta caçada de porco-do-mato. Pelo amor de Deus. Quatis. Era abundância. Passarinho de todo tipo. E hoje tem passarinho, hoje tem passarinho que tu até esqueceu.

(Excerto do Diário do dia 12.09.08, p. 124).

Pelo relato de seu José confirma-se que a minha hipótese não estava errada. Realmente, “era abundância” de animais, como ele mesmo diz. É interessante comentar, por fim, que os animais citados por ele são todos representantes da fauna silvestre e é deste deserto que nos referimos quando falamos sobre o deserto de animais. Até porque, animais de criação (bois, galinhas, suínos, entre outros) são muito comuns e existem em grande número nas comunidades rurais, em especial, no Taquá.



#### 4.5. (...) De água...



Ilustração 09 – A cheia do Antas (foto fornecida pelos moradores)

E... Se existe um deserto de peixe é porque existe um deserto de água.

De fato, um dos grandes problemas que a comunidade do Taquá enfrenta é a falta de água. Segundo os moradores, que são todos agricultores, ou seja, dependem da água para manter suas atividades de subsistência, em períodos de falta de chuva, o Rio Neco seca. Então, nessas horas, necessitam da água do Antas e, nos últimos anos, aproximadamente a partir de 2000, os moradores também vem recorrendo aos poços.

**Gilmar** - Se faltar água, pelo amor de Dio. A gente vê quando dá uma seca, né. Que em primeiro lugar é a água no rio. (Extraído do Diário do dia 01.08.08, p. 111).

**Claudete** - (...) Hoje em dia a gente tem poço, mas não dá pra usar tudo. A gente percebe que faz falta quando dá seca. (Extraído do Diário do dia 24.07.08, p. 77).

A importância que a água, principalmente a água dos Rios Neco e Antas, tem no cotidiano desses moradores e a dificuldade que enfrentam na ausência dela é bem ilustrada nesses excertos extraídos do Diário de Campo. Por exemplo:

**Eu** - Qual é a importância do rio no teu dia-a-dia?

**Claudete** - É grande, né. Muitas coisa...

(Retirado do Diário do dia 24.07.08, p. 77).

Mas nem sempre foi assim. Conforme os moradores, existiu um tempo em que a água era abundante, de qualidade e se utilizava dela para o abastecimento e dessedentação dos animais. Os moradores, a maioria deles, quando indagados sobre se mudou algo no rio, eles relataram que antigamente a situação era outra.

**Eu** - E como era a vida antigamente aqui no Taquá? A relação com o rio mudou?

**Claudete** - (...) Ah sim. Mudou muito. O rio era bem mais limpo. A gente usava pra tratar os boi. Agora não pode mais. Tá certo.

(Extraído do Diário do dia 24.07.08, p. 77).

Dona Claudete, além de relatar que o rio era mais limpo anos atrás, também traz à tona o discurso que circula na comunidade. Por orientação do órgão ambiental e da empresa que dá assistência agropecuária à comunidade, os moradores são guiados a evitar que os animais de rebanho utilizem o rio. Ou seja, não é porque eles não queiram usar a água do rio, mas é pela mediação dos ensinamentos ambientais fornecidos pelas instituições que alegam que, além dos patógenos oriundos dos excretas contaminarem a água, o pisoteio dos animais degrada a mata ciliar. Outro morador, o marido de Dona Claudete, desabafa indignado, com um discurso diferente da esposa:

**Cláudio** - Não dá mais pra plantar pasto ali na sanguinha. Antes os primeiro chiquerão era em cima da sanguinha. E vem dizê que faz mal. Antigamente era só pegá o foque de luz de noite e olhar ali no rio, cheio de lambari, comendo o esterco. Agora o pessoal da Epagri quer cercar o riozinho, pro gado não beber mais água ali. Vivo aqui 40 anos e vou ter que dar aquele pedaço de terra.

(Extraído do Diário do dia 02.07.08, p. 139).

Outros moradores nos falam ainda sobre a importância da água para a comunidade e as mudanças que ocorreram no rio:

**Inês** - Tem tudo. Porque sem água, se tem nada.

**Inácio** - Nós se acostumemo com o rio na nossa terra. Quando dá inchente nós nem mais liguemo que tem gente que se revolta com a inchente, quando dá a cheia. Nós, pra nós é até bonito de vê, né.

**Eu** - E antigamente, de anos anteriores pra agora, o que mudou? No rio?

**Inácio** - (...) as águas eram sempre limpa, por causa do mato. Hoje a água tá poluída. Ela xuja com qualquer chuva. Ela xuja. E uma vez não.

(Retirado do Diário do dia 24.07.08, p. 82).

Com o depoimento de seu Inácio é possível, e de certa forma, interessante pensar que a sensação de desertificação do lugar é tão presente que a cheia do rio é vista como bonita, como um preenchimento.

Dona Nelsiane, outra pioneira do Taquá, também relata algo parecido:

**Nelsiane** - O rio piorô. A gente vê. Quase não se vê os peixe que tinha antes. E a água diminuiu muito.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p. 100).

Em outra família, seus membros noticiaram a relação da mata-galeria, também conhecida por mata ciliar ou beiradeira na proteção das águas e como forma de “diminuir” a seca:

**Gabriela** - Quando dá bastante seca, agora que tiraram a mata dos lado, o rio seca, e os peixe não vem mais. Não tem mais. Daí só piora. Quando que eu conheço o rio, só piora.

**Gaspar** - É uma vez se... Bom. Quase normalmente se usa hoje também o rio. Mais, só que a gente nota que onde que tem, onde ficou, onde se criou a mata nativa e ficou é diferente o rio, a água. Tem parte que ficou.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p. 108).

Gabriela e seu Gaspar têm toda a razão. Certamente, a manutenção da mata em redor dos corpos d'água serve como barreira protetora, impedindo, por exemplo, o carreamento das partículas do solo e evitando, assim, o assoreamento dos rios, que nada mais é o “secamento” deles.

Outra conversa interessante tive com seu Gilmar. Ele nos fala do rio:

**Eu** - E que importância tem o Neco, o Antas na vida de vocês?  
Pro dia-a-dia?

**Gilmar** - O rio?

**Eu** - É.

**Gilmar** - Ah. Tem tudo a vê.

**Gilmar** - A água, eu pra mim. É o símbolo, é a primeira coisa, né. Então o corpo sem a água, não é nada.

**Gilza** - Esses dia que secô o rio, tinha que se abastecê tudo por lá pra levá no gado.

**Gilmar** - Eu acho que as água, o rio é abastecido pela, pelo, por exemplo. A lágrima, sempre tem, o lugar, quando tu passa pelo rio tu vê, tu vê a pedra, a água que desce, tu não vê ela corrê. Mais uma fontezinha, mais outra. Ali onde que passa a água. Tudo vem do moro. Isso aí é importante prá gente.

**Gilmar** - (...) invadem criação dentro do rio, manguerinha embora vai tudo dentro do rio.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p. 111).

Seu Gilmar trouxe à tona outro assunto importante de se abordar: o lançamento do dejetos da suinocultura nos corpos d'água. Quando ele menciona a “manguerinha”, pode-se entender que, apesar do trabalho de orientação desempenhado pelo Ministério Público<sup>53</sup>, cooperativas, municípios, EPAGRI e FATMA<sup>54</sup>, ainda existe(m) o(s) que ainda destinam esses resíduos, altamente poluentes, nos corpos hídricos. Talvez, os dejetos lançados (às vezes sem a intenção e conhecimento do agricultor) podem estar contribuindo com esse deserto de água e, ainda, mantendo o Rio das Antas no *ranking*

---

<sup>53</sup> Através do TAC (Termo de Ajustamento de Conduta para a Suinocultura).

<sup>54</sup> Fundação do Meio Ambiente/SC.

de segundo rio mais degradado do nosso Estado. A Dona Inês e seu Clésio completam a idéia tratada por seu Gilmar sobre a poluição da água:

**Inês** - (...) Quando eles espalham o dejetos no solo, só dar uma chuvinha, que desce rio abaixo.

(Excerto retirado do Diário do Dia 02.05.2008, p. 142).

**Clésio** - (...) E o rio agora tá cheio de tóxico.

(Excerto retirado do Diário do Dia 27.07.2008, p. 82).

Outra conversa profícua aconteceu com a família Grandim. Durante a visita, vários assuntos interessantes surgiram, entre eles, o tema do poço:

**Eu** - Como era o rio antigamente?

**José** - Antigamente a gente dependia mais dele, hoje se diz que tá tudo poluído. Nem dá pra contá direito. O Neco aqui quase sempre seca. Daí quando seca, a gente pega tudo das Anta.

**José** - O rio tava sempre limpo.

(Extraído do Diário do dia 01.08.08, p. 101).

**José** - O uso da água do rio era... na época que nós entramos aqui... era... era quase 100%, né. Por que tu ia achar água aonde? Daí o pessoal foram se construindo e faturando as água, né. As que tem hoje, né. E na verdade, quando que nós chegemos aqui a água desse rio ali era que nem tu achar uma vertente de água ali, ia sair água limpinha, as lages limpa, peixes. Coisa linda. Linda. Linda. Coisa linda isso aí.

**Eu** - Mas não usam mais essa água?

José e Maria respondem em uníssono que não.

**Rosa** - Ali no Fiume também fizeram um poço artesiano pra eles e um lá em cima do morro.

**José** - Lá são os mini-poços.

**Eu** - E por que vocês fizeram o poço? Faltava água?

**José** - Naquela época tinha seis aviário. E nas época de seca, o problema era a água. Que nem foi essa seca passada. Essa foi a maior até.

(Retirado do Diário do dia 12.08.08, p. 128).

**José** - Só que eu não consegui fazer o poço fundo ainda pra produzir água na seca também, né. Mas se tivesse a água fixa, permanente lá, o rio estaria cercado eternamente.

**Rosa** - E essa é a diferença da estragação do rio. Porque esses anos atrás não tinha tanto animal que ia tomar água no rio. E hoje tudo as casa, toda as propriedade, olha quanto animal que vai no rio toma água. E essa é a estragação do rio. Ainda mais no tempo de seca.

(Retirado do Diário do dia 12.08.08, p. 136).

Pelo que se pôde compreender nas passagens de seu José e dona Rosa, o papel que o poço tem para a comunidade de Taquá, principalmente quando seca o Rio Neco é muito grande. Posso conjecturar, então, que tenha sido o deserto tanto de água como de peixe que tenha levado os moradores a buscar o poço. Acredito ainda, que a presença do poço no cotidiano do Taquá também possa ter relação com o distanciamento entre moradores e o Rio das Antas, já que mesmo os agricultores que vivem muito próximos ao rio valem-se da água retirada do subterrâneo e alegam “visitar” o rio com menos frequência. Fiquei a pensar, então, depois de tudo o que vi, ouvi, reli... que “a comunidade está cada vez mais próxima do poço”.

Outra passagem interessante, que nos auxilia a raciocinar sobre o que pensam os moradores em relação à construção das PCH's na região é:

**José** - Vai sim. Eu acho que sim. Daí vai tê mais água no rio, né. Vai ser bom.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p. 103).

Neste último excerto o assunto da PCH é retomado. Perguntei para os Grandim se a usina iria mudar algo. Para seu José, que respondeu a minha pergunta, a expectativa é que com as novas usinas no Rio das Antas se tenha mais água e, por conseguinte, haveria mais chance dela não faltar no período de seca.

Tudo isso que dispus nessa seção nos mostra, visivelmente, que o rio já foi um dia mais importante do que é hoje para os habitantes de Lajeado Taquá.

#### 4.6.(...) De relações humanas...

“Quando a amizade é “esquecida”, quando o diálogo e a troca são substituídos pelo projeto de dominação e controle, o homem se isola diante da natureza e diante dos outros homens” (UNGER, 2001, p. 42).

Ao ler esta passagem (um tanto pesada, sim!) que encontrei na mesma obra de Unger, fiquei a refletir mais sobre esse desvinculamento entre os moradores, ao qual posso, também, chamar de deserto de relações. Deserto este que não foi abordado por todos os moradores e surgiu, mais nitidamente, nas conversas da última visita que realizei ao Taquá e dela faço questão de falar um pouco aqui.

Vale dizer que esta última visita, apesar de não ter sido planejada para o TCC, foi a que forneceu as pistas mais significantes e interessantes para compreender o cenário do Taquá, seus moradores e o rio. Não que as outras conversas não tenham sido importantes, mas é que nesta visita, por ter sido mais longa, portanto, por ter havido mais tempo para ouvir os entrevistados, surgiram novos lances e interpretações.

Sobreveio, por exemplo, a menção sobre o afastamento entre os moradores do Taquá e o abandono de outras práticas comuns àquela população.

Para termos uma idéia disso, seu José Grandim nos fala das “aventuras” de outrora, quando brincar, tocar violão, caçar, jogar bocha de pedra, além dos banhos de rio ao meio-dia eram atividades do dia-a-dia:

**José** - É aqui muitas vez nós, a rapaziada até uns casado, pegava o cavalo na hora do meio-dia e ia lá pro Rio das Antas só pra toma um banho.

**José** - É. Atravessá o rio. Brincá, tocá violão, cantá. Nós se fazia isso.

**José** - E naquela época lá a nossa diversão. Não existia bodega. Não existia igreja, não existia nada. Se quisesse ir no terço. Naquela época era o terço. Se quisesse ir numa missa, era onde que o padre ia. Onde os mais antigo do que nós. Senão era pega

e ir pro rio, ou ir caçá. Virá os mato. Caçá, pescá, ou jogá bocha de pedra na estrada.

(Retirado do Diário do dia 12.09.08, p. 126).

Pelo que se percebe, antigamente, o morador estava mais próximo da “natureza”; as práticas de tomar banho de rio e a expressão usada pelo seu José “virá os mato” retratam isso. Ele menciona, também, a caça, que era muito comum naquele tempo. Logicamente, as conseqüências dessa prática se conhecem, mas, penso que não nos cabe versá-las aqui. O fato é que havia, sim, um maior vínculo entre o homem do campo/do beiradeiro com o seu ambiente. E existia, ainda, maior proximidade entre os moradores, como se pode observar nos excertos extraídos do Diário de Campo:

**José** - Tomá chimarrão nas casa dos outro, de repente. Jogá quatrilha. Contá piada.

**José** - Hoje a juventude se não tiver uma moto pra eles ou, divertimento, dinheiro prás festa, pra cá e pra lá, corre de varde. Óia eu fiz 19 anos antes de ir num baile. Se ia nesse bailezinho de paiol, né, porque, quando se resolvia fazê um baile, de gaita e violão, nos paiol aí podia tá cheio de palha que se reunia ali 15, 20 pessoa, em meia hora já tava limpo e já tava dançando.

**José** - Naqueles ano. De noite. Claro de lua ou foque. Ou em dois a cavalo, ou então cinco ou seis. Fomo lá fazê cerol (cerão) na casa do fulado lá hoje de noite. E o que se fazia pra esperá!? Todo mundo cantava. Era assim. E quando escutava a gente cantá pode escuitá, fica sabendo, tá vindo gente.

**Rosa** - A capelinha... acompanhavam até lá em baixo. Hoje, mas duvido se vem uma pessoa da capelinha.

**Rosa** - Acho que nem os próprios pai não sabem porque os filho não ligam mais pra ir... querem só diversão e festa e...

(Retirado do Diário do dia 12.09.08, p. 126).

Seu José fala com saudades daquele tempo; percebe-se isso na maneira de ele contar, na expressão do rosto, nos lábios que não param de sorrir com a recordação. Rememorando os encontros iluminados com o luar ou com o foque, já que energia elétrica não existia. E quem diria, hoje, a energia que abastece suas casas vem dali de



perto: do Rio das Antas. José fala, ainda, das reuniões dos moradores que aconteciam “na casa do fulano” ou no paiol que acabava virando um salão de baile.

Agora, depois de escrever esse parágrafo, fiquei a pensar o porquê desse afastamento. A partir de quando ele se deu? Será que a energia elétrica não “apagou” um pouco essas relações? Na época em que não havia eletricidade, não existia televisão, rádio, então, a diversão, o entretenimento das pessoas, até como forma de afastar a “solidão”, era se encontrar para tomar um chimarrão, contar piadas, jogar quatrilha e, assim, elas acabavam ficando mais próximas. Meus pais também sempre me contam sobre essas histórias. E todos eles se lembram daquele tempo com muita saudade.

Eram tempos difíceis aqueles. A distância entre as casas dos moradores sempre existia. E, apesar disso, os encontros eram mais frequentes e as ajudas eram recíprocas. Eles nos falam:

**José** - Eram bons aqueles lá. Era difícil não tinha estrada.

**Maria** - No primeiro tempo, nosso primeiro vizinho era lá no que desce o... E o outro vizinho ficava pra lá dos Turim. E agora...

**Maria** - E pra passar não dava a pé então se passava a sanga 3 vez pra passa até o vizinho lá em baixo.

**Rosa** - É engraçado que não é só o Rio que mudou. Outro dia fui passeá lá na (não entendi o nome) pagá uma continha lá da água e daí a mulher falô. Ela disse: “tu vê, anos atrás, a gente se ajudava lá embaixo com a Turim. Eu fazia o serviço prá ela e ela fazia o serviço prá mim”. E ela disse: “hoje em dia nem visitá a gente vai se visitá”. Às vezes a gente precisava sabê por que terminou essa...

**Eu** - Esse contato afetivo, né.

**Rosa** - Ela vinha lavá roupa prá Turim, prá nona aqui, prá sogra.

**Eu** - É... E por que será?

**Rosa** - Mas não sei.

(Retirado do Diário do dia 12.09.08, p. 131).

E os moradores, pelo que observei, têm plena ciência desse fato e também conjecturam os motivos pelos quais ele acontece.

**José** - Depois que os meio de comunicação entraram dentro de casa, daí fica mais acomodado.

**Rosa** - Às vezes a gente vai em reunião. Eu vou bastante em reunião. Eu sou ministra, vô em Chapecó. A gente fala em mudar. Em voltá o que era antes.

(Retirado do Diário do dia 12.09.08, p. 133).

Talvez, eles estejam certos. A televisão, por exemplo, apesar de ser um entretenimento para eles, pode ser que faça com que eles permaneçam mais em casa. Ou não. Quem sabe o próprio cansaço provocado pelos anos de trabalho na agricultura e a própria idade em que se encontram, também não estejam influenciando esse caráter atual deles?

Por tudo que foi contado nos capítulos anteriores e no próprio o Diário de Campo, constata-se que não se trata de um lugar apagado de significado. Pelo contrário. O Taquá é um lugar cheio, rico de pessoas, de histórias e, por conseguinte, de significado.

#### **4.7. O oásis<sup>55</sup>... A vivacidade!**

Resolvi dedicar a seção final deste capítulo para versar sobre o saber ecológico que encontrei naquela comunidade e que fez com que ela se tornasse ainda mais especial do que já era para mim no início da minha pesquisa.

Posso dizer que, desde a primeira visita ao Taquá, durante a realização do Projeto de TCC, já tinha a impressão de que ali, com aqueles moradores, eu conseguiria realizar um Trabalho interessante e estimulador. E não me enganei.

---

<sup>55</sup> O oásis corresponde a uma faixa de deserto onde se encontra água e cobertura vegetal, ou seja, é uma configuração que pouco condiz com a realidade do local: extremamente adversa, árida. Em meu trabalho utilizo o termo oásis com um sentido metafórico para me referir, entre outras coisas, ao saber ambiental daqueles moradores.

Neste lugar, que atribuí como relativo a um conjunto de processos de desertificação, encontrei pessoas “com uma percepção da natureza baseada em valores e posturas muito diferenciadas de uma tradição moderna que poderíamos qualificar como instrumental e reificadora” (UNGER, 2001, p. 16).

Posso dizer ainda, inspirada nos argumentos dessa autora, que os moradores *habitam* o Taquá. Logicamente que sem uma explicação, essa frase não tem sentido, ou melhor, ela é no mínimo óbvia. A partir desse livro que foi tão importante para a construção do meu Trabalho, o termo morar, habitar, evoca outro sentido. Um sentido mais amplo, como o morar visto como um enraizamento. Desse modo, os verdadeiros habitantes são aqueles “que sabem respeitar a Terra e seus seres, acolher e preservar, deixar o próximo e o distante ser distante, reconhecer o sagrado, assumir a morte” (op. cit.).

Para demonstrar isso, basta recordar as passagens mostradas nas outras seções. Não é difícil encontrar nos depoimentos dos moradores um modo “exemplar” de interagir com a Terra e uma visão que valoriza e reconhece a natureza daquele lugar.

Porém, essas visões ambientais que circulam entre eles muitas vezes vêm de outras influências, como por exemplo, observa-se na fala dos moradores sobre a EPAGRI e o Projeto Microbacias II<sup>56</sup>:

**José** - Agora com o Microbacia, eles têm ajudado. A gente se reúne, tem curso, tem slide, a gente tá sabendo. Mas pra melhorá vai demora um poco, é difícil fazê tudo de vez só.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p.103).

**Eu** - E o Microbacias tá ajudando vocês? Orientando?

**Gaspar** - Estão orientando, mais. Mas tinha que mudá mais. Tinha que botá meio no,... senão o pessoal não faz.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p. 109).

---

<sup>56</sup> É um projeto do governo do estado de Santa Catarina em parceria com outras instituições e organizações e tem como objetivo central promover o alívio à pobreza rural através de ações integradas que visam ao desenvolvimento econômico, ambiental e social do meio rural catarinense, de forma sustentável e com a efetiva participação dos atores envolvidos. Disponível em: <[www.fatma.sc.gov.br/download/projetos/convenios/Microbacias\\_%20II.doc](http://www.fatma.sc.gov.br/download/projetos/convenios/Microbacias_%20II.doc)>. Acesso em: 15 de out. de 2008.

Pelo que se sabe, ao incorporar algumas práticas sugeridas por essas instituições, os habitantes têm a chance de ganhar recursos e auxílios para suas atividades rurais. Quem sabe isso explique essa postura dos residentes. Além disso, pelo que se observa, sutilmente, nessas falas, os moradores esperam que as ações de melhoria partam do Projeto Microbacias II, é como se eles tivessem menos responsabilidade pelo que se passa no Taquá.

Em outra conversa, apesar do tom de crítica do morador, percebe-se melhor o quanto o Microbacias está inserido na comunidade e no pensar e agir ecológico do morador:

**Gilmar** - E sabe que a gente preserva o rio, né. Eu planto. Eu tenho tudo mato nativo na beirada do rio, né. E tem gente pra cima, né, que vive dentro do rio, quase. Larga sujeira no rio. E são cabeça da Microbacia ainda. Fazem reunião, fazem tudo, mas não enxerga o outro lado.

(Retirado do Diário do dia 01.08.08, p. 111).

Além das menções à EPAGRI e ao Microbacias II, a figura da Igreja Católica também aparece, todavia, de forma menos explícita. Quiçá, ela também seja responsável por essa particularidade observada nos moradores do Taquá. Como se vê nesses excertos:

**Rosa** - Às vezes a gente vai em reunião. Eu vou bastante em reunião. Eu sou ministra, vou em Chapecó. A gente fala em mudar. Em voltá o que era antes.

**Rosa** - Essa é uma coisa que a gente discute muito nas reunião...

**Rosa** - O padre também faz essas perguntas.

(Retirado do Diário do dia 12.09.08, p. 134).

Em função desse acionamento de conhecimentos ecológicos e ambientais por parte dos depoentes, fiquei a pensar, ainda, se o BioSaúde (presente nas atividades dos Turim) e a Escola Agrícola, que está localizada próxima ao Taquá (inclusive possui estudantes vindos da localidade), também não possam ter influência nesses olhares dos moradores.

Ainda, cheguei a conjecturar se a repetição do discurso de proteção ambiental dos moradores não tenha sido proferido segundo o que eles imaginavam que eu desejasse ouvir, na posição de representante da ciência. Pode até ser.

Para findar, percebe-se neles um desejo de mudança, de se voltar ao que era antes, mesmo que, por intermédio da iniciativa de intervenção de outras instituições.

**Inês** - Espero que melhore. Que se despolua. Se proteja, né!

**José** - Voltá o que era não vai voltá. Nunca mais. Nem pensá. A gente tem as imagem que era. Mudô tudo. Tudo. Tudo. Tá totalmente inverso. Mas eu acredito que pelo menos a limpeza das águas vai melhorar muito. Vamo vê se o povo se conscientiza.

(Extraído do Diário de Campo do dia 24.07.08, p. 85 e 12.09.08, p. 135, respectivamente).

Por conseguinte, o que parece fato é que eles sabem sobre a poluição, sobre o desmatamento, sobre plantas e seus efeitos de cura, entre outras coisas, mesmo habitando num lugar repleto de desertos (de água, de pessoas, de peixes). Eu vejo essas visões ecológicas, saberes, acolhimentos (inclusive na minha recepção) e outras histórias de vida dos moradores como um oásis que permite a vida em meio à aridez e o que, talvez, as tenha impedido de tornarem-se desertores, como tantas outras pessoas que deixaram o Taquá nesses últimos anos.

## **CAPÍTULO 5 – SEREI EU DESTE LUGAR? UM DESENCONTRO COMIGO MESMA...**

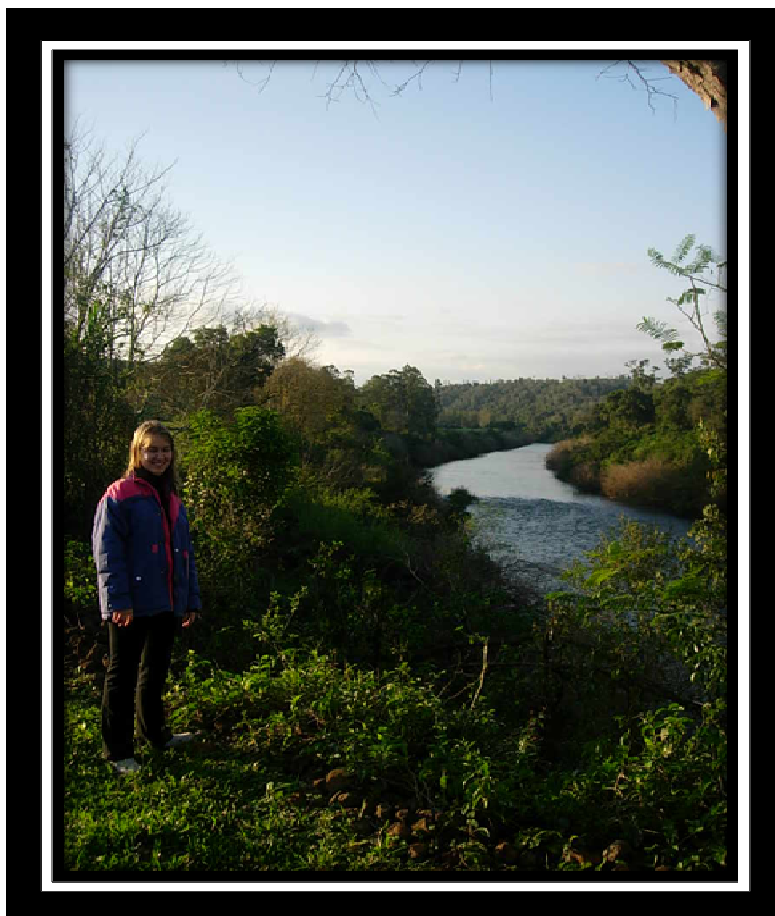


Ilustração 10 – A aproximação ou o desencontro entre o Rio e a pesquisadora?

Pela memória, encontramos o passado no presente: “a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que não é. Porém, a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória” (Santo Agostinho).

Não sei se recordam e/ou se chamou atenção de vocês, leitores, o fato de em vários momentos da escrita do meu Trabalho, ou praticamente em todo o TCC, eu me colocar como sendo do “lugar” no qual desenvolvi minha pesquisa. Seguramente, há inter-relações entre eu e aqueles moradores e aquele lugar; existe, acredito, algo que me aproxima, sim, do rio das Antas! Quem sabe pelas lembranças dos acampamentos à

beira daquele e de outros rios e das muitas aventuras de infância pelos riachos, divididas com meu irmão gêmeo, a “bordo” do tacho de sabão “navegável”. Apesar disso, jamais poderia chamar o Taquá de meu “lar” e seus habitantes de meu “povo” (formas de dizer que percorrem as páginas e as linhas do Projeto e cujos resquícios podem ser encontrados em alguns momentos desse TCC).

Foi então, somente agora, no final da escrita do Trabalho, que me dei conta de que não fazia parte daquele “mundo”, embora tenha estabelecido relações afetivas com o Taquá e seus moradores. Foi difícil entender isso e talvez essa dificuldade se deva, maiormente, ao fato de eu sempre relacionar o lugar com a idéia do espaço físico.

Todavia, bem antes desse meu despertar, marcas eram deixadas por mim ao longo da escrita do TCC, anunciando/denunciando que eu não pertencia totalmente àquele espaço, como nas passagens: “respondei que não era dali” (excerto extraído do Diário do dia 24.07.08); “e o caminho ainda não é familiar para mim”; e, “em se tratando de gente estranha” (estava me referindo a mim mesma), ambos retirados do Diário do dia 01.08.08.

Surpreendentemente, pude fazer uma relação interessante entre o que se passava com os moradores e comigo mesma. Deste modo, posso considerar que, assim como os moradores foram se afastando do rio, eu também fui me vendo cada vez mais distante e fora daquela realidade que, antes, acreditava ser exatamente a minha.

É curioso: ao mesmo tempo em que me vejo, agora, estranha (naquele momento isso não era consciente) na presença daqueles moradores e naquele cenário que analisei como sendo configurado por distintos processos de desertificação; torno-me próxima a eles nos momentos em que, por exemplo, os jardins das casas e o próprio sotaque da moradora me trazem à lembrança a minha avó - a minha grande *nature mentor*.

Assim, quando menos se esperava, eu e o Rio também nos tornamos atrelados, unidos no distanciamento, no estranhamento e na própria narrativa de desertificação que construímos ao longo da pesquisa. De repente, eu via também se compondo algumas vivacidades nada desérticas através das plantas medicinais cultivadas pelos moradores, dos artefatos antigos preservados por eles, dos saberes socioambientais e das memórias dos entrevistados; tudo isso foi preenchendo de vida o que parecia ser um deserto sem fim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões/ De Magistro**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

AMORIM, Antonio Carlos R. de; CARVALHO, Fabiana Aparecida de; SPEGLICH, Erica; WUNDER, Alik. **A educação ambiental: entornos pós-modernos**. Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisa em Educação Ambiental, v.2, n.2, p.67-87, 2007.

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: Sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A invenção do ser: autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R; TORRENCE, N. **Cultura e Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1997. p. 141 – 159.

CEOM, Cadernos. **Centro de Organização da Memória Cultural do Oeste de Santa Catarina** – CEOM – Ano quatro, nº seis. Chapecó, Santa Catarina: Novembro, 1989.

DIAS, Cleuza Maria Sobral. **Possibilidades e limites da abordagem (auto)biográfica no campo da Educação Ambiental?** In: FREITAS José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo. (orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental. 2ª ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

FREITAS, José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo (orgs.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. 2ª ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2007.

HART, Paul. **Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em educação ambiental**. In: FREITAS José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo. (orgs.). Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental. 2ª ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

KOELLN, Arno. Porto Feliz: **A História de uma colonização às margens do Rio Uruguai**. Coordenadoria Municipal de Ensino. Mondaí, Santa Catarina, 1980.

MANCUSO, Maria Inês Rauter; VALÊNCIO, Norma Felicidade. **Memórias de um Rio: Caminhos para a Educação Ambiental**. Tendências Actuais em Educação Ambiental, 2004.

MARIANO NETO, Belarmino. **Topofilia, ecologia e imaginário: os velhos cariris da Paraíba**. (Monografia). Universidade Federal do Pernambuco – UFPE. Disponível em <http://br.monografias.com/trabalhos/topofilia-ecologia-imaginario-cariris-paraiba/topofilia-ecologia-imaginario-cariris-paraiba.shtml>. Acesso em: 18 mai. 2008.

MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. In:



FREITAS José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo. (orgs.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. 2ª ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

PEDRINI, Juliane Lima. **Percepção da problemática ambiental resultante da atividade suinícola das comunidades de Lajeado dos Fragosos, Concórdia, SC e do Rio Coruja/Bonito, Braço do Norte, SC**. Dissertação de Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2005.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PHILLIPPI JR., Arlindo. **Educação Ambiental e Sustentabilidade** - Col. Ambiental. Barueri, SP: Manole, 2005.

REIGOTA, Marcos. **A Floresta e a Escola. Por uma Educação Ambiental Pós-Moderna**. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. **Notas sobre a “Fabricação” de Educadores Ambientais: Identidades sob Rasuras e Costuras**. Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver**. Caminhos Investigativos III. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SORRENTINO, Marcos. F.B. et al (orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2002. p.15-21.

SPENASSATTO, Ledi Annoni Pinto. **A Importância da Imigração em São Miguel do Oeste**. São Miguel do Oeste: Editora Ryus, 2008.

WERLANG, Alceu Antônio. **CADERNOS. Centro de Organização da Memória do Oeste**. UNOESC. Chapecó, Santa Catarina: Ano 13, nº 13. Agosto, 1999.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do Rio**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

## **APÊNDICE I – Diário de Campo**

### **Diário do dia 03.07.2008**

Depois de finalizado o Projeto de TCC, é o momento de dar continuidade à pesquisa, agora, no formato de TCC. Que friozinho na barriga. Vou começar esta etapa, então, coligindo informações que ficaram para trás no Projeto, como: dados, fotos, documentos antigos, qualquer coisa a mais, que verse sobre o Rio das Antas e a Comunidade do Taquá, que foi a que escolhi para meu estudo. Nesta fase de pesquisa de campo, também realizarei as visitas à comunidade e a coleta de narrativas dos moradores, ao mesmo tempo em que, já tento teorizar e interpretar os dados compilados.

Aqui, nesta seção, é que vou contar um pouco desta minha vivência de campo. Relatarei algumas conversas que mantive no momento da investigação e, ainda, vou descrever minhas atividades, idéias, meus planos, minhas vontades e os sentimentos que vivenciei ao longo desse processo: desde a angústia em não conseguir dados e informações que me propunha a compilar, até a expectativa em visitar as famílias, um momento tão prazeroso para mim.

Antes de tudo, quero ressaltar que as narrativas foram transcritas de gravações feitas com aparelho de áudio, com pouquíssimas alterações para o Diário de Campo. A grande mudança foi em relação aos nomes e sobrenomes dos entrevistados que foram alterados, ou melhor, receberam nomes fictícios, o que é, certamente, mais ético, posto que evita maiores constrangimentos aos moradores. Ressalto, ainda, que na transcrição para o caderno de campo tentei manter a atmosfera, o tom, o ritmo da conversação oral, que posso dizer, é bastante diferente da linguagem escrita formal.

É de se frisar, que o uso do Diário de Campo para a pesquisa nesta área de Educação e, em particular, nas pesquisas de Educação Ambiental com entroncamento, por exemplo, nos Estudos Culturais, é bastante importante. É uma forma de não deixar escapar alguns detalhes, minúcias, que no momento da conversa podem passar despercebidos e que, mais tarde, se não fossem registrados, poderiam fazer falta ao longo do processo investigativo. Todavia, posso dizer que o Diário é mais do que isso;

ele serve, principalmente, como material empírico de análise. Ademais, não posso esquecer-me de dizer que, mesmo usando o Diário de Campo sempre escapará algo das entrevistas.

Além destes pontos positivos, que mencionei acima, construir o Diário de Campo, para mim, serve como um “caderno de caligrafia”. É como se eu estivesse iniciando a minha alfabetização e o caderno me ajudasse a treinar minha escrita literária e a superar a dificuldade que tenho em deixar de lado a linguagem<sup>57</sup> técnica e objetiva, que estava tão habituada a usar na Universidade. Essa rotina de escrever e descrever cada passo da pesquisa, certamente, ajudar-me-á a delinear melhor o trabalho e, principalmente, a aprender a me expressar melhor, seguindo uma linguagem mais subjetiva.

Então, inicio as primeiras rascunhadas no “caderno de caligrafia”. É mês de julho, o período mais rigoroso do ano em termos de frio, mas é, também, o tempo de recesso na Universidade, nem preciso dizer que, por isso, o mês de julho é tão aguardado. Momento de descanso e, ao mesmo tempo, de dedicar-me ao Trabalho de Conclusão de Curso.

### **Diário do dia 07.07.2008**

Inicio a empreitada<sup>58</sup>. Hoje fui à cata de algumas informações que eu havia deixado de fora no Projeto de TCC, tais como: o porquê do nome Rio das Antas, relatos de pioneiros, histórias das cidades que beiram o Rio, entre outras coisas. É claro que nem tudo que estou procurando, cabe agora, dentro do Trabalho de Conclusão. Todavia, algumas informações são relevantes para eu que tenho o interesse de conhecer melhor o Rio e as comunidades que o cercam e, ainda, penso em dar continuidade a esta pesquisa. Além do mais, é instigante buscar essas informações, por mais complicado que isso seja.

---

<sup>57</sup> Estou me referindo a Ciências Biológicas em suas versões mais “duras”.

<sup>58</sup> Uso esta palavra que para alguns pode soar como algo doloroso, todavia, não é este o sentido que quero passar. Depois de lerem o diário perceberão o quanto foi penoso, difícil, angustiante, aventurar-me em busca de informações sobre a localidade e o próprio Rio das Antas, por isso, considereei uma empreitada, uma tarefa cansativa e nada simples.

Então, com a intenção de encontrar essas informações, na semana do dia 07 de julho me propus a visitar as editoras de jornal da cidade<sup>59</sup>, tentando encontrar fotos, notícias antigas, algo que trate do Rio das Antas, que é tão importante para a economia regional quanto emblemático para a população do Extremo-Oeste. A primeira editora que mantive contato foi a que produz o Jornal Folha do Oeste, que é o mais antigo da cidade de São Miguel do Oeste e, portanto, acredito que tenha um acervo maior e melhor para a pesquisa. Os demais: Jornal Regional, Jornal Gazeta Catarinense, Jornal a Imagem, são jornais com tempo de circulação bem inferior à Folha do Oeste, tendo em vista que este último funciona desde 1983. Outrora, ele era nomeado de Editora Itaberaba. Por esse motivo, foquei a investigação em matérias do Jornal Folha do Oeste.

Fiz, então, uma pesquisa rápida no acervo do Jornal Folha do Oeste. Encontrei um número grande de notícias citando o Rio das Antas, todavia, em muitas delas, o Rio servia apenas de fundo para a notícia, ou seja, não tratava diretamente do Rio. Nos últimos cinco anos, de 2003 a 2008, o período que pesquisei no acervo, os assuntos que davam mais destaque ao rio, estavam relacionados à construção de uma PCH no Rio das Antas e os problemas de mortandade de peixes decorrentes da barragem. Inclusive, esta informação sobre a PCH, eu já havia citado no Projeto de TCC.

Para não dizer que não encontrei nada mais, descobri numa edição do mês anterior, do mesmo jornal, uma matéria que tratava do plantio de mudas nas encostas do Rio das Antas. Esta matéria me deixou muito entusiasmada. Fico feliz em saber que a sociedade civil está reconhecendo o valor do Rio e está se organizando para reavivá-lo. Espero, profundamente, que essa mobilização continue e se estenda para os demais mananciais da nossa região, que, por sinal, estão numa situação crítica, praticamente todos degradados.

É. Não era bem isso que eu procurava. Todavia, preciso lembrar que fazer pesquisa nem sempre é encontrar o que se deseja. Na próxima semana, voltarei a Editora para pesquisar nos acervos mais antigos, quem sabe, conseguirei algo interessante!

---

<sup>59</sup> Refiro-me a cidade de São Miguel do Oeste. Por ser a cidade pólo do Extremo-Oeste, é a que concentra os jornais que circulam na região.

### **Diário do dia 15.07.2008**

Hoje, tinha me proposto a visitar a Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste. Por ser a cidade pólo do Extremo-Oeste e ter abrigado, antigamente, várias outras cidades cujo Rio das Antas também percorre seus territórios, imaginei que na Secretaria da Cultura, poderia encontrar algum documento que falasse do batismo do nome do Rio. Conversando com a minha mãe, ela me sugeriu conversar, antes de tudo, com a responsável pelo Museu Municipal<sup>60</sup>. Liguei para o Museu e, para minha infelicidade, ninguém atendeu. Acredito que estão de férias. Vou retornar amanhã.

### **Diário do dia 17.07.2008**

Hoje mantive contato com o Escritório Municipal de Descanso. Como eles também desenvolvem atividades na Microbacia de Taquá, colocaram-se à disposição para me ajudar no Trabalho, então, procurei-os. Conversei com a responsável por aquela Microbacia, ela sempre muito simpática e atenciosa, disse que poderia me ajudar com o que fosse. Entretanto, neste mês, ela não poderia me acompanhar ao Taquá porque estava compromissada com outras atividades. Fiquei um pouco decepcionada, pois contava muito com o auxílio da EPAGRI, principalmente para o meu deslocamento, que é, afinal, a parte mais difícil do Projeto, já que se trata de uma comunidade muito distante e a estrada não é muito favorável. Vou ter que arranjar outro meio de ir à comunidade, o problema é que meu pai, a única pessoa que poderia me levar, está disponível só no final de semana. Parece que não estou com muita sorte. Passei o restante do dia pensando em como ir até lá e para quem podia pedir o favor de me acompanhar até o Taquá. Confesso que não estou tranqüila, pelo contrário, estou ficando muito apreensiva.

### **Diário do dia 21.07.08**

Como a previsão do tempo indicava sol e havia a disponibilidade de meu pai levar-me até a comunidade, este dia foi planejado para realizar a primeira, de duas

---

<sup>60</sup> Museu Histórico Municipal Ruy Arcádio Luchesi.

visitas programadas para o TCC. Ufa, até que enfim, pensei eu, hoje cedo. Não deu, mais uma vez. Agora sim, estou começando a me desesperar. Apesar de o dia de chuva ser propício para as entrevistas porque é a maneira de encontrar todas as famílias em casa, a condição da estrada até a comunidade iria dificultar que chegássemos lá, já que se trata de uma estrada feita de chão batido. Espero que, nossos próximos dias, o tempo melhore para poder fazer as visitas, caso contrário, precisarei ir do mesmo jeito - debaixo de chuva e trovoadas.

### **Diário do dia 24.07.08**



Ilustração 11- A comunidade...

Hoje, felizmente, consegui fazer a primeira visita para o Trabalho Final do Curso. Parece que tudo conspirava a meu favor. Como meu pai não pôde me acompanhar, convenci, a muito custo, meu irmão a me levar até a comunidade. Pedi também, que meu tio, que é natural da cidade de Descanso, nos acompanhasse, já que ainda não nos familiarizamos bem com a estrada que vai até o Taquá. Eu estava muito empolgada e ansiosa para ir a campo, afinal, depois de tantas tentativas, essa, finalmente, deu certo. Tudo deu certo, a começar pelo dia, ensolarado, sem nenhuma nuvem no céu.

Saímos de São Miguel um pouco tarde, bem depois do planejado. Atrasei-me preparando o material de campo: caderno, lápis, caneta, câmera fotográfica, termos de consentimento. Apesar de ser quase duas horas da tarde, teria que ir do mesmo jeito, nem que voltasse tarde da noite. E fomos. Enquanto deslocávamos até a comunidade de Taquá, meus olhos, ouvidos, sentidos, buscavam todo e qualquer integrante daquela paisagem, que, para mim, é uma das mais belas que conheço, principalmente, em função da imagem do Rio com suas curvas bem delineadas, margeadas por muito verde. Ficava inquieta dentro do carro, querendo tudo fotografar, o que é de costume eu fazer. Mas, não tinha como. Não poderia parar no caminho, afinal, eu não podia perder nenhum minuto sequer. Então, registrei na memória, aquele cenário de pássaros cantarolando, pomares carregados de frutas da época, agricultores sorridentes (na minha visão), mesmo que na difícil tarefa de semear, colher, cuidar, o que para eles é o pão de todo dia.

O cenário do Taquá não é resumido só a isso, ele é mais rico ainda: a floresta verde intensa – linda e importante, mas está minguada e (sobre)vive sob pressão da agropecuária, que dá lugar, cada vez mais, a vastidão de lavouras de milho e soja. O Rio que logo se avista. De longe, do alto do morro, parece singelo, mas, ao se aproximar dele, ele se revela mais frondoso e imponente. Minha vontade, então, naquele momento, era correr em sua direção e “saudá-lo”. Saudar por ser belo, por abrigar inúmeros seres, por prover alimento, proporcionar lazer, e, principalmente, pelo simples fato de existir e ter seu valor intrínseco. Posso chamá-lo: Rio das Antas, o Rio que banha muitas lembranças e as minhas também; e são muitas. A principal lembrança que tenho dele é de quando eu era criança e ficava fascinada sempre que passávamos sobre a ponte do Rio das Antas. Também, dos vários acampamentos feitos na beira do Rio das Antas. Desde aquela época ficava a imaginar o trajeto do Rio, desde suas nascentes até sua foz.



Ilustração 12- O surgimento do Rio...

Então, cheguei a comunidade. Por onde começar? Não foi tão difícil “escolher” as propriedades para participar da minha pesquisa. A verdade é que não se tem muitas opções, já que são poucas as pessoas que ainda permanecem na comunidade. Isso é bem visível pelas casas totalmente abandonadas que encontrei ao longo do caminho e a própria escola, que já não funciona há anos, o que é muito marcante no Taquá. Pensando, então, em qual das famílias visitaria primeiro, decidi que seria, inicialmente, as famílias que já haviam participado da fase do Projeto de TCC (a família Fiume e Turim<sup>61</sup>) começando pelos primeiros.

Ao chegar à propriedade dos Fiume, que fica bem no centro da comunidade, Dona Claudete já estava na janela. Parecia que esperava por nossa chegada. O fato é que, qualquer roncar de carro, coloca em “alerta” os moradores, afinal, a visita, geralmente, não vem motorizada. Descemos do carro e nisso, dona Claudete já estava no portão, convidando-nos para “chegar”. Como da vez anterior, dona Claudete nos recepcionou com simpatia, todavia, apesar disso, é perceptível nela, uma mulher de uns 40 e poucos anos, uma grande timidez.

---

<sup>61</sup> Os nomes fictícios e, principalmente, os sobrenomes surgiram em um momento único de criatividade (nem tanto assim!). Como a maioria dos moradores é de origem italiana resolvi elaborar melhor os sobrenomes para que lembrem um pouco outros sobrenomes italianos.



Entramos pelo portão e fomos sentar na área externa da casa. Enquanto Claudete trazia cadeiras para sentarmos, eu observava: a casa de madeira, multicolorida, enfeitada de flores, árvores frutíferas e, o que é bastante comum nas casas do interior, os banheiros externos, como ainda existe na casa da minha nona Mabília que mora em Descanso.

Bem acomodados na varanda, logo o papo veio. Conversamos um pouco sobre o tempo, sobre os festejos da semana do Colono e Motorista e depois expliquei que continuava com o meu estudo na comunidade e gostaria, novamente, da ajuda dela. Prontamente, ela concordou e, como seu marido, o senhor Cláudio<sup>62</sup>, estava na roça, pediu se eu queria que o chamasse. Apesar da minha vontade de que ele participasse da entrevista, achei melhor não chamá-lo, afinal estava em trabalho. Logo puxei as perguntas do roteiro, liguei o gravador e a conversa fluiu. Segue o nosso diálogo, meu e de Dona Claudete:

**Eu-** Qual é a importância do Rio no teu dia-a-dia, para a família Fiume?

**Claudete-** É grande, né. Muitas coisa. Hoje em dia a gente tem poço, mas não dá pra usar tudo. A gente percebe que faz falta quando dá seca.

**Eu-** E como era a vida antigamente aqui no Taquá? A relação com o rio mudou?

**Claudete-** Tinha bem mais gente. Agora, ficou uma meia dúzia de pessoa. Ah sim. Mudou muito. O rio era bem mais limpo. A gente usava pra tratar os boi. Agora não pode mais. Tá certo.

---

<sup>62</sup> Na ocasião do projeto de TCC, seu Cláudio participou da entrevista.



Ilustração 13: A sujeira do Rio

Dona Claudete se calou. E enquanto o silêncio permanecia, podia ouvir o sibilar do vento, o som provado pelas folhas agitadas e as galinhas ciscando no terreno, muito próximas de onde estávamos.

Não soube lidar com aquele silêncio e, minha falta de experiência, logo me fez concluir a entrevista, pedindo:

**Eu-** E que futuro você deseja para o Rio? Para a própria comunidade?

**Claudete-** Uhm. Espero que melhore. Pior não pode ficar. Que despolua. A comunidade vai ficar só os mais velhos, ninguém mais quer ficar aqui.

A visita de hoje, diferente do primeiro encontro com a família Fiume, foi bem mais rápida. Como percebi que Dona Claudete mostrava-se bastante atarefada com o serviço da casa, talvez por isso, aquele silêncio, nem quis tornar comprida a nossa conversa. Então, seguimos para a propriedade da família, que também já havia participado das entrevistas anteriores. Reconheço que a expectativa para encontrá-los era grande, afinal, havia gostado muito da receptividade deles na visita que fiz para o Projeto de TCC.

O caminho até a propriedade (que fica no final da comunidade) do seu Inácio e Dona Inês Turim, é bem mais complicado porque a estrada é mais irregular e, com carro de passeio, as pedras acabam raspando no carro. Apesar disso, a dificuldade em chegar

lá, é compensada pela vista belíssima; e que vista: um vale coberto de árvores, que por sinal, só existem ali<sup>63</sup> e o rio caudaloso, seguindo o seu contorno. A meu ver, um espetáculo.



Ilustração 14 - O morro e a flora da Bacia do Uruguai

Enfim, chegamos a casa. Detalhando que a casa dos Turim é bem simplória, construída de madeira, com poucos cômodos, sendo que nenhum deles apresenta porta, o que é comum nas casas mais antigas. Por que será? Meus pais me falaram que, antigamente, como moravam mais famílias dentro de uma mesma casa, os quartos não possuíam portas a fim de os mais velhos controlarem, principalmente, as relações sexuais dos mais novos. Para mim, não faz muito sentido. Até pode ser. Vou investigar melhor nas outras visitas. Além disso, vale dizer que a casa dos Turim, como já observei na primeira visita minha, é decorada com vários artigos religiosos: calendários com temas cristãos, imagens de santos, quadros da Santa Ceia, terços, etc. Também, dentro de casa e na varanda, as paredes são enfeitadas com figuras de alguns políticos, fato que notei ainda em outras casas da localidade.

---

<sup>63</sup> Trata-se da Floresta Subtropical da Bacia do Rio Uruguai, endêmica dessa região.



Ilustração 15 - A casa dos Turim: o verde abraçando a casa

Diferente da primeira vez que visitei aquela família, seu Inácio e Dona Inês não vieram nos recepcionar. Como havia outras pessoas na sacada, pedi se os moradores estavam em casa. De dentro da casa seu Inácio gritou, pedindo pra entrarmos e aguardar um pouco. Foi o que fizemos. Nesse meio tempo em que esperávamos, conversei com a moça e com outro senhor, que, pelo jeito, também aguardavam por eles.

Acabei não gravando a conversa com a moça (ou melhor, uma mulher por volta de uns 30 anos) por puro esquecimento, mas, recordo-me do diálogo que mantivemos. Foi ela que puxou conversa, pedindo-me se eu era do Taquá e se eu também tinha vindo me consultar. Respondi que não era dali e que também não tinha vindo para me consultar. Aproveitei o tempo, já que tinha que esperar e pedi se ela também morava ali na comunidade. Ela respondeu que não, que era do Vorazinho, uma localidade próxima. Pedi se o Antas também passava por lá, ela disse que não. Não sei como chegamos ao assunto, ela disse estar preocupada com o Rio. Disse que hoje percebeu, quando chegava à propriedade dos Turim, que de longe dava pra se ver as pedras, o fundo do Rio. Eu estranhei. Porque quando cheguei, ele estava bem cheio. Ela foi me dizendo que é por causa da usina. Uma hora o rio está cheio, outra nem peixe se vê direito, ela disse. Dei meu depoimento que não concordava muito com a quantidade de PCHs na região. Ela consentiu e disse que se sair mais as duas usinas ali para baixo da propriedade é de vez que o Rio se vai. Lamentamos.



Ilustração 16 – A PCH no Rio das Antas

Chegou a vez da moça se consultar. Ela entrou na cozinha e eu fiquei ali na varanda, junto com o meu tio e o irmão da dona Inês, seu Clésio. Conversamos um bom tempo, eu já estava começando a ficar impaciente porque tinha programado mais duas visitas para hoje. Mas como não tinha outro jeito, aproveitei a espera e entrevistei seu Clésio. Seu Clésio, um senhor de 42 anos, homem bem simples, também morador do Taquá e que na primeira vez que vim, também estava visitando a família.

**Eu-** Qual é a importância do Rio no teu dia-a-dia? Na comunidade?

**Clésio-** Pro rio ali em cima?\*\*\*<sup>64</sup>

**Eu-** é...

**Clésio-** Te falo é bastante. Nós não vive sem água do rio. Ainda mais quando tem as seca. Precisa. Precisa.

**Eu-** E como era a vida antigamente aqui no Taquá? A relação com o rio mudou? Mudou alguma coisa? Daquele tempo pra cá?

**Clésio-** Ah. Aquela vez o rio era tudo melhor. Porque. \*\*\* É triste \*\*\*

---

<sup>64</sup> Marcação que resolvi utilizar para expressar falas mal compreendidas durante a transcrição da gravação. Assim como faço uso do símbolo # para remeter às pausas e silêncios dos entrevistados e da entrevistadora.

**Eu-** E que o senhor espera assim pro o Rio? E para a comunidade?

**Clésio-** \*\*\* Provavelmente não vai ser melhor. Desse jeito ali. Se tinha mais gente na comunidade. Agora não se tem mais nada. E o rio agora tá cheio de tóxico.

Enquanto nós conversávamos, os galos cantavam alto, como se estivessem anunciando o amanhecer ou como se quisessem ser perceptíveis na gravação. É engraçado ouvir essa parte da gravação. Pena que muito da conversa que tive com seu Clésio não consegui entender, ficou muito baixinho.

Assim que acabou a consulta (depois falo mais sobre ela), seu Inácio e Dona Inês vieram para a varanda, onde estávamos. Proseamos um pouco, aliás, um bom tempo, mas, acabei não gravando. É incrível como se tem assunto de sobra para falar com eles. São duas pessoas muito abertas e carismáticas, impossível não se encantar com eles.

Depois de contarmos as novidades, explicitiei que continuava com minha pesquisa de faculdade. Então, após o consentimento deles de participar da entrevista e para poder gravar a conversa, comecei a puxar as questões de pesquisa.

**Eu-** Então, qual é a importância que o Rio tem na vida de vocês? No dia-a-dia?

**Inês-** Tem tudo. Porque sem água. Se tem nada.

**Inácio-** Nós se acostumemo com o rio na nossa terra. Quando dá inchente nós nem mais liguemo que tem gente que se revolta com a inchente, quando dá a cheia. Nós. Pra nós é até bonito de vê, né.

**Eu-** E antigamente, de anos anteriores pra agora, o que mudou? No Rio? Na comunidade?

**Inácio-** Aqui era puro mato. E as águas eram sempre limpa, por causa do mato. Hoje a água tá poluída. Ela xuja com qualquer chuva. Ela xuja. E uma vez não.

**Inês-** E agora pra inchente, a água ela sempre foi assim que nem agora que dá inchente, ele alaga #. O rio das Antas sempre alaga. Antigamente também. Sempre. Sempre.

**Inácio-** E a comunidade. A mudança da comunidade. É que nós tava em 70 e pouco morador. Hoje intemo em 20, 28.

**Inês-** Quando nós viemo tinha 9 e 10.

**Inácio-** E quando nós chiguemo também era poucas família. Daí aumentô.

**Eu-** Tá louco<sup>65</sup>.

**Eu-** Mas sempre teve enchente aqui?

**Inês-** Sempre. Sempre teve. Desde que nós viemo. Eu me alembro que era o que que nós tava aqui? Dois ano.

**Inácio-** Que nem se via as água, porque era tudo mato a minha terra. Não se via água. Ais vez, se olhava uma fresta no mato, ma como que tem água lá? Mais nós não sabia que beirava o rio. Conforme depois a gente foi desmatando, limpando, aí que # Nós via. Deu a inchente.

**Inês-** Quatro ano que nós tava aqui que deu aquela inchentona que tu tinha as tora lá no fundo que leve e tu foi com o tacho de açucrê, ele foi pegar as tora por cima da represa.

Dona Inês ria muito, enquanto seu Inácio ficou todo envergonhado. Eu também tive que me conter pra não rir. O episódio deveria ter sido muito engraçado mesmo. E eles contando então. Impossível não rir.

---

<sup>65</sup> Durante as conversas, tento falar menos, mas, para não silenciar completamente, acabo usando expressões que servem apenas para que o entrevistado perceba que estou ouvindo-o e, assim, prossiga seu raciocínio e fala. Sampaio (2005) vale-se do termo “marcadores conversacionais” para colocações como: “ah”, “é?”, “uhm”, que também utilizo nas conversas.



Ilustração 17 – A enchente...

**Inácio-** A gente não tinha caíco<sup>66</sup>, né.

**Inês-** Não tinha caíco. Daí ele se pego duas tabuinha, e se fez os remo.

**Eu-** Capaz. Mas eu também fiz parecido na nona. Peguei o tacho de polenta, e quis desce a sanguinha, mal corria água direito.

O riso foi geral. Que lembrança boa. Às vezes a gente acaba esquecendo as aventuras da infância, acabei lembrando com o causo contado por eles.

**Inácio-** Mas ali o rio era fundo. Dava uns 8, 9 metro de fundura. Não queria perde as tora.

**Inês-** Era fundo.

**Inês-** Por cima, assim, não era assim mata fechada, tinha só uma mancha. Senão era só umas canafistra<sup>67</sup> e na pindá<sup>68</sup> era na várzea. Quase madeira não tinha na várzea.

---

<sup>66</sup> No Oeste, as pessoas usam muito a palavra caíco para se referirem a um barco pequeno e rústico. Também é conhecido por caiaque.

<sup>67</sup> Refere-se à árvore conhecida por Canafístula e cientificamente nomeada de Senna multijuga, que é nativa da região.



Que nem lá prá lá na parte das Anta, ali mais no fundo do rio, Ali não vem árvore por causa das represa, acho que não dá árvore. Agora que umas pára ali na altura. Senão #

**Inácio-** O sarandi<sup>69</sup> ele é do Rio. Quando dá inchente ele fica em baxo da água, logo. O sarandi é. Se fosse outra. O sarandi é.

**Inês-** O que ta agüentando agora é as amorera.

**Inácio-** A amoreira.

**Eu-** E qual é expectativa de vocês pro Rio? O que vocês desejam pra ele?

**Inês-** Espero que melhore. Que se despolua. Se proteja, né!

**Inácio-** O melhor. Ma com as barrage pra baixo, vai fica pior pra nós. Aqui vai inunda tudo. A gente sente muito. De vez que more o Rio.

**Eu-** Mas o pessoal das usinas já vieram procurar vocês?

**Inácio-** Eles vieram semana passada oia. Coloca as marcação.

**Eu-** E vai inunda tudo aqui?

**Inácio-** É. Até ali nas pedra. Pra nós é ruim. Eles querem paga o que não é.

**Eu-** Nossa. Mas que pena.

Como eu estava muito curiosa com essa tal de consulta que eles estavam fazendo (falaram que nove pessoas tinham vindo se consultar só hoje), aproveitei a oportunidade e, antes de ir embora, pedi se também poderia me consultar.

Pelo que eles me contaram, faz anos que eles consultam as pessoas, inclusive pessoas que vem da cidade, especialmente, para passarem pelas mãos deles, literalmente. É com as mãos que se dá toda a consulta. Eles me explicaram que foram

---

<sup>68</sup> Provavelmente, também seja uma árvore, todavia eu não conheço e acabei esquecendo de interrogar a respeito.

<sup>69</sup> Refere-se ao sarandi-branco, *Phyllanthus sellowianus* Müll. Arg, planta encontrada na barranca de rios, inclusive dentro deles, em locais rasos que possibilitem seu enraizamento. Aparentemente ela pode retirar nutrientes diretamente da água, pois, pode sobreviver em locais rochosos submersos. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarandi> Acesso em 11 de agosto de 2008).

ensinados e preparados a fazer essa consulta através do BioSaúde e Pastoral da Saúde. Ambas estão relacionadas com a Igreja Católica. Também, revelaram terem tido bastante resistência e alguns médicos chegaram a denunciá-los.

Então vamos à consulta. Paguei cinco reais por ela, mas a Dona Inês não queria aceitar de jeito nenhum. A consulta, ou melhor, o teste, como eles preferem chamar, é muito interessante, por isso decidi contar no Diário. O teste é feito, em duplas e, por isso, Dona Inês pediu a ajuda do seu Inácio para me atender. Vou tentar explicar mais ou menos o procedimento. Sobre uma mesa ficava um álbum com fotos “xerocadas” de vários tipos de agentes etiológicos e doenças. É conveniente dizer, que estava tudo com nomenclatura científica e a Dona Inês parecia saber relacionar todos os agentes com suas doenças. Fiquei muito surpresa. Era através desse livro que eles me consultavam. Eu ia colocando a mão sobre as fotos e Dona Inês, com uma varinha de metal, que mais parecia um pedaço de antena, tocava o meu ombro, ao mesmo tempo, que sua outra mão ficava dada a do seu Inácio. Caso eu tivesse alguma doença, segundo eles me diziam, os dedos de seu Inácio se fechavam. Achei muito interessante. Nunca tinha visto nada parecido. Depois dessa etapa em que ela “revelou” minhas doenças, Dona Inês, portando uma fita métrica e uma correntinha santa, mediu minha pressão. Segundo ela, eu estava com 11 por sete. O tratamento indicado para meus “problemas” de saúde, que coincidência ou não, combinam com alguns que efetivamente porto, é a base de chás: Alecrim, Hortelã, Sálvia, Funcho e Arnica.



Ilustração 18 - O “aparelho de medir pressão” e os “medicamentos”

A consulta demorou em torno de uns 15 minutos. Assim que acabou, pensei o quanto foi bom ter me “consultado”. Não porque soube de meus “problemas de saúde”, mas, porque assim, tive mais um indício do quanto é grande o conhecimento desses moradores. A lida deles com as plantas medicinais, agroecologia e a própria demonstração que deram de cuidado com o meio ambiente, é algo impressionante.



Ilustrações 19 e 20 - Utensílios encontrados na roça e preservados pela moradora

A visita não acabou com o término da minha consulta. Simplesmente, não poderia ir embora sem dar um “alô” ao Rio das Antas. Então, descemos todos para a barranca do rio: eu, meu irmão, meu tio, Dona Inês, Inácio e seu Clésio. Ah, não posso esquecer-me da companhia dos cachorros, dos bois e das vacas, que aonde íamos, acompanhavam-nos. Não sei como posso dizer isso, mas, era perceptível nesses animais uma feição alegre e tranqüila. Pareciam querer ficar o mais próximo da gente. Nunca vi nada igual.



Ilustrações 21 e 22 - A companhia dos animais

Já tinha passado das cinco horas da tarde e, num piscar de olhos, a noite chegaria, todavia, aquele cenário - céu azul, barulho da correnteza do rio, o canto dos pássaros se preparando para o descanso, sem falar na conversa agradável que estávamos tendo, não nos permitiam ir embora. Só decidi que poderíamos ir, após fazer uma coisa que há muito não fazia: dar comida para as galinhas. Engraçado. Com a minha pesquisa estou voltando aos tempos de infância.



Ilustração 23 - A festa das galinhas

Despedimo-nos e prometi que quando desse, voltaria para conversar e fazer a re-consulta (eles me pediram pra voltar daqui 15 dias). Munida dos chás para o tratamento “médico” e de uma sacolada de bergamota, fomos embora.

Saio de Taquá mais feliz e serena do que estava quando no momento em que cheguei. Eu me realizo ao me encontrar com as famílias, caminhar pela roça, ao redor do rio. Posso dizer que é uma grande satisfação ter contato com pessoas como essas e poder entender, um pouco mais, a realidade delas e, assim, “ajudá-las” (se bem que fui eu quem foi ajudada com chás e histórias), com o olhar da educação ambiental.



Ilustração 24 - O apagar das luzes

### **Diário do Dia 28.07.06**

Programei o dia de hoje para ir ao Museu Municipal tentar encontrar alguma informação a mais sobre o Rio das Antas. Cheguei lá, e uma servidora de serviços gerais me atendeu, expliquei o que buscava e ela me disse que a responsável pelo Museu estava de férias. Então, indicou-me o Secretário da Cultura para tentar me ajudar. Fui conversar com ele, repeti o que eu já expliquei para as outras pessoas. Ele disse que não teria como auxiliar e me passou o telefone da responsável pelo Museu. Tentei, sem sucesso, em dias diferentes, mas ninguém atendeu ao telefone. Nem preciso

dizer que estou decepcionada. Gostaria de encontrar algo a mais sobre o Rio. Onde mais procurar?

Mais tarde, ainda no mesmo dia, tive a idéia de conversar com meu professor de História do Segundo Grau. Ele é coordenador do curso de História e Geografia do campus de São Miguel do Oeste da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Liguei para a UNOESC, mas ele estava ocupado. Retornarei amanhã. Estou começando a me animar.

### **Diário do dia 29.07.06**

Que dia! Telefonemas e mais telefonemas. Primeiro liguei para meu professor de História. Sorte conseguir encontrá-lo de folga. E que bom conversar com ele, foi um ótimo mestre e também um grande amigo. Falei a respeito do meu TCC, mas, novamente, não tive sucesso. Ele me disse que desconhece documentos ou trabalhos que tratam do Rio das Antas e confessou que quase não fazem estudos sobre o Rio das Antas e o Rio Peperi-Guaçu, outro rio importante da região. Ele indicou-me conversar com a Polícia Ambiental, disse que eles poderiam me passar alguma informação sobre o rio. Achei estranho, mas acabei procurando a Polícia.

Liguei para o Batalhão da Polícia Ambiental e conversei com o Tenente. contei o que estava fazendo e que precisava de informações, documentos, fotos antigas, qualquer coisa que nomeie, diga respeito ao Rio das Antas, para eu poder incluir na minha pesquisa. Ele foi muito atencioso e gentil e indicou que eu lesse o livro Porto Feliz. Segundo ele, o livro conta a história da cidade de Mondaí, que foi uma das primeiras cidades do Extremo-Oeste e é também onde o Rio das Antas desemboca no Rio Uruguai. Disse que, talvez, nele encontraria alguma informação a mais e que pudesse me ajudar no TCC. O Tenente lembrou, também, que eu poderia encontrar algum dado sobre o Rio na Prefeitura de Barra Bonita, já que a cidade se localiza a beira do Rio das Antas.

Depois de conversar com o Tenente, fui atrás das possíveis informações que poderiam ter na Prefeitura de Barra Bonita, que é uma cidade avizinhada com São Miguel do Oeste. Quando liguei para lá, era final do expediente, mas, felizmente, consegui falar com um dos funcionários. O rapaz que me atendeu super bem e disse que



amanhã, bem cedo, ia procurar no acervo da Prefeitura e retornaria caso encontrasse algo que fala do Rio. Tomara!

Não podia desanimar. Também, não existe motivo, pensei. Já consegui conversar com alguns moradores, basta mais umas duas visitas. Se não conseguir dados documentados, o que importa, também? Mas eu sou “cabeça dura”. Quando me proponho alguma coisa, só sossego quando conseguir. Então, para sossegar, teria que encontrar o tal livro que o Tenente me indicou. Com esse objetivo, fui logo procurar na Biblioteca da Universidade local, por sorte, o único exemplar estava disponível. Amanhã, vou buscá-lo. Posso dizer que, agora, estou mais aliviada. Acredito que, no final, tudo vai dar certo.

### **Diário do dia 30.07.2008**

Hoje, logo cedo, recebi um telefonema da Prefeitura de Barra Bonita. Era o rapaz de ontem, que havia se comprometido em me ajudar com os dados sobre o Rio. Ele me explicou que procurou em documentos que contam a história da cidade e conseguiu reunir algumas informações relacionadas ao Rio. Combinou comigo que me mandaria tudo por e-mail. Fiquei muito grata a ele porque ficou a manhã toda procurando as informações e ainda disponibilizou-se a me ajudar se o material não fosse suficiente. Já recebi o e-mail e, pelo que li, acredito que as informações me ajudarão a entender e conhecer mais sobre o Rio das Antas. Uma das fotos enviadas pela Prefeitura de Barra Bonita (antigamente pertencia à cidade de São Miguel do Oeste) é esta:



Ilustração 25 - Turismo de aventura no Rio das Antas (cedida pela Prefeitura de Barra Bonita)

À tarde, fui buscar o livro que a minha amiga conseguiu na Universidade. Porto Feliz: A história de uma colonização às margens do Rio Uruguai, é o título. Consta que ele foi publicado em 1980. Folhei-o, rapidamente, não pude me conter, afinal, interessei-me muito pela história da minha região. Pelo que me pareceu, vou aprender muito com ele e aproveitá-lo para o meu Trabalho Final. Lê-lo-ei mais adiante.

### **Diário do dia 31.07.08**

O telefone tocou cedinho em casa. Como minha mãe estava de folga, ela atendeu. Acordei com ela falando alto, toda entusiasmada. Pensei, ganhamos na Loteria (risos). Fui ao encontro dela e ela me disse que o rapaz da Prefeitura de Barra Bonita, que já havia me ajudado, tinha conseguido uns mapas e que ia me trazer em São Miguel. Nossa, que legal! Não acreditei. E realmente, o rapaz veio até a minha casa e me entregou o material. Ele parecia contente em me ajudar. Agradei muito o apoio dele e da Prefeitura de Barra Bonita, porque até agora, nem o meu município atendeu-me tão prontamente, como eles foram. Os mapas fornecidos estão anexados.

Ainda durante o dia, tive a idéia de procurar a Prefeitura de Palma Sola. É lá que estão as nascentes do Rio das Antas, pensei que também poderiam contribuir de alguma forma. Primeiro liguei para o Escritório Municipal da EPAGRI, já que não tinha o telefone da Prefeitura. Aproveitei a ligação e expliquei o que estava fazendo. A moça que me atendeu, não sabia de que maneira me ajudar e logo me passou o número da Secretaria da Cultura de Palma Sola. Lá, fui bem atendida pelo Secretário. Apresentei minhas idéias e ele foi fornecendo algumas informações. Ele me explicou que o Rio das Antas tem suas nascentes no interior do município, nas “granjas”, como ele falou. Disse que tinha fotos do Rio tiradas para divulgar o Turismo de Aventura que é feito no município e, que poderia me enviá-las. Conversamos um pouco mais e ele teve a idéia de fotografar as nascentes para mim. Puxa, eu fiquei sem palavras. Disse que seria um grande favor, porque para eu me deslocar até Palma Sola seria quase impossível, nesses dias. Ficou combinado, então, que ele me mandaria as fotos que já tinha no computador e, quando desse, pediria para alguém fotografar as nascentes e me mandaria via internet. Recebi as fotos, são só duas, mas estou no aguardo pelas outras das nascentes. Que



máximo! Que pessoas legais encontrei no dia de hoje! Amanhã, espero que dê tudo certo também, já que estão planejadas as últimas entrevistas para o TCC.

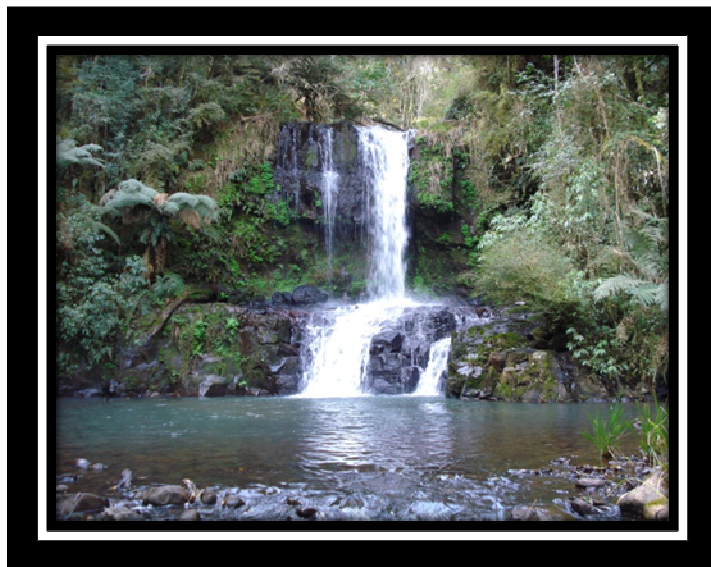


Ilustração 26 - O Rio Lajeado Grande, um dos formadores do Antas – Cidade de Palma Sola (foto fornecida pela Prefeitura de Palma Sola/SC).

### **Diário do dia 01.08.08**

Que dia mais corrido. Acordei cedo, porque antes de ir pro Taquá, tinha tantas outras coisas pra fazer. Depois que consegui destrinchar tudo, fomos: eu, minha mãe e dois tios meus. Precisei da ajuda deles para me levar, porque, como já expliquei, não é tão fácil chegar lá e o caminho ainda não é familiar para mim.

Fomos contentes, conversando. Eu e minha mãe, mais quietas, prestando atenção no percurso, ao mesmo tempo em que, na minha cabeça passava um turbilhão de coisas: a admiração pelo lugar, o medo de não encontrar as famílias em casa e a aquela preocupação inerente ao TCC, que é grande. Olhando a minha mãe também atenta, feliz, tentei adivinhar o que passava pela sua mente. Provavelmente, deveria estar recordando sua infância, revivendo o tempo em que morava no interior, pensando só em coisas boas, sem as preocupações que naquele momento me inquietavam. Já os meus tios, dava para perceber que estavam gostando do “passeio”. Eles iam contando causos, comentando a respeito do gado, dos pés de fruta carregados, “indignados” com tanta laranja e bergamota, típicos desta época do ano.



Ilustração 27 - O gado enfeitando o campo



Ilustração 28 - Pomares de frutas

Sem enrolar mais, chegamos ao Taquá. Como na visita anterior, o dia estava impecável. Não se viam nuvens e o sol brilhava cada vez mais intenso à medida que as horas passavam. Eram nove horas da manhã, quando chegamos e dava para ver que as pessoas já estavam na correria. Era trator de um lado, caminhão de outro. Os agricultores não param, eles trabalham muito mesmo!



Ilustração 29 - O sol das nove

Primeira visita. Pedi pro meu tio parar o carro em uma das primeiras casas ao se chegar à comunidade. Descemos do carro, meus tios já foram procurar uns pés de bergamota e eu fui campear pelos donos da casa. Eu já sabia que hoje, em função de não estar chovendo, encontraria a maioria dos moradores na roça. Logo, avistei uma mulher e um adolescente, aos pés do morro. Quando me viram, vieram ao meu encontro. Dona Iracema Tibilisi, uma mulher de uns 35 anos e seu filho Orácio, por volta de 17 anos, receberam-me bem, apesar de perceber, claramente, que estavam bem ressabiados com a minha visita. O marido, seu Oscar Tibilisi, não estava, foi à cidade se consultar, eles me explicaram. Apresentei-me e fui puxando papo para que eles fossem perdendo a timidez e a desconfiança. Deu certo, saíram da roça, pegamos umas cadeiras e sentamos para conversar em frente da casa. A casa, bem parecida com as demais da comunidade, era de madeira, pequena e não havia cercas em volta. Chamou-me atenção que na casa não havia flores ou se existiam era bem poucas, fato que diferenciava das outras famílias da localidade, que costumam ter um jardim repleto de flores e plantas dentro de casa. Outro fato, um pouco incomum, é ter encontrado um jovem na comunidade. Até então, não havia me deparado com nenhum jovem, inclusive para participar da entrevista. A primeira oportunidade foi hoje. Ótimo! Depois de prosearmos um pouco, aqueles mesmos assuntos de sempre, expliquei melhor o que estava fazendo ali e pedi autorização para incluí-los na minha pesquisa.

Com a devida permissão dos dois, liguei o gravador e começamos a conversar.

**Eu-** Qual é a importância do Rio no dia-a-dia de vocês? Para comunidade? Na família?

**Iracema-** Tem uma importância grande sim. Sei lá.

Pausa. Dona Iracema ficou pensando.

**Eu-** E vocês usam ele pra alguma coisa? Beber? Pescam nele? Lazer?

**Iracema-** Ma nem pesca. A gente nunca vai lá pra baixo. Só o riozinho que passa aqui.

O riozinho que Dona Iracema cita é o rio Lajeado Taquá, conhecido pela comunidade por Rio Neco. O Neco além de passar pela propriedade dela atravessa as demais propriedades e, por fim, deságua no rio das Antas.

**Eu-** E esse Riozinho? Vocês usam para alguma coisa?

**Orácio-** Pros ternero. Ternero

Orácio fala todo encabulado, meio rindo. Mas eu tento passar confiança e mostrar-me menos “estranha”, para que ele conte sem receios.

**Iracema-** Mas isso # Tá gravando? Mas isso na verdade não complica? Tá, má então desliga. Deixa eu falar.

Dona Iracema riu. Ria muito. Acho que de nervosa. Provavelmente, tinha medo de que eu estivesse disfarçada de estudante, mas que fosse alguém da polícia, do órgão ambiental, sei lá. Sinceramente, a situação pegou-me desprevenida. Eu não sabia como agir. Acabei ficando um pouco nervosa, também. Talvez, não tenha explicado direito, não sei. Eu só conseguia dizer que não.

**Eu-** Não. Não.

**Iracema-** Mais isso não complica? Porque na verdade é errado os ternero toma água. E daí, não # Se eu vou por ali. Tu não vai leva?

**Eu-** Não. Não. Eu não sou do pessoal da fiscalização.

Nós ríamos. Eu e ela. O Orácio ficou calado, talvez com receio da mãe, afinal, foi ele que contou que os terneiros usavam a água da fonte, o que a FATMA orienta não fazer.

**Eu-** Não te preocupa.

**Iracema-** Não. Eu sei. Porque não # Falando sério. É errado. Nós ocupemo aquela água pros ternero, pras vaca, de vez em quando. Tem açude, mas eles não vão lá.

Dona Iracema ria. Ainda nervosa. Mas consegui deixar ela calma.

**Eu-** Mas não te preocupa, de jeito nenhum. A gente nem pode usar o nome de vocês. Nem é ético.

**Iracema-** Então, no caso, esse ali nós ocupemo pros ternero. Todo mundo faz aqui. Os ternero vão. As vacas vão. Só que #

**Eu-** Não se preocupem. Não to aqui pra dedurar. De jeito nenhum. Eu até queria vir com a Simone. Vocês tão no Microbacias? Eu queria ter vindo com a Simone, só que não deu certo, ela tinha bastante coisa.

Eu continuava nervosa. Ai que medo de ela “toca” a gente dali (risos).

**Iracema-** Você estuda em São Miguel? Tu é de Descanso?

**Eu-** Minha família é toda de Descanso. Sou Rech. Mas eu tô na faculdade em Florianópolis. É meu Trabalho final da faculdade.

**Eu-** E quanto tempo vocês moram aqui, na comunidade?

**Orácio-** Ah, pede pra eles. E agora?

Orácio continuava retraído, largando umas risadinhas.

**Iracema-** 18 anos.

**Eu-** E como era a vida antigamente aqui no Taquá? Mudou alguma coisa? A relação com o rio mudou?A água?

**Iracema-** Nesse caso não tem mais que nem tinha uma vez, né. Ela secou bastante. E quanto a comunidade. Menas gente que tinha uma vez.

**Eu-** E por que tá diminuindo?

**Orácio-** É melhor na cidade.

**Eu-** Por que é melhor na cidade? A senhora também acha que é melhor na cidade?

Pausa. Ficaram pensando. Eu também preferi não interromper o silêncio.

**Iracema-** Não. Eu não acho melhor na cidade. Porque hoje o colono tem as vaca de leite, pra quem não tem estudo, tipo nós, pra ir pra cidade é pior. Pra ganha o salário que tá ganhando lá na cidade, se não tem estudo, não tem nada, tu não consegue.

**Eu-** E a relação com o Rio? Assim... Nesse tempo que vocês vivem aqui? Mudou alguma coisa?

**Iracema-** Agora, o pessoal usa ainda bastante. Que nem aqueles do viário. Mas nós é mínima coisa, assim.

**Eu-** E que futuro vocês desejam para o Rio? Esperam pros próximos anos?

Ficam pensando um tempo.

**Iracema-** Ah, piorá não vai. E precisa. Agora ainda é deixado mais água, através do Microbacias tu tem que cuida mais. Em roda dos poço um poquinho.

**Eu-** E o Microbacias está ajudando bastante vocês? Tão orientando?

**Iracema-** Ajuda. Ajuda. Aham.

A conversa foi rápida. Eles, diferente dos outros agricultores que conversei, anteriormente, não eram de muito papo. Talvez, porque estivessem muito atarefados com o serviço, hoje. E minha falta de experiência ainda me restringe a lidar com essas conversas. Então, despedimo-nos e seguimos pela estrada principal da comunidade. Pedi, então, que meu tio me indicasse outra família para visitarmos. Disse ele, podemos ir nos Carletto.

Segunda visita. Fomos até a propriedade da família Carletto, que fica um pouco mais afastada da estrada geral. Enquanto nos deslocávamos, meu tio foi nos contando um pouco sobre aquela família. Contou-nos que era só o marido e a sua esposa que

cuidavam da propriedade e que ficava admirado em como eles conseguiam dar conta de todas as tarefas. Eu também fiquei admirada, quando, ao chegar à propriedade, encontrei a senhora, Dona Nelsiane, com seus 70 anos, tratando as vacas com tanta destreza e seu marido Nelson com o trator, de um lado pro outro.

Seu Nelson continuou na “lida”, como se fala na roça, mas, Dona Nelsiane logo veio nos atender. Toda faceira, nem esperou eu me apresentar, já convidou para entrarmos. Quando chegamos, ela estava tratando as vacas, mas, disse ela, que não havia problema, que era para a gente entrar. Eu disse que não precisava entrar, poderíamos ficar ali no pátio mesmo e que eu só queria um pouco do tempo dela. Ah, preciso dizer que aquele cheirinho comum aos bois era percebido de longe (risos). Não me recordo de cheiro tão proeminente, se bem que eu não ligava muito. Até que estava acostumada.

Acabamos indo sentar na escada da casa. A casa dela, sim, é grande, mas, também, é construída de madeira. Nos fundos da casa, tem um pomar gigante e vendo a disponibilidade de frutas, meus tios não sossegaram e foram chupar umas bergamotas. Minha mãe ficou ali comigo. Depois daquela prosa básica, expliquei a minha visita e ela concordou em me ajudar. Nem deu tempo pra iniciar a falar sobre as questões da pesquisa. Ela ficou empolgada, provavelmente por causa da nossa visita e começou a contar a sua história.

Que senhora mais querida! Falou-nos dos filhos, dos netos, contou um pouco sobre cada um deles e também do prazer e dificuldade em cuidar dos animais e da plantação. Fiquei pensando que talvez devesse tê-la deixado falar mais. Mas o tempo era tão curto, que depois de 15 minutos trovando sobre os assuntos mais diversos, pedi licença e, com a autorização dela, comecei, de fato, a entrevista. Assim:

**Eu-** Qual a importância do Antas, do Neco, na vida aqui da família? No dia-a-dia?

**Nelsiane-** Oia que quando farta água. A estiagem seca o Neco, a gente abastece o gado com a água lá de baixo. É importante sim. Não pode farta. Ainda mais a gente que tem bastante cabeça. Precisa. \*\*\*

**Eu-** E quanto tempo a senhora mora aqui na comunidade?

**Nelsiane-** 44. Não 45 ano.

**Eu-** E de lá pra cá, teve alguma mudança no rio? Na relação da família com o rio?

**Nelsiane-** O rio pioro. A gente vê. Quase não se vê os peixe que tinha antes. E a água diminuiu muito.

**Eu-** É #

**Nelsiane-** É. O que pode se fazer, né.

**Eu-** E me diz. A propriedade de vocês está no Microbacia? Eles tem orientado vocês?

**Nelsiane-** Sim. Sempre orienta. Até consegui um projeto.

**Eu-** Opa. Mas que bom então. O papel do Microbacia é bastante importante. Tenta melhorar o Taquá.

**Nelsiane-** É. É.

**Eu-** E o que a senhora deseja pro rio? Pro Neco? Pro Antas?

**Nelsiane-** Se espera o que é melhor. Que encha outra vez, tenha mais peixe. É melhor.

Agradei a disponibilidade e ajuda dela, desejei felicidades e prometi voltar dentro de alguns meses. Já estávamos de saída, quando ela pediu se não gostaríamos de levar umas frutas. Ela disse que estava tudo se estragando porque ninguém vem buscar e que poderíamos levar. Realmente, era um pomar imenso e muitas frutas já estavam no chão. Havia pés de laranja-de-umbigo<sup>70</sup>, laranja comum, laranja-do-céu, bergamota comum, ponkan, limão, jabuticaba e outras coisas mais. Para encher as sacolas, até nas árvores nós subimos. Foi engraçado, voltei a ser criança, naquele momento. Por mais vontade que tivesse de ficar ali, o tempo parecia voar e eu tinha que continuar as visitas. Agora, efetivamente, despedimo-nos e fomos.

---

<sup>70</sup> Conhecida por laranja Bahia.



Terceira parada. Na saída da propriedade dos Carletto havia uma entradinha que levava até a casa da família Grandim. Fomos até lá. A casa dessa família é bem menor e mais rústica que a da família anterior. A propriedade também é mais simplória, e, pelo que percebi, não dispõem de toda a tecnologia agrícola que a outra família utiliza.

Pois bem, chegamos a casa. Havia algumas pessoas na varanda, outras estavam na horta e duas mulheres estavam na cozinha preparando o almoço. Um dos meus tios já conhecia a família, então, logo fomos convidados a entrar. Para deixar os moradores mais à vontade, minha mãe e meus tios foram olhar a propriedade enquanto eu fiquei conversando com eles na varanda. Eu, com a Dona Maria, uma senhora de mais de 80 anos, seu filho José e um rapaz de 19 anos, João, que é o herdeiro do seu José. Eles todos eram muito abertos à conversa e demonstraram estar felizes com a minha visita. Proseamos um pouco, como faço, sempre, antes de começar as entrevistas. E depois do consentimento deles, passei a incluir as perguntas da investigação na nossa conversa. Por erro meu, esqueci de gravar a conversa e tive que pedir para repetirmos a entrevista. Sorte que percebi, rapidamente, que não estava gravando, caso contrário, perderia informações valiosíssimas.

Foi assim:

**Eu-** Qual é a importância do Rio das Antas, o próprio Neco, na vida da família Grandim?

**José-** Oia é demais importante. A água é demais importante. Pra tudo, né.

**Maria-** É grande. É sim.

Dona Maria ficava bem pensativa. Já seu José, eu nem precisava perguntar muito, ele ia falando por conta.

**José-** Antigamente a gente dependia mais dele, hoje se diz que tá tudo poluído. Nem dá pra conta direito. O Neco aqui quase sempre seca. Daí quando seca, a gente pega tudo das Anta.

**Eu-** E quanto tempo vocês moram aqui no Taquá?

**João-** Ixi. É a idade do pai.

João ria muito. E me olhava com um olhar de suspeita. Preciso dizer que, pela segunda vez, encontro um jovem no Taquá. Provavelmente, ele tenha permanecido ali por ser dependente dos cuidados da família, em função de seu problema de saúde.

**José-** Mãe # 47?

**Maria-** Não. Não. 48 anos. Eu sou a moradora mais antiga. Fumo os primeiro a chega aqui no Taquá.

**José-** Mãe. Pxiuuuu. Tá gravando.

José interrompe a mãe. Achei graça, o jeito dele, mas disse que ela podia falar, sim.

**Eu-** Não. Não. Pode falar Dona Maria. Faço questão.

**Maria-** É. 48 anos aqui no Taquá.

**Eu-** E daquele tempo pra cá houve alguma mudança? Em relação ao Rio, a comunidade?

**José-** O rio tava sempre limpo. Tinha peixe. Pra te uma idéia, tinha aqueles grandão aqui no Neco. Teve uma vez que peguei aqui um desse tamanho, como é o nome?

Seu José tentava descrever o peixe com as mãos, mostrando que era grande.

**Eu-** Capaz.

**José-** E tu não via rio seca como hoje. Antigamente também os boi entrava pra toma banho no rio, agora é proibido. Eu acho certo isso. Vou fazê cercá tudo na minha terra, pra que o mato nasça de novo. Porque tudo isso que ta acontecendo é curpa nossa mesmo. Mas aos pouquinho a gente vai melhorá.

**José-** E na comunidade. Se vê diminuí. A juventude não que mais fica.

**Eu-** É todo mundo fala isso.

**Maria-** E nós construímo a Igreja nova. Tem foto pra mostra a de madeira.

Dona Maria estava muito empolgada. Eu fico a imaginar o quanto carecem de visita. Deve ser raro.

**Eu-** Eu quero ver sim!

**José-** Pega lá as foto.

**Eu-** E o senhor falou que o rio tá poluído, o que vocês esperam pro futuro dele?

**José-** Agora com o Microbacia, eles têm ajudado. A gente se reúne, tem curso, tem slide, a gente ta sabendo. Mas pra melhorá vai demora um pouco, é difícil fazê tudo de vez só.

**Eu-** E a senhora? O que acha?

**Maria-** Acho que melhore. Quando chegemo era puro mato, o pai dele teve que abri a picada com facão, de tanto que tinha. Agora é só capoeirão.

**José-** Aos poucos vai melhorá. A gente precisa do rio limpo.

**Eu-** E de repente com a hidrelétrica aqui, será que muda alguma coisa?

**José-** Vai sim. Eu acho que sim. Daí vai te mais água no rio, né. Vai ser bom.

Concluimos a entrevista e como Dona Maria é a moradora mais antiga do Taquá, imaginei que pudesse ter alguns registros daquele tempo: fotos, escrituras, entre outras coisas. Tomei a liberdade e pedi. Prontamente, uma das mulheres trouxe um álbum, era a mulher do seu José, Dona Rosa. Ela parecia meio envergonhada com a minha presença. Com as fotos em mãos, olhamos e discutimos uma por uma. Mas todas elas diziam respeito apenas à família Grandim. Seu José disse que eles têm fotos antigas do Taquá e mandou sua mulher procurar, todavia, ela disse que não ia ter como encontrar agora porque ela guardou “não sei onde”. Ficaram naquela “discussão” e, pelo que entendi, a mulher sumiu com as fotos. Que pena! Conversamos mais um pouco e seu José me contou que a comunidade escreveu um documento que narra a história do Taquá, mas ele também não tinha ali e, se eu me interessasse, poderia acessar esse documento na Paróquia de Descanso. Eu respondi que me interessava sim, então, ele indicou-me conversar com o Padre Eusébio. Que legal, esse documento vai ser interessante anexar ao TCC. Despedi-me de todos eles, agradei pela acolhida, pela

ajuda e disse que em breve eu voltaria. Antes de sair da propriedade dos Grandim, aproveitei para fotografar o rio Neco que passa atrás da casa deles.



Ilustrações 30 e 31 - O Rio Neco na desembocadura do Antas, respectivamente.

Durante o percurso até a propriedade dos Proemi, onde eu faria a quarta entrevista, fui reparando nas casas abandonadas na margem da estrada, propriedades tomadas pela “capoeira” e até a escola da comunidade, inoperante. Confesso que dava uma tristeza olhar tudo aquilo. Acredito que, de alguma forma, essas minha visitas valem, pelo menos, para deixar os que permanecem ali mais felizes.



Ilustrações 32, 33 - Das poucas casas de alvenaria, praticamente todas estão abandonadas



Ilustração 34 – A escola em férias permanentes

Prosseguimos a “viagem” seguindo pela estrada geral. Acho que naquela hora meus tios já estavam cansados de me esperar, mas não reclamaram nada. Logo, chegamos à casa da família Proemi. Descemos do carro e, em seguida, os cachorros começaram a chamar atenção. Pensei que não houvesse ninguém em casa, já que mesmo com os latidos, ninguém apareceu. Resolvi entrar. Solicitei que meu tio, que

conhece a família, fosse comigo. Tive sorte, a família estava em casa, preparando o almoço e, por isso, não havia percebido a nossa chegada.

A casa da família em questão, assim que a avistei, fez-me lembrar da casa da minha vó, em São Miguel. Assim como na casa da vó Maria, ela também era de madeira, até razoavelmente grande, pintada de verde e marrom e embelezada com um jardim com flores de todo tipo. Notei no semblante de minha mãe, que permaneceu comigo durante a entrevista, que ela também se recordava da casa de sua mãe. Tive certeza disso, quando ela elogiou os pés de samambaia pendurados na parede.

Apresentei-me melhor e, também, pedi desculpas pelo horário inapropriado, o cheirinho de comida denunciava que estavam prestes a almoçar. Apesar de próximo do meio-dia, a família foi bem legal e disse que não havia problema. Mesmo com pouco tempo, não quis, de imediato, começar a entrevista. Dialogamos um pouco sobre tudo. Eu, seu Gaspar, um senhor de uns 70 anos, sua esposa, que aparentava a mesma idade, chamada Geralda que, incrivelmente, também lembrava a minha vó (talvez pelo sotaque alemão) e a neta, de 16 anos, Gabriela, que passava as férias com os avôs. Novamente, um jovem no Taquá. Como já falei acima, minha mãe permaneceu ali comigo, por insistência da família, mas percebi que a presença dela não prejudicou a nossa conversa. Que foi assim:

**Eu-** Posso começar, pra não tomar muito o tempo de vocês? E me diz, o Rio Neco passa aqui também?

**Gaspar e Geralda-** Passa, passa aqui.

**Eu-** Qual é a importância do Rio, o Neco, o Antas no dia-a-dia de vocês? Pra família?

**Gaspar-** Creio que tinha que melhorá, acho aí. Porque como antigamente não tem Como, ô. Não é como antigamente mais. Antigamente tinha peixe ali a monte e hoje não tem mai nada.

**Geralda-** É, é.

**Eu-** E pra ti, Gabriela? Qual a importância tem pra você? O que você notou de diferente?

**Gabriela-** Quando dá bastante seca, agora que tiraram a mata dos lado, o rio seca, e os peixe não vem mais. Não tem mais. Daí só piora. Quando que eu conheço o rio, só piora.

**Geralda-** Ela estuda na escola Agrícola \*\*\*

**Eu-** Ah #.

**Geralda-** É.

**Eu-** E quanto tempo vocês moram aqui no Taquá?

**Gaspar-** 44 anos.

**Eu-** 44 #.

De tempo em tempo, dona Geralda mandava a neta ir ver a polenta que tava fervendo no fogão à lenha. Ah, o fogão à lenha, um utensílio ainda muito usado na comunidade, apesar de muitos já terem fogão a gás.

**Eu-** E daquele tempo o que mudou? Como era antes a comunidade?

**Gaspar-** Diminuiu # diminui.

**Geralda-** As pessoa fora embora quase tudo. Tem bem poco morador. A juventude quase não tem.

Preciso dizer que o sotaque alemão é muito perceptível na fala de Dona Geralda. Já seu Gaspar, é italiano. A esposa descendente de alemães e o marido de origem italiana, assim como é com meus pais.

**Gaspar-** Tinha 70 e poca família aquele tempo e no começo. E agora temo até 30.

**Geralda-** Se eu precisasse de pedi pra uma moça, tu vem me ajuda uns dia, não se acha. Tem duas guria nova de uns catorze ano.

**Gaspar-** Os jovem que tinha uma vez no Grupo de Jovem aqui tem três ou quatro, parece.

**Geralda-** É #

**Eu-** E a relação com o Rio com vocês mudou daquele tempo pra cá mudou?

**Gaspar-** É uma vez se \*\*\* Bom. Quase normalmente se usa hoje também o rio. Mais. Só que a gente nota que onde que tem, onde ficou, onde se criou a mata nativa e ficou é diferente o rio, a água. Tem parte que ficou.

**Eu-** Protegeu?

**Eu-** E com a barragem, o rio mudou?Notaram alguma diferença.

**Gabriela-** Nas Antas?

**Gaspar-** Aqui não tem barrage.

**Eu-** Lá pra cima.

**Gaspar-** Lá na Flor do Sertão só.

**Gabriela-** O rio seca bastante, quando eles fecha a água lá. Teve um ano que morreu peixe a monte. Por causa que fecharam lá.

**Eu-** Tá pra sair mais duas, aqui pra baixo,né!?

**Gabriela-** Uma na Barra do Herval e uma lá embaxo.

**Eu-** E qual a expectativa para o Rio daqui pra frente?

**Gaspar-** Eu, pra mim, eu acho que vai piorá. Não sei se eu to errado, mas eu acho que sim.

**Eu-** Porque o senhor acha que vai piorá?

**Gaspar-** Agora com essa usina vai te mais umidade. Vai te. Sabe lá. Mais umidade é quase certo que vai te, porque daí vai te muita serração daí.

**Geralda-** Já bateu.

Dona Geralda usa a palavra bateu pra se referir que a serração já está tendo da comunidade.

**Eu-** E que futuro vocês esperam, desejam para o Neco pro Antas?



**Gaspar-** É. Eu acho que tinha que. Sei lá. Protege. Consegui fazer alguma coisa. Porque. Senão muda. Vai mudar cada vez pra pior. Teria que protege ele. Preserva. Planta árvore. Acho eu.

**Eu-** Uhum.

**Gaspar-** Porque nós somos os destruidores da mata. Agora a gente tá vendo que podia ter deixado um pedaço.

**Gabriela-** Preserva.

**Eu-** E o Microbacias tá ajudando vocês? Orientando?

**Gaspar-** Estão orientando, mais. Mas tinha que muda mais. Tinha que bota meio no. \*\*\* Senão o pessoal não faz.

**Eu-** Pressão?

**Gaspar-** É sim.

**Eu-** E pra você Gabriela, o que você espera para o Rio?

**Gabriela-** Acho que teria que para e pensa um pouco e como os negócio das barragem não vai dá muito certo... Por causa que os beneficiados vai se o governo e as pessoa, aqui só vai piorá pra gente. E teria que... Plantar mais árvores em roda dos rios. Preservar os pequenos rios que ainda tem, senão eles vão sumi.

**Gaspar-** As hidrelétrica não vai beneficiar a nós. Nós temo luz de sobra aqui. Por que que vamos. Acaba tudo os rio.

**Geralda-** As multinacional.

**Eu-** Sim #

**Gaspar-** Por exemplo, aqui, se fechar aqui no bolão, aqui, por exemplo, vai vim água do rio, se fechar ali no bolão. Vai fazer o quê? Muitas propriedade que tenha um pedacinho de terra pra trabalha na beira do rio, vai embora.

**Eu-** É. É uma pena.

Finalizei a entrevista e pedi que minha mãe fotografasse a gente. Antes de irmos, mostrei para eles o “retrato”. Ficaram contentes. Dona Geralda até pediu para almoçarmos lá. Vontade não faltava, pelo menos, da minha parte. O cheirinho da comida que era preparada no fogão à lenha dava água na boca, ao mesmo tempo em que me deixava mais preocupada em não conseguir realizar as outras duas visitas que faltavam e que haviam sido programadas para hoje. Agradei o convite do almoço e ressaltai a importância da ajuda deles para o meu Projeto. Ademais, desejei saúde e felicidades à família.

Fomos embora da propriedade da família Proemi e seguimos em direção à casa dos Campeleti, por sugestão do meu tio. Ao chegarmos à propriedade, que como é comum às demais, não é cercada, os cachorros vieram nos recepcionar. Os três cachorros eram bem mansos, não tive medo de sair do carro. Geralmente, espero um pouco para sair, porque tenho um pouco de receio com os cachorros, ainda mais que ali perto ficam soltos dois filhas, nem um pouco dóceis. Mas assim que saímos do carro, seu Gilmar Campeleti apareceu. Disse ele que estava arrumando as máquinas, não lembro bem o que era especificamente e antes mesmo de eu explicar o motivo da visita, convidou-nos a sentar na sacada. Não sei se é o comportamento comum deles, logo chamar o visitante para entrar, mesmo em se tratando de gente estranha, ou me convidou porque eu estava com o meu tio, que é conhecido dele. Acho que são as duas coisas. Os agricultores, pela experiência que estou tendo, têm se mostrado bem acessíveis e hospitaleiros. Aceitei o convite e meu tio ficou ali comigo, enquanto minha mãe e meu outro tio caminhavam pela propriedade. Meu tio puxou papo, conversa sobre as eleições desse ano, sobre a propriedade. Só depois explicitiei sobre o a minha pesquisa e pedi autorização para proceder com a entrevista. Quando explicava meu Trabalho, Dona Gilza, esposa do Seu Campeleti, veio na varanda. Ela pegou uma cadeira enquanto comentava que estava com a comida no fogão. Ao meu apresentar a ela, respondi que não queria atrapalhar e que poderia ficar à vontade para voltar para a cozinha. Acho que ela estava tão curiosa, que preferiu ficar ali e participar da entrevista.

Vale dizer que é impressionante como as casas são parecidas, até mesmo as cores, as divisórias, tudo! Outra coisa comum é a idade dos moradores. Alguns me falaram suas idades, mas os que não falaram, é estimado que tenham, também, por volta de 50 anos, como seu Gilmar e Dona Gilza. Ainda não comentei sobre as vestimentas

dos moradores, mas, pelo que observei, eles se vestem de forma semelhante, simples – o chinelo “havaianas” é quase unanimidade, mesmo com o dia frio como estava. Voltando à conversa.

**Eu-** O rio Neco passa aqui, também, né?

**Gilmar-** Passa. Passa.

**Gilza-** Ali pra baixo.

**Eu-** E que importância tem o Neco, o Antas na vida de vocês? Pro dia-a-dia?

**Gilmar-** O rio?

**Eu-** É.

**Gilmar-** Ah. Tem tudo a vê.

**Gilza-** O tempo que o gado tomava ali.

**Gilmar-** Se faltar água, pelo amor de Dio. A gente vê quando dá uma seca, né. Que em primeiro lugar é a água no Rio.

**Eu-** Uhum.

**Gilmar-** E sabe que a gente preserva o Rio, né. Eu planto. Eu tenho tudo mato nativo na beirada do Rio, né E tem gente pra cima, né, que vive dentro do rio, quase. Larga sujeira no Rio. E são cabeça da Microbacia ainda. Fazem reunião, fazem tudo, mas não enxerga o outro lado.

**Eu-** E vocês fazem parte do Microbacias?

**Gilmar-** Eu não tô. Tava uma vez, mas saí fora. A gente tem um pouquinho. A gente vê longe as coisa, né, eu me boto no Microbacia e tão me condenando, eu. Então eu faço a minha parte. Eu faço a minha parte. Alguém que vim vê toda minha propriedade, minha terra, é tudo mato em roda do rio. Mas tem gente que mora em cima do rio, são da diretoria, né, invadem criação dentro do rio, manguerinha embora vai tudo dentro do rio. Eu acho estranho isso aí.

Seu Gilmar quando fala da “manguerinha” quer fazer menção aos dejetos de suínos que são lançados no rio quando as esterqueiras estão cheias. Eu não presenciei esta cena em nenhuma propriedade, até porque, nem todos os moradores estão criando suínos, atualmente. Todavia, o que seu Gilmar fala acontece bastante em outras localidades da região, apesar da fiscalização da FATMA e do Ministério Público. Também, é preciso dizer, que se atribui ao lançamento de dejetos oriundos da suinocultura a perda de qualidade das águas e a contaminação dos mananciais regionais, inclusive do Rio das Antas.

**Eu-** E que outra importância o Rio tem pra vocês? E a Comunidade?

**Gilmar-** A água eu acho que aqui é sempre. É claro que aqui não existe mais peixe no nosso Lajeado, não tem mais peixe. Então quando falta na propriedade, então a gente vai se abastecer daquela.

**Eu-** Uhum.

**Gilmar-** A Água, eu pra mim. É o símbolo, é a primeira coisa, né. Então o corpo sem a água, não é nada.

**Gilza-** Esses dia que seco o rio, tinha que se abastecer tudo por lá pra levar no gado.

**Gilmar-** Eu acho que a água. O rio é abastecido pela, pelo. Por exemplo. A lágrima, sempre tem, o lugar, quando tu passa pelo rio tu vê, tu vê a pedra, a água que desce, tu não vê ela correr. Mais uma fontezinha, mais outra. Ali onde que passa a água. Tudo veio do moro. Isso aí é importante pra gente.

11:30 da manhã, olhei no relógio, quando nos despedimos da família Campeleti. Pensei: falta uma visita ainda, em 30 minutos eu consigo fazer a entrevista. Mas não deu tempo de dizer: “segue tio”. Meu tio que veio dirigindo o automóvel, assim que entrou no carro, disse que não poderia mais ficar e teríamos que ir, pois, ele tinha compromisso ao meio-dia. Como eu dependia dele e ele havia feito um grande favor em me trazer a campo, não pude objetar, tivemos que ir embora. Triste fiquei, sim, por um momento. Mas, paciência se tiver que voltar mais uma vez para realizar as entrevistas. Logo esqueci a tristeza e vendo o cenário, alegrei-me novamente. Fui chupando umas bergamotas que coletamos no pomar da Dona Nelsiane, para enganar a fome que eu já

estava sentindo. Depois de 25 minutos de trajeto, com o sol do meio-dia fervilhando o carro com a gente dentro, chegamos à cidade. Deixamos um dos meus tios que é de Descanso. E seguimos para São Miguel, rápido, para meu outro tio não perder seu compromisso. Eu acho que ele não perdeu não. Sua pressa, penso, era somente por fome.

De tarde, recebi uma ligação. Era a minha Tia de Descanso. Não me espantei com a ligação porque é de costume ela me ligar todos os dias. Só que dessa vez, ela ligou com o intuito de me dar uma boa notícia. Uma das moradoras que eu havia entrevistado, a dona Claudete, sabendo do meu interesse em conhecer melhor a história da comunidade, reuniu algumas informações e prometeu entregá-las para minha tia. As pessoas da comunidade são muito prestativas, não é por nada que eu me apaixonei por aquele lugar.

Relembrando o dia de hoje, revendo as fotos que foram tiradas e começando a transcrever as narrativas, sinto-me imensamente feliz e satisfeita com o trabalho que realizei até aqui. Apesar de ter ficado para trás uma das visitas que estava planejada, acredito que as outras foram muito proveitosas e as narrativas coletadas muito interessantes, provavelmente, essas histórias enriquecerão o TCC. Ademais, o contato com a comunidade, com as famílias, com a natureza, com o Rio foi uma experiência maravilhosa! Valeu a pena todo o esforço e a minha preocupação antecipada!

### **Diário do dia 04.08.08**

Reinício do segundo semestre na Universidade. Por sinal, meus últimos meses como acadêmica de Ciências Biológicas. Começa a expectativa, aliás, muitas expectativas. É um momento muito especial, a concretização de um sonho, ser Bióloga. Sem delongas, hoje, pela manhã, enquanto eu preparava as malas para meu retorno, o telefone tocou. Era minha tia, outra vez, desejando sucesso no curso e boa viagem. Mas não era só. Durante o final de semana, ela, por conta própria, foi atrás de um senhor, seu Romeu Berti, ex-morador do Taquá, que se dedica a preservar a história da Comunidade. Ela me contou empolgada, que foi até a casa dele e, realmente, ele tinha muitas fotos e registros antigos sobre a comunidade do Taquá e que poderia emprestar-nos. Ficou combinado, então, que minha tia pegaria esses documentos e entregaria a

meus pais para que eles providenciassem cópias e depois me mandassem. Fiquei muito entusiasmada com essa possibilidade! Eu tentei conversar com Seu Berti, pois me falavam muito a respeito dele, mas como ele é professor, todas as vezes que eu ia para campo, ele estava na Cachoeirinha, comunidade que também pertence à Microbacia do Lajeado Taquá, lecionando.

Minha tia também me deu outra boa nova. Outra vez, por vontade própria, foi procurar a Paróquia de Descanso, na tentativa de conseguir o histórico da comunidade do Taquá. Ela me disse que hoje, esse histórico foi levado até Chapecó<sup>71</sup> para ser publicado e que só na próxima semana teria acesso a esse documento. Nem preciso dizer o quanto agradei a minha tia. Ela por boa vontade, sem eu mesmo pedir nada, correu atrás de tudo isso. Estou muito feliz. O semestre está começando bem!

### **Diário do dia 12.09.08**

É. A saída de campo deste dia não passava pelo meu planejamento. Mas a vida é assim mesmo, ou melhor, pesquisar é assim mesmo. Nem tudo é tão certo como se imagina... Então, como achamos melhor (eu e Leandro, meu orientador), voltei ao Extremo-Oeste para fazer as últimas entrevistas, em busca dos causos, histórias e outros detalhes que demonstram as relações que não apareceram nas primeiras visitas. Espero não precisar voltar ao Taquá para fazer novas coletas, e, sim, para passear, curtir a paisagem, o rio, o bate-papo com os moradores e, melhor ainda, sem aquele compromisso todo e o peso do TCC. Sem delongas, vou contar-lhes como foi este dia.

O dia estava bem chuvoso, nada diferente dos últimos dias. Posso dizer, que desde que cheguei ao Extremo-Oeste, na quarta-feira, a chuva não pára. Sem contar o frio – fora de época. Que tempo maluco! Mas, não tenho escapatória, afinal, não posso voltar a Florianópolis sem essas entrevistas. Então fui. Acompanhada de meu pai, dos apetrechos de pesquisa e com um pouquinho de preguiça. Preguiça que sumiu logo que cheguei ao Taquá, vendo o verde brilhante da mata, que mais parecia o reluzir de diamantes, ofuscando meus olhos claros. Quando vi aquela paisagem estonteante, fiz meu pai parar o carro, ainda no alto do morro. Saí do carro e, por alguns minutos, fiquei

---

<sup>71</sup> A cidade é conhecida por ser o pólo regional do Oeste.

a observar aquele verde (minha cor preferida) por todos os lados, que me transmitia serenidade e paz indescritíveis. Da mesma forma que o flautear dos pássaros, que mais pareciam querer se mostrar para mim. Eis, que meus ouvidos alcançaram o som vindo das águas que desciam morro a baixo. Pareciam apressadas, compromissadas com alguma coisa (será?) e só iriam sossegar ao se encontrarem com o Rio das Antas. Que coisa mais linda! Pensando bem. O dia chuvoso também tem sua beleza e singularidade.



Ilustração 35 - Verde brilhante

Entrei no carro e continuamos a “viagem”. Enquanto nos dirigíamos até o coração da comunidade, eu e meu pai íamos batendo um papo. Tínhamos muito a conversar, já que fazia dias e dias que não o via, mas a conversa acabou ficando restrita a pesquisa. Acho que por meu pai estar, também, um pouco apreensivo com meu Trabalho, preferiu gastar esse precioso tempo me ajudando a pensar na pesquisa.

Conversa vai, conversa vem, ele sugeriu arriscarmos a ir até a família Turim, cuja propriedade limita diretamente com o Rio das Antas. Concordei, é claro. Conversar com Dona Inês e seu Inácio é sempre muito agradável, não teria como recusar. E fomos, ainda que na possibilidade de não os encontrar em casa, já que com o dia chuvoso, os moradores aproveitam para ir para a cidade. Também, como não era dia de consulta do

BioSaúde (as consultas são quinta-feira e sábado), a possibilidade de não estarem em casa era ainda maior. Durante o percurso, ia pedindo para meu pai parar o carro para que eu conseguisse fotografar algumas coisas:



Ilustração 36 - A casa escondida pelo mato



Ilustração 37 - O Neco servindo de fonte para o gado

O tempo que levamos até a propriedade de Seu Inácio e de Dona Inês foi de 20 minutos, contando do Topo do Morro (onde se considera o início da comunidade de Taquá) até a margem do Rio das Antas, onde se localiza a moradia dos Turim. Achei o deslocamento hoje bem mais rápido que as outras vezes que vim, o que é estranho



pensar, por conta de tanta chuva que caiu na região naqueles últimos dias. Meu pai até comentou, seguidas vezes, o quanto a estrada estava boa, bem conservada. Talvez a Prefeitura tenha feito melhorias na estrada (já que é tempo de eleição), o que, provavelmente, permitiu que fizéssemos a trajetória num tempo menor que nas vezes anteriores.

Chegando ao portão (que mais parece com as antigas porteiras) que dá acesso a casa dos Turim, aquela imagem linda, já descrita nas outras visitas de campo: As curvas majestosas do rio, guardadas, cautelosamente, pela mata-galeria, nas duas margens. Para embelezar ainda mais, tem-se o morro, completo de árvores e que, hoje, tem a companhia de nuvens baixas, que num vai-e-vem, mudam de posição. Este cenário, repito, um dos mais belos que conheci, fazem-me pensar sempre nas palavras de Drummond de Andrade:

“A água serpeia entre musgos seculares. Leva um recado de existência a homens surdos. E vai passando, vai dizendo, que esta mata em redor é nossa companheira, é pedaço de nós florescendo no chão”.

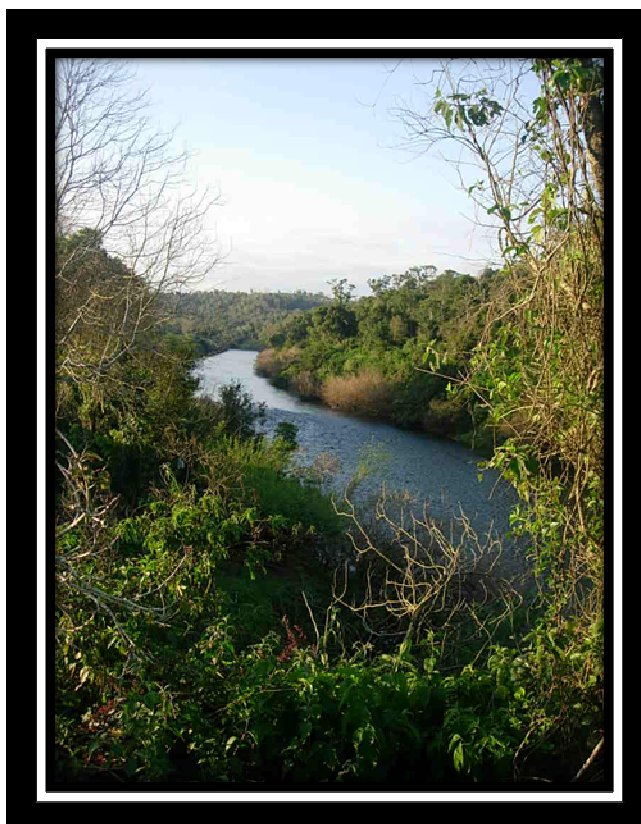


Ilustração 38 – O serpear das águas...

Agora, volto-me a tarefa de contar sobre a visita de campo e compartilhar o desapontamento de não encontrar a família Turim em casa. Fiquei muito triste. Chegamos a casa, como o de sempre, os dois cachorros da família, vieram nos recepcionar – bem, por sinal, parecem nem nos estranharem mais.



Ilustração 39 - Branquinho e pretinho

Janelas fechadas, ninguém na sacada, como eu não imaginava. Realmente, não estavam. Batemos palmas, circulamos um pouco, dei uns gritos, chamando o nome deles. Mas nada. Enquanto meu pai comia umas ameixas, esperando que eu decidisse o que fazer, aproveitei para fotografar:



Ilustração 40 – Fogão de lenha... E uma rede na varanda...



Ilustração 41 - Chás e saberes na Horta

Na minha cabeça, nenhuma saída existia, agora que eles não estavam. Que desespero! Já imagino o pior e, naquele momento, o pior era não conseguir concluir meu TCC. Meu pai percebeu a minha angústia pelo meu emudecimento e disse que poderíamos esperá-los voltar ou ir nos vizinhos procurá-los. Mas já eram duas e meia da tarde. Como ter certeza que voltariam antes da noite? E onde encontrá-los?

Ai pai, vamos embora. Deu de comer ameixa! Pra onde vamos agora? Eu falei.

Já sei. Respondi as minhas próprias indagações. Resta-me conversar com a família Grandim, com quem mantive bom contato e fui bem recebida da última vez.

Embarquei no carro, voltando a entusiasmar-me com a lembrança da conversa profícua e agradável que tivemos na ocasião passada com os Grandim e com a expectativa de que a conversa, hoje, fosse ainda melhor. Expliquei bem o caminho ao meu pai, posto que ele não me acompanhou naquela saída de campo, nem mesmo conhece a propriedade da família Grandim. E fomos tranquilos. Bem mais tranquilos, posso dizer.

Voltei a acalmar-me e logo, meus olhos, ouvidos, e outros sentidos também voltaram a captar detalhes do Taquá: As árvores de bergamota e de laranja menos carregadas que a vez passada (é, agora só o ano que vem), os passarinhos alvoroçados a passar em nossa frente e os morros, circundados pelas nuvens baixas, por ocasião da chuva e que me fizeram pedir, novamente, a meu pai, para que parasse o carro. Claro, eu queria fotografar! TUDO!

Fotografei e depois entrei no carro. O carro parou mais duas vezes para que eu registrasse aqueles detalhes e na quarta parada, encontramos um agricultor, com seu típico chapéu de palha, (mesmo com chuva) na beira da estrada. A princípio não o reconheci, talvez, porque o chapéu escondesse um pouco o rosto. Depois de conversarmos um pouco, ali mesmo, no meio da estrada, assuntos puxados pelo meu pai: o tempo (é claro, sempre presente nas conversas), o gado, a comunidade, entre outras coisas, que não recordo bem, reconheci o homem com quem conversávamos.

Ah, eu já tinha entrevistado o senhor. Eu interrompi. Ele me respondeu faceiro por eu tê-lo reconhecido e me disse que assim que o carro passou, ele viu que era eu. Sorri e acenei com a cabeça, “dizendo” que sim. Seu Gilmar Campeleti, entrevistado na visita passada, era um “italianão”, com voz grossa, mas traços de fisionomia delicados e, ao mesmo tempo, que denunciam a vida de agricultor – árdua, e feliz.

Chega de parar, pensei eu. Despedimo-nos do seu Campeleti (reparei, agora, como chamamos mais as pessoas pelo seu sobrenome que pelo próprio nome, isso é muito comum no interior e seguimos para a casa dos Grandim. Mas paramos mais duas vezes, a pedido meu, para que eu fotografasse o cemitério da comunidade e outra casa abandonada.



Ilustração 42 – A casa abandonada entre o capim

Seguindo em frente, mais um agricultor na beira da estrada, encontramos e, como é de praxe, um aceno espontâneo, de ambas as partes. Gosto muito desse jeito dos agricultores, nesses gestos de cumprimentar, retirar o chapéu, erguer a enxada, revelam sua humildade, benevolência e respeito para com o próximo.

Enfim, chegamos à casa dos Grandim. Casa muito simples, por sinal, construída de madeira e sem pintura. Assim que saímos do carro, as pessoas da casa já foram para a varanda olhar quem era a “visita” (nesse lugarejo, a visita é quase só dos vizinhos e, geralmente, não vem motorizada, mas a pé, por isso, a surpresa). Seu José estava na horta, que fica em frente da casa e assim que pedimos licença, ele já veio ao nosso encontro, cumprimentou-nos e gritou pra esposa providenciar cadeiras. Vale comentar, que somos tratados tão bem quanto alguém da família, isto não é característica isolada dos Grandim, mas foi uma postura comum aos outros moradores da comunidade. Acredito que esta receptividade e, por que não dizer, confiança, que demonstram durante a visita, deixa-me mais tranqüila e, possivelmente permite que o diálogo aconteça de uma forma mais natural. Lembro-me de apenas uma entrevista que a conversa não fluiu bem, ou não foi como eu havia esperado, foi quando visitei a Dona Tibilisi. Não que ela não tenha me recebido bem, o fato é que ela parecia não gostar de conversar. Ficou um diálogo “picado” e eu não sabia como lidar com isso.

Voltando aos Grandim, fomos convidados a sentar na varanda, por onde permanecemos por quase duas horas – bem proveitosas e aprazíveis. Seguindo o

cerimonial de sempre, a conversa iniciou com assuntos triviais como, o tempo (lógico!) e, depois, passamos a conversar sobre o meu Trabalho, a última visita, etc. Neste momento estávamos na varanda, eu, meu pai e seu José, quando a esposa de seu José, Dona Rosa, com o pretexto de oferecer uma cuia de chimarrão, veio até a varanda, e permaneceu ali. Que bom, pensei. E reforcei a ela, dizendo que poderia ficar. E ela ficou mesmo, diferente da vez anterior, que permaneceu apenas dentro da casa. Como já descrevi um pouco sobre seu José, não vou estender contando a mesma coisa, prefiro falar das impressões que tive da sua esposa. Dona Rosa, é uma mulher bonita e aparenta ser mais jovem do que é, estimo que tenha uns 45 anos. Já na primeira visita me tratou bem, mesmo que com um certo distanciamento, e, desta vez, pareceu ser menos recatada, falou quase mais que o marido. Fiquei pensando que, talvez, a atitude minha de reforçar o convite para participar da conversa, tenha a feito permanecer conosco. Ou não. Pode ser, também, que na outra vez, não pôde ficar conversando porque tivesse outros afazeres, posto que, pelo que percebi, naquela família, acaba existindo uma divisão mais “precisa” do trabalho: a mulher cuida da casa, da roupa, da comida e, o homem fica com a lida da roça, tratar os animais, etc. Claro que isto não impede de a mulher ajudar o marido, todavia, por tudo que vi, acredito que o contrário não se aplica.

E, depois do consentimento deles, passei a gravar a nossa conversa:

**Eu-** Então, qual é a importância do rio pra vocês? Aqui? Pra família de vocês?

**José-** A importância é grande, né. Água, Peixes. E. Tudo, né. Até pro lazer serve o rio das Antas.

**Eu-** E vocês foram. O pai do senhor. A mãe do senhor foram um dos primeiros Daqui do Taquá, né? E daquela época pra cá, mudou alguma coisa? Como que...

**José-** O uso da água do Rio era... Na época que nós entramos aqui... Era... Era quase 100%, né. Por que tu ia achar água aonde? Daí o pessoal foram se construindo e faturando as água, né. \*\*\* as que tem hoje, né. E na verdade, quando que nós chegemos aqui a água desse rio ali era que nem tu achar uma vertente de água ali, ia sair água limpinha, as lages limpa, peixes. Coisa linda. Linda. Linda. Coisa linda isso aí.

**Eu-** E que tipo de peixes que vocês encontravam aqui? Que tinha aqui?

**José-** Aqui na época, na verdade, era o... Lambari e a Traíra. Hoje existe mais. Mas na época. Lambari e Traíra. Concentrava aí.

**Eu-** E causos, assim, relacionados ao Rio das Antas. Os pais de vocês contavam?

**José-** Ihh (seu José se entusiasmou!). Na época... Hoje em dia, não. Mas, na época, falar pra i pro Rio das Antas, é que nem falar em festa hoje. Melhor ainda. Era pra i pro rio, toma banho, brinca na água, \*\*\*.

É, agora relendo as conversas, percebo o quanto me faltou habilidade para puxar mais essas brincadeiras. Eu poderia ter perguntado sobre que tipo de brincadeiras se fazia. Se os adultos iam junto com as crianças. Se eles sonhavam com os momentos a beira do rio, etc. Realmente, faltou-me experiência.

**Eu-** E hoje em dia? Eles # não vão?

**José-** Hoje alguma vez se vai. Mas é difícil. Aquela vez nós ia pra pescar... Pra... Pescar se ia duas, três vezes por semana porque dava peixe. Hoje não... Hoje não... não vale nem à pena ir. Se não é de rede, não pega nada.

**Rosa-** Poco # (Balbuciou)

**Eu-** E vocês pensam... Porque pode ter acontecido isso? Vocês pensam?

**José-** Na época... Foi muito abuso... Muito abuso com o Rio. A gente nem devia falar, mas... Teve gente que... Abuso demais com redes, até com esses dinamite, com esse cacorete (será que é isso mesmo?) que dizem, que usam pra matar os peixe, pra pega..

**Eu-** Como que é?

**Meu pai-** Dinamite.

**José-** Dinamite...

José completa: Alguns diziam cacorete, \*\*\*, detona com o peixe, morre e vem pra cima.

**Eu-** Sobe...

**José-** Eu não vi. Mas, ouvi gente falar que apodreceu muito peixe no rio.

**Eu-** Tá louco.

**José-** Então... Na verdade... Foi abusado # O pessoal... Tinha gente que não. Que nem nós que ia pescar de linha, A gente não... Pescava lá o suficiente ou até um pouco mais por \*\*\* Mas tinha gente que levava peixe de abuso, né.

**Eu-** Sim...

**José-** Se fosse assim controlado que nem hoje se controla com os... os pássaros e até com os bicho do mato, existia sempre uma vez. Assim não funciona.

**Eu-** E os bichinhos vocês encontravam algum aqui? Jaquatirica?

Com essa pergunta seu José se entusiasmou ainda mais.

**José-** Tudo. Tudo. Isso vinham, vinham pra gente caçar. Não precisava ir atrás. Que nem porco-do-mato hoje não existe mais. E existiam tropas. Quanta caçada de porco-do-mato. Pelo amor de Deus. Quatis. Era abundância. Passarinho de todo tipo. E hoje tem passarinho, hoje tem passarinho que tu até esqueceu.

**Rosa-** Hoje tu não se sabe mais o gosto deles, não se come mais.

**José-** Tatu então. Nem se fala.

**Meu pai-** Aqui deveria ter muito Tatu, né.

**José-** Vixi. Tinha. Até ainda hoje tem um atrás da \*\*\*

**Meu pai-** É?

**José-** Outro dia me caiu dois dentro da esterquera aqui. Eu tirei fora e larguei eles.

**Eu-** Isso faz tempo?

**Rosa-** Não... Mas não muito tempo.



**José-** Um faz um seis meses outro mais de um ano. Cairam dentro da esterqueira. Que eu não trabalho mais com porco. E tavam eles lá. Achemo eles sofrido, coitadinho. E peguei e tirei eles fora e \*\*\*.

**Eu-** E se foram.

**José-** Teve um que me arrumo um juquiá faz uns... Não faz um ano. Aí o rapaz foi lá e o juquiá tava lá e o tatu dentro. Trouxe ele pra casa, e daí queria carniá. E eu disse: faz favor, vamo tira esse aqui daqui e me leva ele lá pra cima do \*\*\* que ele vai pro mato. E nós tinha visto os pequeninho.

**Eu-** Nossa.

**José-** E daí era \*\*\* era a mãe. Me vai cuidar dos filhotinho.

**Eu-** A outra vez, a senhora sua mãe contou que quando chegaram tiveram que abrir o mato.

**José-** O pai abriu um km de estrada do morador aí do pé do moro pra cima aqui \*\*\* Abriu a foice. Abriu a estradinha pra vir de carroça.

**Eu-** E me diz. Tinha muita araucária aqui?

**José-** Araucária aqui não existia. Existia uma que outras. Ninguém manja. Nativa só tinha uma aqui. Que eu conheci. Mas tinha algumas que os morador planto.

**Maria-** Boa Tarde.

**Eu-** Boa tarde. Pode chegar. Participar.

E dona Maria ficou ali conosco também.

**Eu-** E outros causos que os mais antigos contam daqui? O pessoal mais antigo conta do rio?

**José-** Não. Aquilo ali eu praticamente eu me criei aqui. Quando entrei aqui tinha cinco ano e meio, seis ano. É \*\*\*. Tem muita história pra contar. Só que hoje a gente também não...

**Eu e meu pai-** A gente esquece.

**José-** A gente vai indo, indo e não se liga mais, como se diz a coisa,né.

**Meu pai-** A coisa \*\*\* a coisa do passado vai se perdendo.

**José-** É, aqui muitas vez nós, a rapaizada até uns casado, pegava o cavalo na hora do meio-dia e ia lá pro Rio das Antas só pra toma um banho.Toma um banho.

**Meu pai-** Uma aventura.

**José-** É. Atravessa o rio. Brincá, toca violão, cantá. Nós se fazia isso.

**Rosa-** Acho que nem os próprios pai não sabem porque os filho não ligam mais pra ir... querem só diversão e festa.e...

**José-** E \*\*\*. Naquela época lá a nossa diversão. Não existia bodega. Não existia igreja, não existia nada. Se quizesse ir no terço. \*\*\* Naquela época era o terço. Se quizesse ir numa missa, era onde que o padre ia.\*\*\*. Onde os mais antigo do que nós. Senão era pega e i pro rio, ou ir caçá. Virá os mato. Caçá, pesca, ou #

**Eu-** Fazer coisas diferentes.

**José-** Joga bocha de pedra na estrada. (ria muito)

**Rosa-** \*\*\*. Tinha mais coisa que nem hoje.

**José-** Toma chimarrão nas casa dos outro, de repente. Joga quatrilha. Conta piada. (risos)

**Meu pai-** Hoje a juventude, na realidade, é mais saber festa, e se divertir, e, trabalhá assim, não é muito...

**José-** Hoje a juventude se não tiver uma moto pra eles ou, divertimento, dinheiro pras festa, pra cá e pra lá, corre de varde. Oia eu fiz 19 anos antes de ir num baile. Se ia nesse bailezinho de paiol, né, porque, quando se resolvia fazê um baile, de gaita e violão, nos paiol aí podia tá cheio de palha que se reunia ali 15, 20 pessoa, em meia hora já tava limpo e já tava dançando.

Enquanto José falava, Rosa começou a falar, não deu muito pra entender, de tão empolgado que José estava, a gravação da voz ficou imperceptível.

**José-** E hoje não. E hoje se não é música de. De.. que toca assim \*\*\* vanerão, valsa coisa assim, chote, ninguém quer mais sabe, que sabe dos batucão véio de arrebená coração. Dança ninguém sabe. Pega uma pessoa nova que saiba dança, é pouca. Bem pouca.

É, tive que concordar. Depois desse “batucão de arrebená coração” (adorei essa expressão do seu José), meu pai e seu José trovaram mais um pouco, a respeito da roça e das culturas de plantas que ele está cultivando. Esta parte optei por não transcrever. Nesse meio tempo, a roda de chimarrão corria e, cada pouco, dona Rosa vinha oferecer bolacha caseira e bergamota. Coisa boa, né!

Voltando a entrevista.

**Eu-** Todo o pessoal geralmente tem poço? A CASAN não abastece aqui?

José e Rosa respondem que não.

E as vacas no seu “Moo” sem parar também parecem querer participar.

**José-** Mas todo mundo tem fonte no rio.

**Eu-** O que é fonte? A diferença de fonte?

**Meu pai-** Fonte é assim... é...

**José-** Fonte é água de vertente.

**Rosa-** Ali embaixo aquela outra tua companheira que tava aqui junto foi ali embaixo tirar foto ali onde nós ia ia pega água antes.

**Eu-** Mas não usam mais essa água?

José e Maria respondem em uníssono que não.

**Rosa-** Ali no Fiume também fizeram um poço artesiano pra eles e um lá em cima do moro.

**José-** Lá são os mini-poços.

Pausa para o meu pai trovar um pouco com a Dona Maria. Meu pai foi coroinha do padre da cidade quando criança, então tinha assunto pra falar com eles. Não interessa aqui relatar. A conversa deles durou uma meia hora. Pai papudo.

Só importante relatar que nessa conversa surgiu o assunto da escola da comunidade, seu José nos fala:

**José-** A primeira escola foi construída aqui em 65 ou 68. Naquela a gente não sabia nada. Hoje qualquer criança já sabe tudo. Pra ti vê quantos anos que foi construído a primeira escola. Eu comecei i na aula com 11 ano feito e to com 53. Faz 44 ano. Não... Faz 42.



Ilustração 43 - Os alunos do Taquá em apresentação cívica

**Eu-** E faz tempo que o pessoal daqui tem poço? Quantos anos?

**José-** 2000. Abriu em 2000. Finalzinho de 2000 nós começamo a ocupar.

**Eu-** E por que vocês fizeram o poço? Faltava água?

**José-** Naquela época tinha seis aviário. E nas época de seca, o problema era a água. Que nem foi essa seca passada. Essa foi a maior até.

**Meu pai-** Essa última agora?

**José-** É. Antes de ter os aviário já tinha sido reivindicado ao prefeito. E foi, foi. Montaram o projeto e de repente nós fumo contemplado. E daí nós ganhamo 35 mil do governo federal e o resto nós botemo. Daí foi aberto um poço que não deu ponto e o outro aqui, e furamo esse aqui. Esse daqui começou com 16.300 a vazão dele. Mas começou com 21.800 até baixar.

**Meu pai-** É água.

**José-** É água. E saiu algum mil cúbico de água. É até um crime a água que foi fora quando estorava os encanamento. Colocaram nós sem experiência, e cada pouquinho é um estoro. Haja quanta água ia fora. Quanta água. Quanta água.

**Eu-** E vocês notam, percebem que antes de ter o poço, as pessoa ia mais pro rio?

**José-** Não. Nessa parte não. A base de não i mais no rio saiu... que nem nós tava falando, no divertimento da juventude, mudou. E o primeiro passo é a pescaria que não tem peixe. Tu vai lá não pesca. Fica lá meio dia e tu vai embora.

**Rosa-** Não tem peixe. O pessoal começou a desanimar.

**José-** Alguém às vezes vai lá com a redinha pra pega uns cascudo pra come, mas é muito pouco.

**Eu-** E a barragem da Usina, pode ter feito alguma coisa?

**José-** Eu acredito que com essas barrage aí, de repente, pode até... Em termo de peixe pode até melhorar um pouco. Mas a tendência é sempre melhorar aonde que existe a barragem pra cima. Pra baixo é difícil, né.

**Eu-** É.

**José-** Mas agora vai sair uma aqui em baixo aqui.

**Eu-** É certo que vai?

**José-** É certo. Vai sair mais uma aqui de cima. A tendência é com os lago maior produzi mais. Que nem eles fizeram aqui no Uruguai. O Pessoal da Defesa Civil, ambiental, largaram milhões e milhões de olevinos, o dourado, e peixes que estão em extinção, né. E apareceu. Apareceu até aqui no Antas teve gente que pegou aqui.

**Meu pai-** O dourado tem a tendência de subir.

Sobe sim, seu José respondeu.

Dona Maria estava muito quietinha, resolvi chamá-la mais uma vez:

**Eu-** E a senhora, a senhora lembra de algum caso, histórias da época que vieram pra cá, do rio... Da comunidade.

**Maria-** A gente lembraria, mas agora, só bobeira que eu tenho na cabeça.

Eu disse que ela poderia falar mesmo assim: “Eu gosto de ouvir”. Acho que esse foi o “click” para ela começar a papear.

**Maria-** No primeiro tempo, nosso primeiro vizinho era lá no que desce o \*\*\*. E o outro vizinho ficava pra lá dos Turim. E agora...

**José-** Eram bons aqueles lá. Era difícil não tinha estrada.

**Maria-** E pra passar \*\*\* não dava a pé então se passava a sanga 3 vez pra passa até o vizinho lá em baixo.

**José-** interrompe: “cinco vez mãe. Cinco vez”.

**Maria-** O cavalo passava por cima.

**Meu pai-** E a senhora veio do Rio Grande?

**Maria-** Não, de Capinzal. Que nem a gente foi a Taquá... Vocês sabem por que é Taquá?<sup>72</sup>

**Eu-** sei, mas pode falar.

**Maria-** Taquá não tinha marco. E dois catavam atrás do marco. Então um era italiano e outro era brasileiro. Ou alemão. Alemão acho que ele era.

José completa- Italiano e negro. Se diz negro. Brasileiro.

---

<sup>72</sup> O documento que fala sobre o nome do Taquá está em anexo.

**Maria-** Um sei que era italiano. E foram caminhando em cerca, em cerca, assim atrás do dito marco e o italiano acho o marco então ele queria fala em brasileiro, mas não sabia e disse: Taquá o marco. \*\*\* Em de tá aqui ou tá lá. Disse Taquá o marco. Por isso.

Achei o máximo. Interessante. Tá/Quá!

Dona Rosa começa a falar, mas de tão rápido que fala, não consegui entender direito. Mais ou menos foi assim:

**Rosa-** \*\*\* É engraçado que não é o Rio que mudou. Outro dia fui passeá lá na (não entendi o nome) paga uma continha lá da água e daí a mulher falo. Ela disse: “tu vê, anos atrás, a gente se ajudava lá embaixo com a Turim. Eu fazia o serviço pra ela e ela fazia o serviço pra mim”. E ela disse: “hoje em dia nem visita a gente vai se visita”. Às vezes a gente precisava sabe por que terminou essa...

**Eu-** Esse contato afetivo, né.

**Rosa-** \*\*\* Ela vinha lava roupa pra Turim, pra nona aqui, pra sogra.

Dona Maria interrompe, dizendo:

**Maria-** O que eu ajudei os outro. Às vezes fala, acha que não é verdade. Até o Proemi foi baleado por um bandido por um... Quem lavou o casaco cheio de sangue foi eu. E.. Ajuda um e outro. Pra cá e pra lá. Leite. Tanta coisa. E depois negócio de carreta. Cavalos. Pano de feijão.

**Meu pai-** E hoje, nós que moramo na cidade, ó o vizinho...

**Eu-** É... E por que será?

**Rosa-** Mas não sei.

**José-** Depois que os meio de comunicação entraram dentro de casa, daí \*\*\* fica mais acomodado.

“Antes mundo era pequeno, porque Terra era grande. Hoje mundo é muito grande, porque Terra é pequena. Pro tamanho da antena parabólica Mara. Ê, volta do mundo, camará. Ê, mundo dá volta, camará” (Gilberto Gil, 1994).



Ilustração 44 – A parabólica...

E a vaca continua..... Quase gritando. Será fome?

**Maria-** Mas se conta os causinho assim pras piazada, mas fazem farra, dão risada, porque isso, porque aquilo. Sabe, eu tinha uma rocinha ali, voltava em casa, botava a polenta pra ferver, até que ela fervia eu voltava pra dobrar aquele cantinho de milho e depois voltava pra fazer a polenta pra fazer o almoço. \*\*\* Eles acham que a nona nunca trabalhou. Eu fiz a minha parte.

**José-** Naqueles ano. De noite. Claro de lua ou foque. Ou em dois a cavalo, ou então cinco ou seis. Fomo lá faze cerol (cerão) na casa do fulado lá hoje de noite. E o que se fazia pra espera!? Todo mundo cantava. Era assim. E quando escutava a gente canta pode escuita, fica sabendo, tá vindo gente.

**Rosa-** A capelinha...\*\*\*. acompanhavam até lá em baixo. Hoje, mas duvido se vem uma pessoa da capelinha.



**Maria-** Que nem lá em Descanso mesmo. Uma zeladora tiro a capelinha de uma família. Porque oito dias a capelinha parada. Não sei não sei. Foi lá, a capelinha tava lá na dispensa. Não rezava o terço, não levava pra ninguém.

**Rosa-** Às vezes a gente vai em reunião. Eu vou bastante em reunião. Eu vou ministra, vo em Chapecó. A gente fala em mudar. Em volta o que era antes.

**José-** Que nem hoje as atividade mudaram tuda. Naquela época tu levantava de manhã cedo, passava a mão no chapéu e ia carpi até meio dia, ou roça, ou derruba mato, ou tudo que for,né. Ou planta, ou colhe e vinha pra casa e não tinha o que faze. E hoje tu tem que largar a roça pra trabalha em casa pra cuidar das criação, tirar leite \*\*\*.

**Maria-** Só que esse causo você tem razão. Só que quando uma família tinha quatro vaca, era \*\*\*. Então trabalhava na roça. Mas agora todo mundo lida com vaca. Tem que deixa a roça pra tirar leite. Uma vez era só queijinho de casa, nata de casa.

**José-** Mas também esses capoeirão que se vê era tudomilho e soja. Tudo olhava pra fora, pindurado nos peral, onde que desse. Hoje tu tem que ocupa as terra que dá. A lavoura também não dá dinheiro pro pequeno. Ela dá prejuízo. A gente tem que fazê \*\*\*.

**Rosa-** As piizada \*\*\*

**Eu-** E vocês tem filhos?

**Rosa-** Nós temo quatro.

**Eu-** Que idade eles tem?

**José-** Um tá com 30. Outro 27. Luiza 23...

**Eu-** E eles não moram aqui com vocês?

**José-** Só um.

**Rosa-** Aquele que tava com a carroça.



Ilustração 45 - O jovem do Taquá

**José-** Blumenau e Curitiba.

**Eu-** E eles trabalham com que lá?

**José-** Churrascaria.

**Rosa-** Essa é uma coisa que a gente discute muito nas reunião, porque tudo mundo sai de casa, né. Tudo vão pra cidade grande. E nas casa fica só. Tu vai passa aqui no Taquá, quantos jovens tu acha aqui?

**Eu-** E por que será que eles pensam assim? E querem ir embora?

**Rosa-** O padre também faz essas perguntas.

**José-** É assim ó. Que nem o pai conseguiu se colocar aqui. O pai não conseguiu dar terra pra todos os filho. Deu um pouco pra mim ficar aí. Aí agora eu. Vou fazer como se não consigo viver eu? Vou dá terra pra quem? Vou dá o quê? Vou dá um canto pra eles sofre também? Então lá eles vão. Se viram. Se viram melhor que eu. Não fazem muito futuro. Mas vivem melhor do que eu. Não esquentam a cabeça com nada.

**Rosa-** E mesmo se tivesse ganho não queriam. Que nem a minha filha que veio, ela tem um pedaço ali no matão, mas querem vende pra compra na cidade.

**Maria-** Mas só por que? Ela saiu da roça foi trabalha lá e lá numa boa, nunca mais ela vai carpi. E só.

Seu José, meio incomodado com que dona Maria, disse, a interrompe:

**José-** Mas mãe... Tu veja bem #

**Maria-** \*\*\* um pouco de cabeça, um pouco de inteligência de i pra frente. Que nem ele que mais trabalha assim mais vai pra lá e pra cá. Agora querem bota uma coisa aqui em Descanso, então.

**José-** Mas tu que vê. Ele tem quatro alqueire que conseguiu pelo banco da Terra, tudo terra de máquina. Mas não tem um palanque em cima. Agora você imagina. Vai lá constrói uma casa, um galpão de fumo, te constrói uma estrevaria, compra umas vacas, coloca energia. Se a terra vale 100 mil você gasta 120 mil pra se coloca em cima. E daí você não tem esse dinheiro pra fazer isso. Você vai financiar, você vai fica o resto da vida pendurado nos banco. E daí ele vai ter que trabalhar. Lá na cidade, ele sabe que vai ter que cumprir o relógio, mas não se incomoda com ninguém. Lá ele tem moto, tem tudo. Não vale à pena. Eu concordo com ele até.

Meu pai e eles papeiam mais um pouco, assunto que não acho relevante transcrever aqui.

Nisso, o filho passa com a carroça. Ai, queria conversar com ele também. Mas não teve jeito.

**Eu-** E qual é a expectativa de vocês pro Rio? Pra comunidade?

**José-** Volta o que era não vai volta. Nunca mais. Nem pensa. A gente tem as imagem que era. Mudo tudo. Tudo. Tudo. Tá totalmente inverso. Mas eu acredito que pelo menos a limpeza das águas vai melhorar muito. Vamo vê se o povo se conscientiza.

**Eu-** E não lembro se já pedi. Vocês fazem parte do Microbacias?

**José-** Tamo.

**Eu-** E vocês acreditam que a ajuda do pessoal tá ajudando de alguma forma vocês?

**José-** De vagarinho. De vagarinho tá.

**Rosa-** POCO. Mas \*\*\*

**José-** Mas não é aquilo que era pra ser. Tem gente que não colabora. E eu, se tivesse dinheiro e recurso e alguma coisa a minha parte... A minha parte tá mais da metade sacada fora, a minha idéia era ter sacado tudo. Só que eu não consegui fazer o poço fundo ainda pra produzir água na seca também, né. Mas se tivesse a água fixa, permanente lá, o rio estaria cercado eternamente.

**Meu pai-** Senão falta pros animais?

**José-** Daí vai faltar. Agora não, mas na época da seca, vai.

**Rosa-** E essa é a diferença da estragação do rio. Porque esses anos atrás não tinha tanto animal que ia tomar água no rio. E hoje tudo as casa, toda as propriedade, olha quanto animal que vai no rio toma água. E essa é a estragação do rio. Ainda mais no tempo de seca.

Assim, foi a nossa conversa: divertida, produtiva e agradável. Antes de irmos embora, Dona Maria quis nos mostrar seus trabalhos artísticos, para ver se eu me interessava. Primeiro, ela trouxe o chapéu-de-palha. Segundo ela, faz tempo que ela usa a palha para fazer chapéu. Achei muito bonito, bem tecido e o aproveitei para tirar uma foto. Quanto riso o fato provocou. Coloquei o chapéu e a gargalhada começou. Vendo que eu havia me empolgado, Dona Maria pegou os tapetes feitos por ela com sobras de tecido. Por esquecimento, não fotografei os tapetes. Mas posso dizer que era um mais lindo que o outro. É preciso comentar, ainda, que mesmo em cadeira de rodas e com certa idade, Dona Maria ainda continua ativa, ajudando no sustento da família. Esse é um fato comum no interior, onde as pessoas com idade avançada continuam nas atividades de sustento da casa e não se abalam tão fácil aos problemas de saúde, por exemplo.



Ilustração 46 - O chapéu-de-palha

Já estávamos quase de saída, quando chegou a vez de seu José me mostrar alguma coisa. Pediu ele, se eu me interessava por histórias de família. Eu respondi que sim. Então, ele pediu a Rosa que trouxesse o livro. O livro em questão era a história da família Grandim, com informações de oito gerações, desde os antepassados que viviam na Itália até os parentes que vivem hoje. Foi o momento de maior empolgação da visita. Dona Maria falava. Seu José falava. Dona Rosa falava. Todos ao mesmo tempo. Cada um tinha algo a me contar. Achei o livro muito interessante e, notando esse meu interesse, seu José disse que poderia me emprestar. Eu não sabia se aceitava ou recusava. Não queria aceitar pela falta de tempo para ler. Todo o meu tempo, atualmente, é dedicado para leituras que dizem respeito ao TCC. Mas, também, não queria desapontá-los. Acabei aceitando o empréstimo. Disse que cuidaria bem do livro, mas que só poderia devolvê-lo no final do ano, quando voltasse a São Miguel. Seu José, não viu problemas, ficou tão faceiro! Eu também fiquei!

Finalmente nos despedimos. Ah, ainda não. Tive que comprar uma rifa pra depois poder ir. Abraçamo-nos, “tudo de bom” e prometi voltar final do ano. Pra findar, meu pai elogiou a propriedade. Realmente, tenho que concordar. Ela é muito bonita, ainda que com toda a sua simplicidade.

## **Diário do dia 02.05.2008<sup>73</sup>**

A primeira visita ao local da pesquisa foi marcada por muita garoa e cerração. Neste dia não fui sozinha. Como a localidade é afastada, e depende-se de carro, pedi ao meu pai e minha tia que me acompanhassem, já que eles também têm conhecidos ali. Era de tarde, lá pelas duas horas, e chegando à comunidade de Taquá<sup>74</sup>, avistamos um homem. Expliquei o que faria e ele nos sugeriu conversar com o patrão dele. Então, fomos até à propriedade do referido. Seu Cláudio, o nome fictício que decidi usar, é um homem grisalho, estava no porão, fazendo salame e sua esposa, Dona Claudete, estava na horta. Ele tem 44 anos, e ela aparenta a mesma idade. Pedi licença e expliquei minhas intenções, e eles de prontidão nos convidaram para conversar. Ficamos ali no porão mesmo, depois de jogar conversa fora, comecei a seguir as perguntas do roteiro, mas mantendo o tom informal:

**Priscila:** O que vocês pensam sobre o Rio das Antas?

**Cláudio:** Ele é muito importante para o Taquá.

**Claudete:** Por exemplo, na época de estiagem, que tudo os riozinho perto secaram, se não tivesse o Antas aí.

**Priscila:** Vocês usavam a água do rio para beber?

**Cláudio:** Não, pra beber a gente usa a água do poço profundo da comunidade. Mas a gente pegava a água do Antas pra tratar os porco, molhar a horta.

**Priscila:** E pro lazer, vocês não vão tomar banho?

**Cláudio:** As piazada de vez em quando vão lá pescar, mas as últimas vezes, eles colocam a rede, e no outro dia a rede tá bem longe.

**Priscila:** Por quê?

**Cláudio:** Por causa da barragem da usina lá em cima, às vezes eles abrem as comporta, e com a força arrasta tudo.

**Priscila:** E mais algum problema por causa da barragem?

---

<sup>73</sup> Trata-se do Diário do Projeto de TCC. Resolvi utilizá-lo no TCC pois tem falas interessantes e que complementam as demais narrativas.

<sup>74</sup> Dá o nome à Microbacia Taquá.

**Cláudio:** De vez em quando aparece uns peixes boiando. Da noite pro dia, só vê o rio branco.

**Claudete:** É porque eles devem ficar sem...

**Priscila:** E desde quando vocês moram aqui?

**Cláudio:** Eu sou o morador mais velho que ainda tá no Taquá. Quarenta e quatro anos. Nasci aqui, essa casa era do meu pai. Eu era o mais novo, daí casei e fiquei na casa.

**Priscila:** E daquele tempo, pra cá, o que mudou aqui? E quanto ao Rio?

**Cláudio:** Antes a comunidade era maior, o vizinho tem o registro de todos nascimentos do Taquá. Hoje em dia sobraram umas trinta pessoas de 70 que tinha.

**Claudete:** E o rio de vez em quando tem uns peixe morto.

**Priscila:** E o senhor se mantém com o quê?

**Cláudio:** Produzo vinho, salame, tem mandioca. Agora comecei com gado de leite.

**Priscila:** E suínos?

**Cláudio:** Trabalhamos com terminação. Tem 700 cabeça de porco agora.

**Priscila:** E com os dejetos o senhor faz o quê?

**Cláudio:** Tenho o licenciamento ambiental. Só que agora vou dar uma opinião. De que adianta tê a licença se não muda nada.

**Priscila:** Por quê?

**Cláudio:** O Cara veio olhar, paguei a licença e deu. Ter ou não ter é a mesma coisa.

**Cláudio:** Hoje em dia, tem que ter uma distância do chiquerão até o rio, até a estrada, mas a gente pode ficar sentindo aquele cherão. Isso ninguém diz nada.

**Cláudio:** Não dá mais pra plantar pasto ali na sanguinha. Antes os primeiro chiquerão era em cima da sanguinha. E vem dize que faz mal. Antigamente era só pega o foque de luz de noite, e olhar ali no rio, cheio de lambari, comendo o esterco. Agora o pessoal da Epagri quer cercar o riozinho, pro gado não beber mais água ali. Vivo aqui 40 anos, e vou ter que dar aquele pedaço de terra.

**Priscila:** É por causa da mata-ciliar.

**Cláudio:** Agora eu deixei uns hectare? Pra reserva legal. E se eu não deixar, eu perco os beneficio dos projeto e dos financiamento. O que não inventam.

**Cláudio:** E vou dar minha opinião. Pode ver. Antigamente ninguém tinha faculdade, hoje eles incentivam a gente ter, mas tá todo mundo nus emprego pior ainda. Sabe que tão inventando faculdade, só pra ter o que as pessoa faze.

**Ivonete:** Os meus piá eu deixei eles escolher. Não faço questão que estudem. O mais novo ta com nós em casa. O nenê ta fazendo o segundo ano na cidade. Ele quer estudar. A gente deixa.

**Cláudio:** É até bom que tenha alguém pra deixar a propriedade, depois de tudo que trabalhamos.

Após sair da propriedade da família Fiume, fomos visitar a propriedade da família Turim, que fica bem mais próxima ao rio das Antas. O caminho é belíssimo, mas de difícil acesso. Tivemos que seguir a pé, pois o carro não chegaria até a casa. Chegando a casa, como é comum no interior, os cachorros avisaram nossa chegada, e logo a família estava na sacada: Seu Inácio (um senhor de uns 60 anos), sua esposa, Inês (aparentando a mesma idade), e um vizinho, seu José (idem). Como conheciam a minha tia, eles logo convidaram para entrar, sentamos na sacada, e então me apresentei e expliquei o motivo da visita. Segue a conversa:

**Priscila:** Qual a importância do rio na vida de vocês? Vocês o usam bastante?

**Inácio:** O rio não me deixa sair do lugar.

**Priscila:** Quanto tempo o senhor mora aqui?

**Inácio:** São 42 anos que temo contato com o rio das Antas. É um Rio que “nós sentimo” abandonar. Não abandonar. “Vamo” morar pra Descanso, mais a gente vai ver o rio de vez em quando.

**Inês:** É uma água bastante limpa. Bonita. Ela não é...

**Inácio:** Uma água de muita importância regional, não entra esgoto de cidade, que eu sei, dentro do rio.

**Priscila:** E os animais que margeiam o rio, na mata?

**Inácio:** Tem bichinho, mas a gente não ta mais caçando. Quem que assim invandi ali, a gente não deixa, pra vim quere mata os bichinhos, a gente avisa que a gente não faz isso, que não pode!

**Priscila:** Suínos, o senhor não tem? Já tiveram?

**Inês:** Porco a gente criava sempre antigamente. Criava bastante.



**Inácio:** Não solto, mas tinha chiquerão. Tinha galinha caipira, sempre o pátio cheio de galinha.

**Priscila:** Algum problema ligado ao rio?

**Inácio:** Ele alaga.

**Inês:** Alaga.

**Inácio:** Em tempo de enchente ele alaga. Essa planície alaga. Como a gente tinha roça, lavora, antigamente, prejudicava conforme a época. Agora que só tem potrero não prejudica bem dize.

**Priscila:** O senhor me falou que mora aqui há 40 anos. Mudou algo na comunidade, o rio daqueles anos pra cá? O que vocês notaram?

**Inácio:** O rio era bem mais saudável. A água era muito mais puro, hoje ela tá bastante cheia de agrotóxico, impureza de esterco. Bastante. A gente nota o tempo de estiagem o que a água do rio sofre. Não é só as Antas, é todo os riozinho.

**Priscila:** Os rios menorzinhos.

**Inácio:** Por causa dos agrotóxico e impureza de esterco. Isso mudo bastante.

**Priscila:** Vocês já consumiram água do Antas pra beber?

**Inácio:** Do rio das Antas não. Mas faz parte da minha terra, que vem do Taquá, que nasce na cabeceira do Taquá, esse rio sofre. É só potrero dos dois lado. Essa é uma água que até o gado rejeita muitas vez pra tomar. Eles vêm nas vertente que eu tenho pra cima na serra.

**Priscila:** Esse é o Rio Lajeado Taquá?

**Inês:** É. Ele nasce lá no morro.

**Priscila:** E os filhos seus, não quiseram continuar aqui?

**Inácio:** Não. O nenê mora na chácara em Descanso. Ele veio de São Paulo: Pai vai plantando grama, que eu não vou mais tirar leite. Vou plantar milho. Vou ajudar o pai, vamos cercar tudo, e você vem morar pra cá. E vai dar certo.

**Priscila:** É que é ruim ficar longe dos filhos. Chega uma época...

**Inês:** A gente já não..A estrada é ruim.. não tem condições. Vocês viram.

**Priscila:** A comunidade diminui, desde que vocês moram aqui?

**Inácio:** Cada dia menos.

**Priscila:** Vocês percebem, qual o motivo de o pessoal não querer mais ficar aqui?

**Inácio:** O motivo é vários. Um talvez se endivida, acaba vendendo a terra pra pagar a dívida, né, e sai pra trabalha de empregado. Outro desanima com preço de produtos. Outro desanima um pouco com a estrada, dá 42 km ida e volta. Pode marcar. Também os político esquece de nós aqui. Fica tudo abandonado.

Depois dessa conversa, fomos olhar o Rio, que passa bem em frente à propriedade. Durante essa caminhada, que acabei não gravando, saíram algumas idéias interessantes.

**Inês:** Tem vezes que quando chove não dá pra agüentar o cheiro, mesmo dentro de casa. Os chiqueirão dos vizinho tão 2km pra cima e quando eles espalham o dejetos no solo, só dar uma chuvinha, que desce rio abaixo.

**Inácio:** Essa barragem de Flor do Sertão mudou o rio. De vez em quando aparece uns peixe morto, sem falar que a água tá mais quente com a barragem. Agora tá pra sair mais duas usina aqui pra baixo. Se sair, esse rio tá perdido.

**Inácio:** O ano passado deu um problema sério com o rio. Quase ninguém sabe, porque mandaram abafar entre a vizinhança. Senão ia dar caso de cadeia. O guri do vizinho lavou esfumaçadeira de agrotóxico no rio, e contaminou tudo. Não tinha mais peixe.

**Priscila:** Mas e agora, como tá?

**Inácio:** Agora tu vê uns peixinho. Mas o guri não podia ter feito isso. Ele fez curso. Ele sabia do problema.

No final da caminhada, a senhora, toda empolgada, disse que queria mostrar-nos a sua plantação de chás. Ela disse que trabalha com chás há 16 anos, e que aprendeu isso no BioSaúde, que foi trazido por um padre da Dinamarca. Ela e seu esposo me contaram que depois que conheceram o BioSaúde, não usam mais agrotóxicos e o “medicamento” vem dali também. Fiquei surpresa que ela ia me mostrando os chás pelos nomes científicos. Nem eu sei tanto o que ela sabe! Foi uma visita bem interessante e agradável.

## **ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa “O Saber das Águas pelos múltiplos olhares da comunidade do Rio das Antas”, no caso de o senhor (a) aceitar o convite, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação à pesquisadora ou à instituição.

**Título do Projeto:** O Saber das Águas pelos múltiplos olhares da comunidade do Rio das Antas

**Pesquisadora responsável:** Priscila Fernanda Rech

**Instituição a que pertence o pesquisador responsável:** Universidade Federal de Santa Catarina.

**Endereço:** Bairro Trindade – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil – CEP 88040-970

**Telefones para contato:** (49)99862455

**Nome do voluntário:**

**Idade:**

**RG:**

**Responsável legal** (quando for o caso):

**RG** responsável legal:

**OBJETIVOS:** A pesquisa tem como intuito entender as relações da comunidade com o Rio das Antas em busca da melhoria da condição de vida dos moradores e do seu ambiente.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Caso concorde em participar da pesquisa, o senhor (a) será convidado a responder a uma entrevista relacionada ao rio e à comunidade. A entrevista poderá ser gravada, e costuma ter duração de meia hora.

Dessas entrevistas resultará o arcabouço empírico do projeto que se converterá no Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** O senhor (a) não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação e também não irá receber qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** É garantida a confidencialidade, o que assegura a privacidade do senhor (a) quanto aos dados obtidos via entrevista, sendo que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, não sendo vinculada identificação do entrevistado em nenhum momento.

#### **CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG \_\_\_\_\_, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Priscila Fernanda Rech dos procedimentos que serão utilizados, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade à pesquisa, concordando em participar desta. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

LOCAL E DATA:

---

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL

---

NOME E ASSINATURA DA PESQUISADORA

## **ANEXO II – Histórico da cidade de Descanso**

A colonização teve início em 1934, com a chegada dos primeiros colonos, na maioria de origem polonesa, vindos do município de Guaporé no Rio Grande do Sul. O cedro e o pinheiro eram o principal objetivo dos colonizadores. A Empresa Madeireira Chapecó - Peperi Ltda. vendeu as primeiras 50 colônias para Martin Piasieski, Ludovico Wronski e Antônio Tchecanoski que lideraram o primeiro núcleo formado no local. A origem do nome do Município deve-se à passagem da Coluna Prestes, que cruzou o território, em 1924, e, naquela localidade, ter permanecido descansando. A própria Coluna denominou de Descanso o lugar. Em 1953, com o desmembramento do município de Chapecó, o Distrito de Descanso passou a pertencer ao município de Mondaí e em 1956 foi elevado a Município.

### **Gentílico: descansense**

**Formação Administrativa:** Distrito criado com a denominação de Descanso, pela lei municipal nº 7, de 18-02-1950 ex-povoado, com território desmembrado do distrito de Mondaí e Itapiranga, subordinado ao município de Chapecó.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Descanso figura no município de Chapecó. Pela lei estadual nº 133, de 30-12-1953, transfere o distrito de Descanso do município de Chapecó para o de Mondaí.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o distrito de Descanso figura no município de Mondaí. Elevado à categoria de município com a denominação de Descanso, pela lei estadual nº 254, de 12-09-1956, desmembrado de Mondaí. Sede no antigo distrito de Descanso. Constituído do distrito sede. Instalado em 16-12-1956.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Pela lei estadual nº 863, de 14-12-1962, é criado o distrito de Santa Helena e anexado ao município de Descanso.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Descanso e Santa Helena. Pela lei estadual nº 956, de 24-03-1964, é criado o distrito de Belmonte e anexado ao município de Descanso. Pela lei estadual nº 4121, de 26-01-1968, é criado o distrito de Itajubá e anexado ao município de Descanso.